

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
EDUCAÇÃO, COMUNIDADES E MUDANÇA SOCIAL

Intervir com crianças e jovens em contexto não formal: que sentidos? Que possibilidades?

Daniela Monteiro dos Santos

M

2019



DANIELA MONTEIRO DOS SANTOS

Intervir com crianças e jovens em contexto não formal: que sentidos? Que possibilidades?

Daniela Monteiro dos Santos

Relatório apresentado à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação,
realizado sob a orientação da Professora Doutora Preciosa Fernandes.

Porto, 2019

Resumo

As transformações sociais, políticas e económicas que têm ocorrido nas sociedades contemporâneas introduzem novos desafios à escola e aos seus atores educativos. Com efeito à escola hoje é-lhe pedido que forme para o desenvolvimento global das crianças e jovens e, simultaneamente, aposte em processos que assegurem a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de competências que os capacitem para o mercado de trabalho.

“Cada aluno é um ser único e, como tal um sujeito de características específicas. Um eu em processo contínuo e em transformação permanente, que se desenvolve e se estrutura paulatinamente e globalmente.” (Damásio in Costa & Alves, 2015: 690)

Estas duas orientações têm colocado as escolas numa situação de tensão levando-as a adotar estratégias, e a desenvolver um trabalho em parceria com as instâncias locais no sentido de procurar conciliar os mandatos que lhe são atribuídos. Nesse contexto, são cada vez mais as relações que existem entre a escola e outras instituições locais que assumem responsabilidades na educação, como é o caso dos chamados “Centros de Estudo”, ou Atividades de Tempos Livres (ATL), local onde realizei o estágio. Sendo, estas, instituições que visam apoiar as escolas e as famílias no apoio ao estudo dos alunos a sua organização e modo de funcionamento configura-se de acordo com aquele objetivo.

"Os centros de actividades de tempos livres têm como finalidade criar condições que garantam formas de respostas mais adequadas as crianças e jovens, tendo em vista o seu desenvolvimento integral. Estes centros, pela diversidade de actividades que oferecem, pelo acompanhamento que realizam, em especial às crianças, tornaram-se numa resposta social cada vez mais procurada." (Sequeira & Pereira, 2004: 4)

Neste sentido, as possibilidades de se realizar um estágio profissionalizante em Ciências da Educação torna-se um grande desafio porquanto o tempo que as crianças passam na instituição é regulado por uma lógica escolar, com pouco espaço para a realização de atividades de carácter formativo global. Foi dentro dessa lógica institucional que desenvolvi o estágio cujas ações realizadas e a reflexão sobre o sentido das mesmas apresento neste relatório.

Abstract

The social, political and economic transformations that have taken place in contemporary societies introduce new challenges to the school and its educational actors. Indeed, school is today being asked to train for the global development of children and young people, and at the same time, to bet on processes that ensure the acquisition of knowledge and the development of skills that enable them for the labor market.

“Each student is a unique being and as such a subject of specific characteristics. A self in continuous process and in permanent transformation, which develops and is gradually and globally structured. ”(Damásio in Costa & Alves, 2015: 690)

These two orientations have put schools in a tense situation leading them to adopt strategies and to work in partnership with local authorities to seek to reconcile their assigned mandates. In this context, there are more and more relations between the school and other local institutions that assume responsibilities in education, such as the so-called “Study Centers”, or Free Time Activities (ATL), where I did the internship. . Being these, institutions that aim to support schools and families in supporting the study of students their organization and mode of operation is configured according to that goal.

"The centers of leisure activities aim to create conditions that guarantee more appropriate forms of response for children and young people, with a view to their full development. These centers, due to the diversity of activities they offer, the accompaniment they perform, in particular children have become an increasingly sought after social response. " (Sequeira & Pereira, 2004: 4)

In this sense, the possibilities of pursuing a vocational internship in Educational Sciences becomes a major challenge because the time children spend in the institution is regulated by a school logic, with little space for carrying out activities of global formative character. It was within this institutional logic that I developed the internship whose actions taken and the reflection on the meaning of them presented in this report.

Résumé

Les transformations sociales, politiques et économiques survenues dans les sociétés contemporaines introduisent de nouveaux défis pour l'école et ses acteurs de l'éducation. En effet, on demande aujourd'hui à l'école de se former au développement global des enfants et des jeunes et, parallèlement, de miser sur des processus garantissant l'acquisition de connaissances et le développement de compétences qui les rendent accessibles au marché du travail.

«Chaque élève est un être unique et, en tant que tel, un sujet aux caractéristiques spécifiques. Un moi en processus continu et en transformation permanente, qui se développe et se structure progressivement et globalement. »(Damásio in Costa & Alves, 2015: 690)

Ces deux orientations ont placé les écoles dans une situation de tension les amenant à adopter des stratégies et à travailler en partenariat avec les autorités locales afin de concilier les mandats qui leur ont été attribués. Dans ce contexte, il existe de plus en plus de relations entre l'école et d'autres institutions locales assumant des responsabilités dans le domaine de l'éducation, telles que les «centres d'études» ou activités de temps libre (ATL), où j'ai effectué le stage. . En tant que tels, les institutions qui visent à aider les écoles et les familles à aider les étudiants à étudier leur organisation et leur mode de fonctionnement sont configurées en fonction de cet objectif.

"Les centres de loisirs visent à créer des conditions garantissant des formes de réponse plus appropriées pour les enfants et les jeunes, dans la perspective de leur plein développement. Ces centres, du fait de la diversité de leurs activités, de leur accompagnement, notamment les enfants sont devenus une réponse sociale de plus en plus recherchée ". (Sequeira & Pereira, 2004: 4)

En ce sens, la possibilité de poursuivre un stage professionnel en sciences de l'éducation devient un défi majeur, car le temps que les enfants passent dans l'institution est régi par une logique scolaire, ne laissant que peu d'espace pour mener à bien des activités de caractère formateur global. C'est dans cette logique institutionnelle que j'ai développé le stage dont les actions entreprises et la réflexion sur leur sens présentées dans ce rapport.

Agradecimentos

Os agradecimentos seguem para todas as pessoas que me acompanharam ao longo deste árduo processo.

A **minha família**, que foi sem dúvida, o meu maior suporte e apoio nesta longa caminhada.

Aos **meus amigos e amigas** que me incentivaram sempre e me mostraram que eu sou capaz de realizar tudo aquilo a que me comprometo.

A **minha orientadora**, professora Preciosa Fernandes, que se mostrou uma mais-valia ao longo desta jornada, por todas as orientações e indicações que me deu.

A **instituição, profissionais e alunos/as** que me acolheram como se fosse da casa. Foram imprescindíveis para tornar tudo possível.

A **minha avó** que mesmo não estando presente fisicamente está presente em todas as minhas vitórias e sucessos.

O meu **obrigada mais sincero**, por cada um de vocês, ter feito parte desta caminhada. Sem vocês nada seria possível!

Abreviaturas

CE – Ciências da Educação

PAPES – Programa de Apoio e Promoção à Educação para a Saúde

DGE – Direção Geral da Educação

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

PES – Programa de Educação para a Saúde

ES – Educação para a Saúde

Índice

Página de Rosto	2
Resumo	3
Abstract	4
Résumé	5
Agradecimentos	6
Abreviaturas	7
Introdução	10
Capítulo I: Traços teórico-conceituais que organizam a ação	14
Nota introdutória.....	15
1. A Mediação Socioeducativa.....	15
2. Intervenção tutorial e desenvolvimento pessoal e social	18
3. Educação para a Saúde na formação escolar dos jovens.....	20
Capítulo II: Metodologia da ação	23
Nota introdutória.....	24
1. A investigação ao serviço da intervenção	24
2. A intervenção educativa: preocupações éticas	28
Capítulo III: O percurso: da entrada à realização	30
Nota introdutória.....	31
1. Caracterização do contexto	31
2. Entrada no terreno	33
3. Ações individuais com os/as alunos/as.....	36
a). Apoio ao estudo	36
b). Tutoria individual.....	37
4. Ações e dinâmicas em grupo.....	42
5. O estágio e o domínio de formação: um olhar avaliativo	50
Capítulo IV: Entre a idealização e a realização: Considerações Finais.	52
Referências Bibliográficas	56
Apêndices	60
Apêndice 1 – Exemplos de Notas de Terreno	61
Apêndice 2 – Consentimento Informado para Pais	104
Apêndice 3 – Consentimento Informado para Coordenadora e Professora.....	105
Apêndice 4 – Guião de Entrevista Semiestruturada	106

Apêndice 5 - Transcrição Professora/Orientadora Local	111
Apêndice 6 - Transcrição de Entrevista a Coordenadora	120
Anexos	124
Anexo 1 – Dinâmicas de Grupo – Reflexão Final.....	125
Anexo 2 – Workshops para 2º e 3º ciclo do ensino básico.....	125
Anexo 3 – Atividades finais de workshops realizadas por alunos/as	127
Anexo 4 – Panfleto “Violência no Namoro”	128

Introdução

A Educação tem sofrido transformações constantes ao longo do tempo, decorrentes das alterações políticas, económicas e sociais. Nesse contexto, a escola tem vindo a ser chamada para novos desafios e funções, o que requer fazer parcerias com outras instâncias locais no sentido de uma melhor educação

Desta forma tende a alargar-se a educação a espaços extraescolares tais como salas de estudo, explicações individuais e/ou em grupo, atividades de tempos livres (ATL) que segundo a Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº49/2005, de 30 de agosto, artigo 26º), têm “como objetivo permitir a cada indivíduo aumentar os seus conhecimentos e desenvolver as suas potencialidades, em complemento da formação escolar”.

Esta tendência está por seu lado, relacionada com o desafio de a educação escolar de contribuir para a promoção de uma aprendizagem para a autonomia. Desta forma, o desenvolvimento de áreas curriculares não disciplinares assim como o acompanhamento extraescolar ocupam, nos dias de hoje, um lugar cada vez mais nuclear na educação dos/as alunos/as.

Reconhece-se que a escola hoje não pode, sozinha, assumir essa missão apostando-se num trabalho em parceria (Leite et al, 2014) entre a escola e as instâncias locais com responsabilidade na educação. É no quadro destas ideias que se reconhece capital importância ao trabalho que deve ser feito entre as escolas e os chamados “Centros de estudo” ou ATL cujo objetivo parece ser o de que prestarem auxílio às famílias e aos/às jovens no apoio ao estudo de modo a promover o seu sucesso escolar.

No geral, estes espaços procuram dar resposta às necessidades da família, procurando cada vez mais envolver profissionais com formação superior e na área das Ciências da Educação. Do ponto de vista político poder-se-á interpretar o trabalho realizado por estas instituições no quadro da política “Escola a Tempo Inteiro”¹, implementada pela Ministra Maria de Lurdes Rodrigues, em 2005 e que prevê a realização de atividades de enriquecimento curricular, vulgarmente designadas por AEC. Estas atividades visam contribuir para o desenvolvimento pleno da criança e/ou jovem, oscilando entre um cariz

¹ Responde às necessidades das famílias em manter os seus educandos na escola, durante o horário laboral.

lúdico e recreativo e uma perspetiva a nível de enriquecimento curricular, como é exemplo o apoio ao estudo.

Para Carvalho (2002), a dependência entre espaços disciplinares e espaços de enriquecimento curricular proporcionados pela escola foram uma forma de inovação que permite aos estudantes apropriarem-se criativamente do saber e beneficiarem de uma componente curricular ainda mais enriquecida. Assim, crê-se que estes espaços podem contribuir para facultar aos/as professores/as uma oportunidade de inovarem as suas práticas.

Ao nível da família, a *Escola a Tempo Inteiro* com o alargamento do horário escolar trouxe novas possibilidades de gestão da sua esfera familiar ao mesmo tempo que contribui para suprimir a missão tradicional da família. Podemos, pois, como já se referiu inserir um espaço de Atividades de Tempos Livres (ATL) no âmbito destas finalidades político-educativas. Sendo um espaço lúdico tem também como função complementar e enriquecer o processo educativo das crianças e jovens, promovendo o seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo e sócio afetivo. Tem igualmente como preocupação estabelecer laços de proximidade entre o ATL e a família, que se revelam fundamentais na definição dos percursos escolares.

É no quadro destas ideias que se situa o estágio que realizei. A instituição selecionada tem como objetivo garantir a satisfação das necessidades básicas das crianças, a sua segurança, sociabilidade, autoestima e autorrealização, aspetos considerados fundamentais para o seu desenvolvimento integral e equilibrado.

“Hoje em dia uma das maiores preocupações dos pais consiste em escolher o local onde possam "confiar" os seus filhos no acompanhamento extraescolar. Atentos a esta necessidade, e reunindo na sua experiência profissional conhecimentos aprofundados neste sector de prestação de serviços, decidiram os irmãos (...) criar o projecto (...), que pretende conciliar as áreas Clínica e Pedagógica com actividades lúdicas que promovam a aquisição e/ou o desenvolvimento de competências sócio-culturais.” (Projeto Educativo Insituição)

Intervir e trabalhar em espaços de formação com estas características foi um interesse que aprofundi ao longo da licenciatura em Ciências da Educação, nomeadamente após a experiência o que tive no âmbito do SIMF 3, -Unidade de Contacto com o Exterior, realizado num centro de estudo onde foi possível, aprofundar conhecimentos no domínio

da intervenção nesse contexto de educação/formação, O contacto com o exterior tornou-se então, uma mais-valia, a nível pessoal e profissional porque foi um momento em que permitiu colocar na prática alguns conceitos e aprendizagens prévias. Esta experiência influenciou, mais tarde, a escolha da instituição de estágio no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação. Foi assim selecionada a instituição situada na Maia. O estágio ocorreu num espaço de acompanhamento extraescolar. O mesmo proporcionou uma vivência de cerca de 7 meses junto da equipa profissional com responsabilidades pelas crianças e jovens durante o tempo em que estas não estavam na escola. A necessidade sentida pela instituição ao integrar uma mediadora socioeducativa foi a de ajudar a pensar sobre a *importância destes espaços de formação extraescolar no desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens*, de forma a compreender em que âmbitos as instituições deste cariz podem ampliar a sua intervenção com crianças e jovens. No quadro das possibilidades de ação oferecidas pela instituição, uma das áreas a que se deu atenção foi efetivamente a do Desenvolvimento Pessoal e Social e, particularmente a área da Educação para a Saúde, razão pela qual esta é referenciada ao longo do relatório. É neste enquadramento que a *importância da Educação para a Saúde e a literacia dos jovens relativamente a esta temática* foi também desenvolvida no desenrolar da intervenção junto das crianças e jovens. Definiram-se alguns objetivos específicos que serviram de base ao desenvolvimento da intervenção:

- Apostar em sessões de intervenção tutorial individual com crianças e jovens sinalizados pela instituição e pela orientadora local;
- Realizar sessões em grupo com vista a abarcar temáticas relacionadas com a Educação para a Saúde;
- Acompanhar o trabalho desenvolvido pelas profissionais da instituição e auxiliar alunos/as no apoio ao estudo;
- Realizar dinâmicas de grupo para fomentar o desenvolvimento pessoal e social das crianças e dos jovens.

Visto que o domínio mestrado no qual se enquadra este relatório é a *Educação, Comunidades e Mudança Social*, as ações desenvolvidas visaram também o aprofundamento e a problematização de conceitos como *educação, formação, mediação e comunidade* em estreita relação com as atividades realizadas. Desta forma, pretende-se, ao longo do presente trabalho, valorizar estes conceitos por serem centrais para a reflexão

no campo das Ciências da Educação. Estes apresentam-se como os eixos norteadores que guiaram o trabalho desenvolvido.

O relatório está organizado em quatro grandes capítulos. O primeiro destina-se à apresentação do quadro teórico que referenciou a ação, em que o conceito de mediação se encontra presente, dado que será discutido, quer com base na sua vertente de resolução de conflitos, quer como processo para a melhoria da qualidade da educação. Este conceito encontra-se diretamente relacionado com a noção de intervenção tutorial orientada para o desenvolvimento pessoal e social dos/as alunos/as pois serviu de suporte às sessões individuais. No que respeita à dimensão da Educação para a Saúde as ações desenvolvidas inserem-se no domínio mais amplo do Desenvolvimento Pessoal e Social das crianças e de jovens contribuindo para o enriquecimento da sua formação. Estas três dimensões estão interrelacionadas e organizaram-se em atividades que na sua globalidade configuram o processo de intervenção realizado no decurso do estágio.

No segundo capítulo é discutida a metodologia que norteia e encaminha a ação e mostra como a investigação pode e deve estar ao serviço da intervenção, sem descuidar os pressupostos éticos do processo. O terceiro capítulo abre caminho a um espaço de ponderação e pensamento crítico relativamente ao contexto, à entrada no terreno e às ações desenvolvidas. Este divide-se em dois subcapítulos que dão conta das intervenções de carácter individual – a *intervenção tutorial e o apoio ao estudo*-, e as ações e dinâmicas realizadas em grupo, que comportam diferentes atividades e distintos momentos de atuação. Ainda no terceiro capítulo é apresentado um balanço com carácter avaliativo ao redor da intervenção realizada, referenciando o domínio do Mestrado.

O capítulo final estabelece uma relação entre o estágio e a profissionalidade na área das Ciências da Educação, refletindo, com base no trabalho desenvolvido, acerca de competências que foram desenvolvidas e que podem contribuir para a definição de um perfil do/a mediador/a socioeducativo/a.

Capítulo I: Traços teórico-concetuais que organizam a ação

Nota introdutória

Neste capítulo, a mediação socioeducativa é apresentada como um conceito fulcral no desenvolvimento da ação realizada no âmbito do estágio uma vez que se considera que foi feito um trabalho de mediação no âmbito das sessões de tutoria individual desenvolvidas com as crianças e jovens

Estas ações inseriram-se numa intencionalidade mais ampla de Desenvolvimento Pessoal e Social das crianças e que integrou também atividades do domínio da Educação para a Saúde por se reconhecer (a Instituição e a estagiária) ser uma dimensão cada vez mais fundamental na formação e educação dos jovens, recorrendo-se particularmente, a uma intervenção individual por permitir comunicar de modo mais aberto com esses jovens.

1. A Mediação Socioeducativa

O conceito de mediação é (re)conhecido pela sua imensidão e abrangência. Concebe-se como “ (...) um meio de criação, recriação ou renovação de laços interpessoais (...)” (Six in Costa, Almeida & Melo, 2009:165) a partir de uma prática formal ou informal de gestão, resolução e transformação dos conflitos, a partir dos indivíduos envolvidos, compreendendo-se como um procedimento de comunicação, cooperação e, ainda, de reencontro interpessoal. Este conceito de mediação encontra-se, desta forma, associado a representações e práticas diversas. Uma alarga o conceito a práticas informais, que coincidem com ideologias políticas, religiosas e/ou voluntariado social. Outras remetem-no a intervenções bastante específicas e esclarecidas dentro de limites estritos e na base da resolução alternativa de conflitos.

Atualmente assiste-se “... a uma certa mudança de trajetória que, a par da proliferação de campos, a desviam do seu ethos inicial, de técnica específica na resolução de conflitos, predominantemente racional, para um novo modo de regulação social, onde predomina a lógica comunicacional.” (*idem, ibidem*:2) É, desta forma, que se pode compreender as diferentes perspetivas e modelos de mediação, que abordam o conceito além de uma técnica específica à resolução alternativa de conflitos. Esta é importante como processo cooperativo e preventivo no domínio de uma cultura da cidadania e de promoção da comunicação, e foi esta orientação que seguimos no decurso das ações desenvolvidas no estágio.

A comunicação é considerada uma das ferramentas principais no trabalho de educadores e professores e de outros agentes que intervêm nas instituições escolares e o seu objetivo principal é o de contribuir para a promoção do sucesso educativo dos/as alunos/as. É neste âmbito que se associa a comunicação ao processo de mediação.

O processo de mediação facilita a comunicação e a relação entre os indivíduos e as suas relações. Ou seja,

“(...) os dispositivos de mediação podem ser pensados como dispositivos de construção de cidades enquanto espaços de exercício de relações sociais densas e quentes, onde o mediador é um artesão da construção de cidades e das relações que lhes dão vida.” (Correia & Silva, 2010:26)

O processo de mediação pode adotar diferentes formas consoante o contexto onde decorre, o campo onde se situa, e a situação objeto da intervenção.

A noção de mediação tem vindo a ser mobilizada, de forma ampla e encontra-se associada a uma multiplicidade de práticas que são definidas como sociais e educativas. Trata-se de um processo de intervenção cada vez mais reconhecido como imprescindível nos sistemas educativos por ser facilitador de comunicação entre pessoas, entre instituições, grupos de pessoas ou até entre culturas. Promove, deste modo, o restabelecimento de laços sociais e a participação alargada dos/as cidadãos/ãs na gestão dos seus problemas.

A mediação assume-se, então, como um processo “de inter-relação e cooperação entre as pessoas, (...) pode converter-se num meio indispensável para a existência de comunidades humanas baseadas na prática efectiva de valores de convivência.” (Torremorell, 2008: 19)

A mediação socioeducativa

“(...) é reconhecida como uma metodologia com forte potencial educativo e capacitador, e como área a explorar para a formação de competências sociais basilares para a vida em comunidade, proporcionando um universo de potencialidades geradoras de mudanças.” (Costa, Torrego & Martins, 2018:114)

A mediação poderá ter a capacidade de acentuar a dimensão social da escola, “precisando também de se constituir enquanto espaço de formação da personalidade social e [de] construção de teias de afectividade” (Quaresma & Lopes, 2011: 112),

adotando uma ótica de trabalho que abraça a totalidade do/a aluno/a e não apenas a sua faceta acadêmica e curricular.

O processo de mediação deve contar com um terceiro ou uma terceira parte, eufemismos recorrentemente usados para fazer referência ao/à mediador/a. Ou seja aquele/a, pessoa ou instituição que simbolizam o papel de quem assume a função de ponte, ligação ou catalisador ao longo do processo.

O reconhecimento da mediação como espaço comunicacional remete para um entendimento do papel do/a mediador/a como um promotor de aproximação daqueles que não conseguem ou apresentam dificuldade em comunicar(-se).

Segundo Silva et al (2010) a especificidade do trabalho do/a mediador/a

“... radica mais no agir, no desenvolvimento de uma praxis, ou seja, atividade (...) que, para além de uma importante componente técnica, implica uma forte componente ética e reflexiva.” (p.122)

Segundo estes autores, o que é mais valorizado nas capacidades e qualidades do/a mediador/a é o saber ouvir, a motivação que o leva para a ação e o ser capaz de respeitar o outro – dimensão comunicacional, volitiva e ética – sendo o/a mediador/a o “coração” da mediação. ~~Este/~~ Reconhecem ainda estes autores que o/a mediador/a necessita de um elevado grau de maturidade emocional e de autocompreensão, autenticidade, empatia e, ainda, uma conceção positiva e liberal das relações humanas. Por isso, para ~~derrotar o~~ para que as pessoas envolvidas no processo cooperem é preciso um conjunto de competências não apenas de natureza técnica mas, acima de tudo, de valores.

Num momento em que os espaços de formação têm vindo a ser desafiados para novas funções e domínios de intervenção, muito por força da massificação da educação e do alargamento da escolaridade obrigatória (Leite, Fernandes & Silva, 2013) o lugar do/a mediador/a socioeducativo tem vindo a ser reconhecido como essencial no suporte ao trabalho dos professores (Fernandes & Mota, 2018) reforçando, assim a pertinência da intervenção dos licenciados e mestres em Ciências da Educação, no campo da educação. Neste sentido, reconheço que as ações que realizei no âmbito do estágio profissionalizante adicionam valor à mediação, porquanto contribuem para a pensar e muito para além da resolução de conflitos. Intervir no seio de um espaço de acompanhamento extraescolar foi, no caso do estágio realizado, observar, incorporar e apadrinhar as ~~suas~~ dinâmicas que aí iam sendo desenvolvidas aproveitando “os espaços vazios da logica escolar” para com

as crianças e jovens ir construindo momentos de comunicação, de diálogo e de reflexão sobre as suas vidas pessoais e escolares, procurando, com eles, construir novos sentidos e novas leituras sobre a vida escolar e pessoal.

2. Intervenção tutorial e desenvolvimento pessoal e social

Como se referiu, à escola têm sido atribuídas cada vez mais responsabilidades e desafios, que requerem dela respostas educativas diversificadas em face dos diferentes perfis dos alunos que a frequentam.

O relatório da Unesco para a Educação para o século XXI (Delors et al, 1996) oferece uma proposta educacional em torno quatro grandes aprendizagens, quatro pilares da educação que possibilitam às escolas pensar nos seus Projetos Educativos numa perspetiva de formação global. Como é enunciado,

“Para poder dar resposta ao conjunto das suas missões, a educação deve organizar-se a volta de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão dalgum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: “aprender a conhecer”, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; “aprender a fazer”, para poder agir sobre o meio envolvente; “aprender a viver juntos”, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente “aprender a ser”, via essencial que integra os tres precedentes. E claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contacto, de relacionamento e de permuta” (Delors, 2001, p.77).

Tendo estas quatro aprendizagens por base, a educação escolar, no quadro da heterogeneidade social e cultural dos alunos, precisa de encontrar respostas educativas que assegurem que as crianças e jovens realizam aprendizagens que abrangem essas quatro aprendizagens. Neste domínio, a ação tutorial tem sido reconhecida como uma estratégia ao serviço do desenvolvimento de competências de desenvolvimento pessoal e social, mas também de natureza cognitiva e de promoção do sucesso escolar. Procurando esclarecer o sentido de ação tutorial convoco o pensamento de alguns autores.

Almeida & Palmeirão (2015), na sua reflexão acerca de ações tutoriais consideram que estas “[podem] constituir-se como um importante fator protetor face a jovens com dificuldades desenvolvimentais, expressas quer em comportamentos, quer em dificuldades de aprendizagem.” (p.591)

Na perspetiva das autoras, a tutoria deverá ser um processo devidamente estruturado e planificado dado que sendo um processo em que o diálogo, o questionamento, a proximidade entre o tutor e o tutorando, o acaso não deve ocorrer, pois pode correr-se o risco de o/a aluno/a se sentir à deriva e não reconhecer a utilidade do processo. Este/a necessita de compreender o processo como um ato educativo organizado e com objetivos claros e precisos.

A intervenção tutorial é caracterizada pela plasticidade do próprio conceito, pois “(...) permite que os alunos com necessidades diferentes sejam acompanhados de forma diferenciada, porque há aqueles que necessitam de ser integrados, na escola, no grupo, ou até mesmo na sociedade, e os que necessitam apenas de ver a sua auto-estima (...) aumentada.” (Semião, 2009:63) A intervenção tutorial ajuda os/as alunos/as a definirem ativamente os seus objetivos, a decidir acerca de estratégias apropriadas, a planear o seu tempo de forma organizada, a organizar e a priorizar materiais e informações, a monitorizar a sua própria aprendizagem e a fazer ajustes considerados necessários face às diferentes situações de aprendizagem. Segundo o mesmo autor, o tutor é,

“(...) um profissional que oferece um relatório de estratégias de aprendizagem, produto de uma formação específica, (...), é aquele que apoia e facilita a reflexão do aluno sobre si próprio como aprendente e sobre a sua própria aprendizagem.” (Semião, 2009:59)

Este processo no caso específico das ações que realizei no âmbito do estágio configurou-se num trabalho individual com algumas crianças e jovens em torno de problemáticas como: *bullying*, *autoestima*, *indisciplina na escola*, *a opinião acerca da escola* e que foram desenvolvidas numa relação com a temática da Educação para a Saúde. A intervenção tutorial individual foi, nesse âmbito, aliada à mediação socioeducativa uma vez que a ação que desenvolvi individualmente com as crianças e jovens foi partilhada e refletida com algumas professoras no sentido de poderem dar continuidade e de encontrarmos pontos de convergência na nossa atuação. Procurou-se, nesta atitude seguir a proposta de Semião (2009) quando refere ser importante que as relações profissionais sejam

“ (...) construídas pela definição das formas de trabalho, tendo sempre em conta o carácter profissional da relação e os princípios e valores subjacentes às diretivas da política educativa, nomeadamente as integradas no projecto educativo da escola que o aluno frequenta.” (p60).

Reconhece-se, pois, na ação tutorial potencialidades para um trabalho promotor do desenvolvimento pessoal do aluno. Os dois conceitos postos em prática resultam num trabalho de enriquecimento tanto para o/a aluno/a como para o/a investigador/a.

3. Educação para a Saúde na formação escolar dos jovens

Como tenho vindo a referir, a Escola tem vindo a ser chamada para novas funções e responsabilidades que a ampliaram a uma conceção que não pode ser vista exclusivamente como uma plataforma de instrução tendo também uma forte vertente socializadora onde o/a aluno/a aprende a lidar com o/s seu/s semelhante/s e com a diferença.

Com efeito, sendo a educação um direito que assiste a todos/as cidadãos/cidadãs, quer seja através do ensino público ou privado, a escola precisa de se organizar para que todos possam realizar o seu potencial educacional e assim obterem sucesso educativo.

Nessa missão tem vindo cada vez mais a ser reconhecido o importante papel que a escola tem na Educação para a Saúde (Fernandes, Caldas & Engleby, 2013), As intervenções em contexto escolar e extraescolar, voltadas para a temática da promoção da saúde, adotam um visão íntegra do ser humano, tendo em conta o contexto familiar, comunitário e social. A adoção, por parte das escolas e de espaços de acompanhamento extraescolar, de uma atuação preventiva e de promoção de saúde tem sido defendida internacionalmente e indica o desenvolvimento de ações no plano da instituição. As ações vão desde alterações no ambiente, ao enfoque preventivo, centrando-se no sujeito e envolvendo estratégias que possibilitem o aumento de habilidades interpessoais, comunicativas e, também, o enriquecimento da autoestima com vista a que os indivíduos alcancem formas para lidar com os problemas e enfrentar as adversidades do contexto em que estão inseridos.

A primeira Conferência Internacional sobre Promoção de Saúde foi realizada em Ottawa, no Canadá, em Novembro de 1986. Esta Conferência foi um esclarecimento às

expetativas de uma nova saúde pública, principalmente as necessidades de saúde apresentadas nos países industrializados, embora outras regiões do globo fossem levadas em conta consoante as suas necessidades².

A Educação para a Saúde (EPS) foi uma temática que impulsionou a intervenção desde início, tendo sido acordado com a Direção do ATL trabalhar alguns temas uma evz que se reconhecia serem importantes para a formação dos jovens. Esta é definida pela Direção Geral da Educação como “ (...) um processo contínuo que visa o desenvolvimento de competências das crianças e dos jovens, permitindo-lhes confrontarem-se positivamente consigo próprios, construir um projeto de vida e serem capazes de fazer escolhas individuais, conscientes e responsáveis.” (Referencial de Educação para a Saúde, 2017:10) A Promoção e Educação para a Saúde (PES) em contexto escolar é um procedimento contínuo que tem como objetivo o desenvolvimento de competências das crianças e jovens, permitindo-lhes o conforto consigo mesmos, fazendo escolhas responsáveis e conscientes. A Promoção da Educação para a Saúde nas escolas tem como principal missão criar ambientes que facilitem essas escolhas, estimulando o espírito crítico para o exercício de uma cidadania ativa.

Como é enunciado no referencial de Educação para a Saúde (2017)

“ (...) Uma Escola Promotora da Saúde cria condições para a participação dos jovens nos Projetos PES e estimula a colaboração de parceiros locais, nomeadamente da Saúde e da Autarquia, entre outros.” (p. 10)

Como se verifica no referencial de ES a escola promotoras “... ao constituir-se como um ambiente seguro e saudável, pode facilitar a adoção de comportamentos mais saudáveis, encontrando-se, por isso, numa posição ideal para promover e manter a saúde da comunidade educativa e da comunidade envolvente (...)”

Sendo a instituição onde realizei o estágio uma instituição de natureza formativa, ainda que não uma escola, a Educação para a Saúde (EPS) foi como referi, considerada uma área importante a ser desenvolvida no âmbito do estágio, por se reconhecer (direção, professores/explicadores e eu, enquanto estagiária) ser uma componente essencial na formação dos alunos. Os contextos de educação formal e não formal são locais privilegiados para adquirirem este tipo de aprendizagem, dado que os/as jovens passam

² Ideias retiradas do site da Direção Geral de Educação, acedido em 22 de junho de 2019

maior parte do seu tempo envolvidos nesses espaços. Como bem sustenta Carvalho (2006), a criação de ambientes saudáveis contribui para que crianças e jovens saudáveis e para que estes aprendem mais facilmente e tenham mais sucesso.

Reconhecendo esta área como essencial na formação dos jovens foi criado pelo Ministério da Educação Programa de Apoio à Promoção e Educação para a Saúde (PAPES), cujas linhas orientadoras serviram de apoio à concretização de diversas ações no decorrer do estágio. Este tem, entre outras finalidades, incentivar as escolas, neste caso o ATL, a:

“ (i) incrementar a literacia em saúde, (ii) promover atitudes e valores que suportem comportamentos saudáveis, (iii) valorizar comportamentos de estilos de vida saudáveis e (iv) criar condições ambientais para uma escola promotora de saúde.” (Programa de Apoio à Promoção e Educação para a Saúde, (2014):8)

A Saúde e a Educação encontram-se intimamente ligadas entre si dado que, a Educação “tem o poder de melhorar não só a prosperidade económica de um país, mas que tem um enorme efeito sobre os resultados de saúde.” (Direção-Geral da Educação, 2014:6). É no quadro deste argumento que desde 1996, Portugal aderiu ao movimento de Escolas Promotoras de Saúde (Precioso, 2009). As Escolas Promotoras de Saúde potenciam parcerias entre setores da Educação e setores da Saúde, capacitadas para auxiliar crianças/adolescentes a aprender e a ser saudáveis. Como se referiu, não sendo o estágio realizado numa escola, as ações foram desenvolvidas com alunos que frequentam a escola pública pelo que na minha intervenção me orientei sempre pelas orientações preconizadas, neste domínio, pelo Ministério da Educação, reconhecendo neste desafio estar a contribuir para o enriquecimento da formação dos jovens e para a sua literacia em saúde.

Capítulo II: Metodologia da ação

Nota introdutória

O presente capítulo é um espaço de reflexões metodológicas no qual se explicita a orientação metodológica as técnicas e os paradigmas de intervenção que guiaram a minha intervenção no decorrer do estágio. Deste modo, serão abordadas algumas técnicas de investigação que, para além de terem sido um suporte na recolha de informação acerca do contexto, representaram também estratégias de monitorização. Por fim, realiza-se uma reflexão sobre os cuidados éticos a ter na intervenção socioeducativa, dado que é uma dimensão relevante ao longo do percurso de formação.

1. A investigação ao serviço da intervenção

O conhecimento do contexto torna-se fundamental, pois qualquer intervenção presume o recurso a processos de investigação que permitam um melhor conhecimento do espaço e dos sujeitos. Esta foi uma das preocupações desde o início do processo de estágio. É com foco nestas decisões que se ilustra a forma como é direcionado o olhar sobre o trabalho realizado.

“Investigar em educação não é o mesmo que investigar numa outra área qualquer do social, devido à especificidade do fenómeno educativo, devido ao que os educadores fazem e se propõem como objetivos e, devido ainda, ao que os mesmos precisam de saber e que é, certamente, diferente do que necessitam outras áreas da atividade humana.” (Amado, 2013:19-20)

O contacto com a instituição incidiu numa abordagem do tipo etnográfico, que se caracteriza pela simultaneidade de diversas componentes: *observação participante, observação estruturada, entrevista semiestruturada/semidiretiva e análise documental*.

“A investigação, a partir do exercício de ajustamento-desajustamento que frequentemente se realiza entre empiria e teoria, é um processo de inclusão e exclusão de conhecimentos e posturas. (...) Há um prioridade que é conferida ao fenómeno e, por isso, julga-se ser adequada a opção em permitir que as teorias escolhidas sejam fundamentalmente emergentes dos fenómenos observados, ainda que, inevitavelmente, se parta com algumas orientações prévias.” (Silva, 2011: 116)

A etnografia acontece quando o/a investigador/a considera as produções dos elementos pertencentes ao grupo estudado como instruções genuínas de investigação. É caracterizada pela estadia prolongada do/a investigador/a com a população, pela impregnação de posturas e práticas e pela partilha da realidade. A observação do tipo observador/a – participante, que se caracteriza pela recolha de dados por parte do observador/a participante, através da sua participação no diário da organização que faz parte do objeto de estudo, será uma abordagem a ser tida em conta no decorrer da intervenção. Este tipo de observação possibilita “ (...) ao investigador observar as normas, os valores, os conflitos do grupo” (Hargreaves in Lapassade, 1990: 3). O/A investigador/a é sujeito fundamental da investigação social, que por sua vez utiliza várias formas de apoio à sua recolha de dados, como a escrita etnográfica, também reconhecida como notas de terreno, englobadas no diário de bordo.

A escrita etnográfica é definida como o ato de escrever sobre o outro, ou seja, é a escrita sobre o observável e o observado, tendo como principais características uma descrição densa e detalhada e, também, o uso de termos usados pelos/as observados/as. Como afirma Rowland (1987), a

“(...) escrita é o que confirma os trajectos solitários que foram realizados, ainda que paralelos a outros mais acompanhados. No entanto, espera-se que o texto traduza uma espécie de acordo que resulta da compreensão dos sentidos dos sujeitos num determinado contexto de tal modo que seja possível alguma tradução, recorrendo-se a um relativismo cultural sem, no entanto, se ser relativista” (apud Silva, 2011: 117)

Assim, as notas de terreno serão um objeto elementar para a análise de conteúdo, na medida em que se escreve no papel momentos ou situações que se acham pertinentes para a investigação. Na entrada do terreno deve-se tentar criar laços com as pessoas e/ou contextos, de forma a ganhar confiança e lugar entre o lugar dos/as outros/as. Para a análise de conteúdo se poder concretizar é imprescindível ter em conta que as notas de terreno apresentam um carácter descritivo e reflexivo sobre os contextos onde decorreu a intervenção/ investigação. O/A investigador/a é o principal instrumento da investigação social, que por sua vez utiliza várias formas de apoio à sua recolha de dados, como a escrita etnográfica, também conhecida como notas de terreno, englobadas no diário de bordo. “Caderno de percurso onde cada um anota o que sente, o que pensa, o que medita (...)” (Barbier, 1993: 1), acabando por comportar um “carácter de intimidade com a afetividade e as reações relativamente ao meio envolvente” (Barbier, 1993: 2).

A observação participante e o registo de notas de terreno ajudam na captura de comportamentos e rotinas do contexto, nomeadamente das ações desenvolvidas, no âmbito do estágio, junto das diversas equipas, analisando os seus modos de trabalho baseado num pensamento crítico. Em situações de observação, a mediadora e/ou investigadora está à vista, perante os olhos do participante, sendo esta uma relação de observação e interpretação recíproca e bidirecional. A observação fundamenta-se na participação real do/a observador/a do grupo ou situação. O/A observador/a assume, até determinado ponto, o papel de um dos membros do grupo. Este tipo de observação “ (...)permite ao investigador observar as normas, os valores, os conflitos do grupo” (Hargreaves in Lapassade, 1990: 3).

A recolha de dados é realizada através da observação dos indivíduos e dos comportamentos destes face a determinadas situações. O/A observador/a pode, também, gerar uma conversa com uma ou mais pessoas internas ao contexto, de forma a compreender a interpretação dos acontecimentos que observam. Desta forma, na observação participante, “o[a] investigador[a] dirige-se ao sujeito para obter a informação procurada [e] ao responder às perguntas, o sujeito intervém na produção da investigação” (Quivy & Campenhoudt, 1998:164). Na observação estruturada destaca-se a utilização de guiões de observação.

Uma outra técnica utilizada foi a entrevista semiestruturada/semidiretiva. Esta requer um procedimento, nomeadamente a organização prévia de um conjunto de perguntas-guia, relativamente abertas, não sendo estabelecida uma ordem rígida para se elaborarem as questões e onde o entrevistador/a deve procurar apenas conduzir o entrevistado/a (Quivy & Campenhoudt, 1998). Assim, as entrevistas permitem uma maior proximidade e contacto entre o/a investigador/a e os/as seus/suas intervenientes. Para os autores mencionados, a entrevista é considerada

“(...) um método de recolha de informações, no sentido mais rico da expressão, o espírito teórico do[a] investigador[a] deve, no entanto, permanecer continuamente atento, de modo que as suas intervenções tragam elementos de análise tão fecundos quanto possível” (p.192).

No caso concreto foram entrevistadas a coordenadora da instituição e a orientadora local. As entrevistas foram transcritas e depois sujeitas a análise de conteúdo, seguindo o procedimento indicado por Bardin (1977) de pré-análise, exploração de material e inferência e interpretação.

“A entrevista é, antes de mais (...) um método de recolha de informações, no sentido mais rico da expressão, o espírito teórico do[a] investigador[a] deve, no entanto, permanecer continuamente atento, de modo que as suas intervenções tragam elementos de análise tão fecundos quanto possível”

(Quivy & Campenhoudt, 1998:192)

Devemos criar alguma empatia com o entrevistado/a para que se sinta confortável a responder, percebermos o que nos diz e dar importância à informação que nos transmite, é necessário termos alternativas para fazer a mesma pergunta no caso do entrevistado/a não entender, começar pelas perguntas mais simples seguindo posteriormente para as mais complexas, ter em conta que o papel de entrevistador/a deve ser neutro no sentido em não influenciar as respostas do entrevistado/a e deixá-lo falar sem lhe cortar o raciocínio. Quanto ao guião, devemos evitar perguntas de resposta de sim/não e explorar formas de questão que estimulem o entrevistado/a a explicar e justificar devidamente as suas respostas.

No que diz respeito à análise documental, esta baseou-se num estudo e pesquisa de documentos fornecidos pela instituição, desde regulamentos e planos de desenvolvimento individual (PDI).

Enquanto profissionais em Ciências da Educação é importante procurar obter qualidade, bem como procurar respeitar todos os procedimentos que são esperados de uma investigação/intervenção. O respeito pelos/as outros/as, a confidencialidade são questões que do ponto de vista ético importa assegurar/cuidar. A realização de um estágio exige que o/a profissional tenha acesso a informações mais íntimas e pessoais dos/as investigados/as e, neste sentido, a confiança estabelecida dentro da investigação é necessária para o sucesso dos trabalhos. Deste modo, qualquer intervenção deve ter em vista a proteção dos/as participantes e a confidencialidade dos dados (Silva, 2013)

No que diz respeito às entrevistas a ser realizadas na instituição de estágio foi redigido um consentimento informado, tendo sido elucidados os objetivos das mesmas. Juntou-se a informação que esclareceu sobre a possibilidade de poderem consultar o relatório de estágio, que todos os dados recolhidos são confidenciais e que será mantido o anonimato, bem como a possibilidade de recusar a participação ou a interrupção a qualquer momento, sem obterem qualquer tipo de penalização por este facto.

A coletânea das várias opções tomadas têm em consideração que

“os princípios metodológicos são fundamentalmente os mesmos: deixar correr o olhar sem se fixar só numa pista, escutar tudo em redor sem se

contentar só com uma mensagem, aprender os ambientes e, finalmente, procurar discernir as dimensões essenciais do problema estudado, as suas facetas mais reveladoras e, a partir daí os modos de abordagem mais esclarecedores”

(Quivy & Campenhoudt, 2003, p.83)

Ao longo do estágio as metodologias de natureza investigativa e de intervenção relacionaram-se contribuindo, simultaneamente, para uma melhor compreensão da realidade e para a melhoria dos processos de intervenção. A intervenção será, contudo, mais realçada pelas intencionalidades que subjazem ao estágio do Mestrado em Ciências da Educação.

2. A intervenção educativa: preocupações éticas

A intervenção educativa exige um conjunto de preocupações éticas. Neste âmbito, é necessário refletir sobre este aspeto e na relação da ética com as aprendizagens realizadas e os cuidados a ter enquanto futura profissional no campo das CE. Esta temática torna-se fulcral quando se pensa nas aprendizagens realizadas e no futuro, enquanto profissional no campo da mediação socioeducativa. Enquanto investigadores/as devemos procurar obter qualidade, bem como procurar respeitar sempre os procedimentos que são esperados de uma intervenção. O respeito pelos outros, a confidencialidade, entre outros, requerem sempre uma atenção de natureza ética, de modo a “procurar com cuidado, cuidando de quem nos ajuda a procurar” (Rocha & Ferreira, 2002:1). A realização de uma investigação exige que um/a investigador/a tenha acesso a informações mais íntimas e pessoais dos/as investigados/as e, desta forma, a confiança estabelecida dentro da intervenção é necessária para o sucesso do trabalho. Assim, qualquer investigação seja de que tipo for, deve ter sempre em vista a proteção das pessoas que participam na mesma e ter em conta as suas necessidades.

Baptista (2005) define ética como:

“(…) a reflexão sobre os princípios que devem nortear a acção humana e a moral como a explicitação e máxima de conduta e a definição de regras consideradas adequadas, de acordo, precisamente com os princípios que tivermos em referência.

(Batista, 2005:22)

O surgimento de desconfortos sentidos podiam ser uma evidência a realçar durante estes processos, contudo na instituição em causa não se verificou, uma vez que a envolvência no contexto atenuou estes sentimentos. Neste sentido existe a necessidade das implicações éticas estarem sempre presentes durante todo o processo de intervenção e investigação (Silva, 2013).

Em síntese, no decurso do estágio fui sempre guiada por preocupações éticas, nomeadamente procurando, desde o início, explicitar claramente os objetivos do estágio, da recolha de informação, da realização de notas de terreno e da realização de entrevistas e garantir o anonimato e confidencialidade das informações fornecidas e da instituição, Para tal foram assinados os consentimentos informados dos participantes e dos encarregados de Educação que aceitaram que interviesse com os seus filhos.

Capítulo III: O percurso: da entrada à realização

Nota introdutória

Este capítulo apresenta as ações e atividades desenvolvidas no decurso do estágio. Todos os passos serão descritos, refletidos e questionados à luz do suporte teórico que antecede esta terceira parte do relatório. Em primeiro apresentamos a caracterização do contexto, mostrando a sua estrutura, características da sua comunidade educativa, tal como as potencialidades e constrangimentos que tornam este espaço num território desafiante, do ponto de vista da intervenção socioeducativa.

A descrição do local de estágio é um processo importante e a entrada no contexto é um procedimento igualmente importante, uma vez que, balanceia os ideais propriamente ditos com a parte prática e real.

Seguidamente, entramos no campo das ações desenvolvidas que serão referenciadas consoante a sua pertinência e importância. Existem ações que foram desenvolvidas desde o início do percurso de estágio recorrentemente e outras que foram desenvolvidas com um carácter mais esporádico. A estrutura de análise das atividades desenvolve-se em dois grandes temas: i) *atividades realizadas individualmente* onde se insere a intervenção tutorial e o apoio ao estudo e ii) *atividades realizadas em grupos*, que terão foco sob dinâmicas de grupo e workshops.

Por último, é apresentada uma avaliação acerca do processo de estágio com vista a refletir criticamente o seu planeamento e concretização à luz de contributos teóricos da avaliação.

1. Caracterização do contexto

Os centros de atividades de tempo livre apresentam como finalidade a criação de condições que respondam às necessidades das crianças e jovens, tendo sempre em vista o seu desenvolvimento integral. Estes, pela diversidade de atividades que oferece, pelo acompanhamento que faz às famílias e, em especial à criança/jovem, torna-se, recorrentemente e, cada vez mais, um espaço de necessidade por parte da família. Na perspetiva de Neto (1995) e Serrano & Neto (1997) (*in* Sequeira e Pereira (2004)) a escola é um lugar precioso para promover o desenvolvimento pleno da criança/jovem. No entanto, assume-se uma “falta de articulação entre a família, a escola e a comunidade, na procura de condições que permitam uma vida melhor que ofereçam oportunidades de

sucesso e, simultaneamente, de bem estar”, sendo muitas vezes esta dimensão colmatada pelo trabalho realizado por instituições de apoio ao estudo, com as características da instituição onde realizei o estágio. Com a evolução da sociedade os pais são obrigados a procurar espaços de tempos livres para que os seus/suas filhos/as se mantenham ocupados/as durante o tempo que sobra para além do horário escolar.

Consideram-se centro de atividades de tempo livre – A.T.L.- “segundo a Direcção Geral da Acção Social (1998), “todas as instituições com suporte jurídico em entidades públicas ou privadas, com ou sem fins lucrativos que se destinam a proporcionar actividades de lazer a crianças a partir dos 6 anos e aos jovens até aos 30 anos, de ambos os sexos, nos períodos disponíveis dos das responsabilidades escolares e de trabalho”.” (Direção Geral da Ação Social in Sequeira & Pereira, 2004:5)

A Instituição onde realizei o estágio caracteriza-se pelo acompanhamento extra-escolar, que concilia as áreas Clínica e Pedagógica com atividades lúdicas que promovam a aquisição e o desenvolvimento de competências socioculturais nas crianças/jovens. Neste local pode encontrar-se um centro clínico com diferentes apoios especializados que consigam diagnosticar e responder o mais precocemente e adequadamente a crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE), contando com profissionais nas áreas da Pediatria, Terapia da Fala, Terapia Ocupacional e Psicologia. (Projeto educativo da instituição)

O espaço foi fundado em Janeiro de 2004 e como este se prezava por uma atitude de responsabilidade e qualidades dos seus serviços, mais tarde, construiu-se um espaço de raiz, capaz de responder de forma mais eficaz e eficiente à atividade a que este se dedica. Em Setembro de 2009 deu-se a inauguração do espaço com um pólo na Maia/ Matosinhos.

A missão e valores do ATL, instituição de estágio, consistem em assegurar a satisfação das necessidades básicas da criança, promovendo uma educação que potencie as qualidades de cada uma. Este espaço rege-se por um conjunto de princípios e valores, que prezam a qualidade do mesmo. A segurança, a afetividade e a responsabilidade são alguns dos princípios que orientam este espaço, no sentido de conferir às crianças/jovens total comprometimento. A sua ação pedagógica tem como objetivo garantir a satisfação das necessidades básicas do ser humano (fisiológicas, segurança, sociabilidade, autoestima e autorrealização) que são fundamentais para o seu desenvolvimento integral e equilibrado. Assim, com base no seguinte quadro de valores, é feita uma seleção

ponderada e criteriosa do pessoal docente e não docente, que, desta forma, permitirá a estabilidade da comunidade escolar. Desde cedo, a criança é exposta a atividades com outras crianças e adultos/as, de forma a influenciar a sua partilha de afetos e o desenvolvimento de relações de afetividade e amizade, promovendo o sentimento de pertença a uma comunidade. O processo de desenvolvimento é vincado nesta instituição e é importante para as crianças, que desde cedo, mantenham esta visão. Assim, a criança procura desde cedo superar as suas capacidades e solucionar cada problema, superando obstáculos que irão aparecer ao longo do tempo. (Projeto Educativo da Instituição)

A instituição, para além de apresentar uma área dedicada a Atividades de Tempos Livres (A.T.L.) que acompanha e orienta o estudo de crianças e jovens do 1º, 2º e 3º ciclos que frequentam estabelecimentos de ensino público ou privado, apresenta também, um local responsável pelo Berçário, Creche e Jardim-de-Infância que se baseia nas orientações curriculares para a educação de infância, defendendo o desenvolvimento social e pessoal da criança com base em experiências de vida. Por fim, encontra-se, neste local, um Centro Clínico dotado de profissionais da área da saúde, que de acordo com um trabalho multidisciplinar, concretizam diagnósticos e planeiam intervenções nas crianças que necessitam de um acompanhamento específico. Em suma, as três valências estão dotadas de profissionais específicos e dotados de experiência para cada área.

2. Entrada no terreno

No âmbito do Mestrado em *Educação, Comunidades e Mudança Social* a preocupação central está relacionada com um percurso formativo que se foi construindo com muitas dúvidas e hesitações.

A Licenciatura em Ciências da Educação abrange a área humana e a área social. O/A profissional em Ciências da Educação pode atuar perante as mais diversas situações e, ainda, em diferentes contextos. Este foi um ponto essencial que foi moldando os meus ideais e que me fez investir no Mestrado na área em questão. Nunca tive dúvidas em qual seria a melhor alternativa para mim, o estágio. O ensino superior é muito gratificante mas, no caso do curso onde estou inserida, faltam-lhe algumas componentes práticas. Deste modo, sempre foi do meu agrado seguir a vertente do estágio, em primeiro lugar, porque iria ter contacto com a parte prática e profissional, ou seja, a realidade dos contextos, e

em segundo, porque necessitamos de colocar em execução toda a bagagem teórica que conosco abarcamos.

Ao longo de toda a vida, o contacto com crianças e jovens foi por mim considerado como um foco onde idealizava vir a exercer uma prática profissional. A Licenciatura foi, assim, direccionada nesse sentido e, aquando do ingresso o Mestrado em *Educação, Comunidades e Mudança Social*, fui tentando delinear algumas práticas possíveis neste campo. Inicialmente pensei em diversos contextos, uns não apresentaram abertura para a possibilidade de estágio e outros não deram resposta. Como a área da Educação sempre me fascinou, quando surge a ideia de realizar o estágio na instituição onde o vim a realizar, aceitei logo esse desafio. Conhecia a instituição devido a um programa de televisão e, mesmo sendo um centro de estudos, pareceu-me oferecer possibilidades desafiantes para a minha formação.

O estágio iniciou-se 15 de Outubro de 2018, com uma primeira reunião entre a orientadora da FPCEUP e a coordenadora da Instituição. Foram acordadas as horas de presença na instituição - uma média de 20 horas semanais e discutidas algumas possibilidades de trabalho. Depois desta reunião, o primeiro dia é sempre aquele em que uma pessoa não sabe o que esperar. Fui bem recebida por toda a equipa.

“Mal cheguei à instituição por volta das 10 horas, pedi na receção que chamassem a R., a minha orientadora local. Aguardei um pouco e fui observando a entrada, onde estavam os motoristas das carrinhas e duas crianças que esperavam boleia para a escola. O horário de abertura da instituição é às 8h30. Nota-se mais afluência na área da creche/jardim-de-infância pois os pais, normalmente têm de deixá-los mais cedo. Hoje é um dia de insegurança, medo e alguma reticência. É tudo novo para mim e, acima de tudo, muito desafiante. Estagiar num sítio que nunca teve ninguém da minha área e tentar aproveitar o tempo livre para realizar o meu “projeto” não vai ser nada fácil. Espero conseguir.” (Nota de terreno, 15 de Outubro de 2018)

Entretanto,

“ (...) a R. veio ter comigo à entrada e subimos imediatamente para a sala de estudo. Esta apresentou-me a todas as salas e as todas as professoras e alunos/as dizendo que eu era a nova estagiária da instituição, na área das Ciências da Educação e que passaria, ao longo da semana, por todas as salas para observar.” (Nota de terreno, 15 de Outubro de 2018)

As primeiras semanas no terreno foram para conhecimento do espaço, das pessoas e do trabalho que poderia vir a ser desenvolvido porque a instituição tem horários bastante

rígidos e foi necessário estudá-la para perceber onde poderia intervir. Estas semanas serviram para delinear o meu plano consoante os tempos que a instituição me oferecia e consoante algumas das ideias que já tinha. “Foi um dia de inseguranças, medos e de duvidar de mim a toda a hora e minuto. Espero ser capaz de fazer algo que me realiza e, ao mesmo tempo, realize a instituição.” (Nota de terreno, 15 de Outubro de 2019)

Depois destas semanas de conhecimento da instituição e de ter recolhido muitas informações pude refletir sobre essas informações.

“A pausa das férias de Natal ajudou-me a refletir acerca de diversos aspetos relacionados com o estágio. Ao longo deste 1º período em que fui tendo encontros individuais com os mesmos compreendi que existiam problemáticas que não deviam ser descuradas da instituição e, desta forma, organizei o meu tempo para conseguir colmatar esses pontos. Foi pensada a utilização de vídeos, filmes, tarefas para servir de mote de reflexão aos/as alunos/as e trabalhar a sua opinião acerca da escola. Contudo, após encontros com a minha professora orientadora Preciosa Fernandes chegamos à conclusão que o meu contributo era o de perceber de que modo a Kids.i tem impacto na formação dos/as alunos/as e como é que os mesmos vêm a instituição.” (Nota de terreno, 27 de Dezembro de 2018)

O estágio propriamente dito teve início com uma reunião com a diretora da instituição e a coordenadora do A.T.L. Esta reunião foi alvo de muita discussão, dado que um/a profissional da área das Ciências da Educação não pode nem deve ser equiparado/a a um/a professor/a. De certa forma, na primeira reunião os pormenores ficaram alinhavados e, portanto, estava definido que eu, como profissional em Ciências da Educação, iria acompanhar alunos/as com problemas de atenção, hiperatividade e/ou necessidades educativas especiais para tentar ajudá-los a contornar essas dificuldades e a lidar com as mesmas, com vista ao sucesso escolar e ao seu desenvolvimento normal e regular. Depois da primeira reunião estive com a minha orientadora local, a R., que era a coordenadora do A.T.L.

“Hoje tive reunião com a professora R. às 10h30. Tinha ficado marcada no decorrer desta semana. Ao chegar à instituição dirigi-me à sala da R. para esclarecer os pormenores relativos ao estágio. Falei um pouco das atividades, que ficaram de decorrer 2 vezes por semana, uma à hora de almoço e outro ao final do dia. Disse também à R. que estaria disponível para ajudar no que fosse preciso e então, foi-me proposto que ajudasse com alguns alunos/as com Necessidades Educativas Especiais. 1h com cada menino/a toda as semanas. No total ficaria com 15h semanais. Este

apoio será mais direcionado ao nível pedagógico e comportamental, podendo passar pela ajuda nos trabalhos de casa e nas dificuldades que cada um/a apresenta.” (Nota de terreno, 7 de Novembro de 2018)

Passo a passo, num processo de reflexão quer com a minha orientadora da faculdade, quer com a orientadora local fui encontrando brechas e possibilidades para desenvolver a minha intervenção, que como referi antes se desenvolveu em duas linhas: *Ações individuais com os/as alunos/as* e *Ações e dinâmicas em grupo*. São essas ações que passo agora a explanar neste relatório.

3. Ações individuais com os/as alunos/as

a). Apoio ao estudo

Como ficou acordado com a orientadora local, cada sessão de trabalho individual com os alunos teria a duração de 1 hora e seria dividida em duas componentes: *intervenção tutorial individual e apoio ao estudo*.

No que respeita à primeira componente, pela própria vocação da instituição, esta foi assumida desde o início do estágio. Nesse sentido, os jovens que acompanhei foram identificados pela orientadora local correspondendo a alunos que revelavam dificuldades em acompanhar algumas matérias curriculares e dificuldade na gestão do tempo de estudo.

Tendo sido atribuída uma hora semanal para esta atividade com cada criança e jovem esse tempo deveria ser aproveitado não apenas para o apoio ao estudo, mas também para o acompanhamento escolar e a ajuda nos trabalhos de casa. Inicialmente senti dificuldade pois não me sentia preparada para este tipo de atividade-mas, com o passar do tempo, foi-se tornando mais fácil e fui conseguindo responder aos objetivos de cada um dos alunos. Vivi esta fase do meu estágio com alguma resistência pois ~~£~~como estudante em CE considerei que essa não era uma área para a qual a nossa formação estivesse dirigida. Sinto, contudo, que, no geral, o trabalho foi bem-sucedido porque tentei aliar a parte lúdica à resolução de exercícios e problemáticas.

A dimensão lúdica está diretamente associada à criatividade (Winnicott in Ribeiro, 2002) como atividade em que os intervenientes são livres para criar, resultando numa imaginação criadora. Neste âmbito, a criança é considerada um indivíduo criativo, tendo uma forte necessidade de criar e recriar a sua fantasia. Assim, “quando as crianças

brincam, elas resolvem problemas, fazem descobertas, expressam-se de várias formas, utilizando informações e conhecimentos em contexto significativo” (Portugal In Alarcão, 2008: 51).

Em várias sessões embora o estudo fosse o foco, as sessões foram atravessadas por conversas que se ligavam com a preocupação dos jovens face à escola e à ocupação do seu tempo livre – a estudar. Muitos/as alunos/as compreendiam a importância de ser feito o acompanhamento ao estudo e de frequentarem o espaço, mas alguns/as não sentiam que fosse uma mais valia frequentar a instituição e preferiam não o fazer, tal como atesta a seguinte nota de terreno:

“o D. hoje vinha com trabalhos de Português para realizar, porque iria ter teste e desta forma, começamos pelas fichas para depois conversarmos. Este resolve as coisas muito apressadamente, por vezes, sem ler. Nota-se falta de confiança e diz-me que a escola não serve para nada e que é uma seca. Que não percebe quem inventou estas coisas todas e porque tem que estar ali. É certo que durante a semana é pouco o tempo que esta criança tem para brincar, uma vez que vai da escola para o centro de estudos e do centro de estudos para casa.” (Nota de terreno, 28 de Novembro de 2019)

No decorrer do tempo apoiei as crianças e os jovens no estudo e também na preparação para testes e avaliações, para fichas de trabalho e com trabalhos de casa. O tempo de apoio ao estudo permitiu, para além desta componente escolar, estabelecer com os jovens um relacionamento que acabou por assumir uma dimensão de natureza educacional, e que reconheço situar-se no domínio da intervenção tutorial. É sobre este enfoque que reflito no ponto seguinte do relatório

b). Tutoria individual

Percebendo que o tempo de intervenção que iria ter com as crianças e jovens se remetia muito ao final das manhãs e aos intervalos do almoço, e do lanche fui, desde o início pensando esses tempos não apenas para o apoio ao estudo, mas também para a realização de outras atividades como é o caso da intervenção tutorial. A tutoria individual foi planificada de acordo com os horários de cada aluno/a durante as primeiras semanas de estágio, e que organizei em colaboração com a R.:

“Entretanto subi, falei um pouco com a R. e recolhi os horários e pareceres acerca dos/as alunos/as que ia acompanhar juntamente com as suas professoras. Todas se mostraram muito prestáveis em ajudar no que

fosse necessário e deram-me dicas para lidar com alguns/as jovens mais complicados/as.” (Nota de terreno, 14 de Novembro de 2018)

Cada professora de cada jovem cedeu os horários para que se tornasse mais fácil conciliar o horário final de acordo com o tempo que a criança permanecia na instituição. Depois da recolha tornou-se possível chegar ao horário final presente na figura 1.

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9:00					
9:30					
10:00					
10:30		M.D. (10:00/11:00)			
11:00					
11:30		J. C. G. (11:00/12:00)			
12:00					
12:30					
13:00	Horário de Almoço				
13:30					
14:00	Atividades* Atividades* Atividades*				
14:30					
15:00					
15:30				R. S. (15:00/16:00)	
16:00	D. V. (15:30/16:30)	F. C. (15:30/16:30)			R. L. (15:30/16:30)
16:30			J. H. (16:00/17:00)	L. P. (16:00/17:00)	
17:00	D. S. (16:30/17:30)	G. C. (16:30/17:30)			B. M. (16:30/17:30)
17:30			R. M. (17:00/18:00)		
18:00					
18:30			M. S. (18:00/19:00)		L. B. (18:00/19:00)
19:00					

Figura 1 – Horário atendimento tutorial individual aos alunos.

A intervenção tutorial individual foi vista como um desafio desde o primeiro dia, como evidencia o registo da seguinte nota de terreno:

“Hoje é o primeiro dia de intervenção tutorial individual com as crianças e jovens. Sinto-me muito nervosa pois ainda não sei se serei capaz e se corresponderei às necessidades que a instituição me “impôs”. Andei o fim-de-semana todo a reear este momento, porque não me sinto capaz. Respiro fundo e falo na receção para me chamarem o primeiro menino do dia. Arranjam-me um gabinete e dizem que posso estar lá à vontade.”
(Nota de terreno, 19 de Novembro de 2018)

Todas as semanas reuni com as crianças individualmente durante 1 horas e todas as sessões continham uma componente de intervenção para que pudéssemos compreender

quais os fatores que tinham influência nestes jovens, dentro e fora da escola. Desta forma, tornou-se possível abordar diferentes e variadas temáticas.

Este domínio de intervenção desafiou-me para um novo pensamento sobre o que pode ser o trabalho de um profissional em Ciências da Educação a intervir em contextos não formais de educação, como é este tipo de instituição e competências profissionais que precisa de desenvolver. Neste campo de intervenção tutorial são diversas as características que devemos ter enquanto profissional, tais como, ser:

“(...) um bom comunicador, característica muito importante num tutor, não é aquele que produz um discurso sem interrupções, recorrendo com frequência a palavras polissílabas ou aquele que tem sempre algo a dizer nas sessões, ou que pretende ter a última palavra. Também não é aquele que exprime ideias complexas no estilo académico. É, pelo contrário, alguém que sabe ouvir o outro, lhe coloca a questão correcta, apresenta ideias complexas de forma clara e precisa, mantendo um contacto visual regular, assim como usa a linguagem não verbal, interpreta a linguagem do outro e adapta o registo e estilo ao contexto.” (Wallace in Semião, 2009:61)

Comunicar é fundamental para o triunfo da intervenção e, todos os/as alunos/as que acompanhei se mostraram interessados/as em conversar acerca de todas as temáticas e em participar nas atividades que fui promovendo e realizando. Este sentimento foi plasmado na nota de terreno que transcrevo:

“o D. não é muito conversador, mas consegue ter conversas extensas comigo e nota-se que gosta de o fazer. É um menino com uma visão muito própria da escola e do mundo que o rodeia e, por isso, torna-se interessante conversar com ele.” (Nota de terreno, 13 de Março de 2019)

No fundo, “A ideia é observar e trabalhar em ordem ao aperfeiçoamento pessoal do aluno” (Almeida, 2013:30) Trabalhar com o/a aluno/a é aprender a ver o mundo do ponto de vista dos/as mesmos/as. É conseguir compreender o olhar, a forma como se apresentam e o seu humor. É conhecer as suas expressões. A intervenção tutorial foi tudo isto. Um conjunto de aprendizagens para as crianças e jovens, mas sobretudo, para mim:

“Já começo a conhecê-los e eles a mim. Contam-me alguns dos seus segredos e medos. Contam-me o que os motiva e o que os preocupa na escola. Contam aquilo que lhes apetece no momento, porque a intervenção individual que tenho vindo a fazer com eles/as é, também, com o objetivo de eles terem tempo para si.” (Nota de terreno, 5 de Fevereiro de 2019)

O papel de boa ouvinte foi também fundamental ao longo deste processo, uma vez que:

“Não estava muito confiante que a J. quisesse estar comigo, inicialmente. Mas com o passar do tempo senti da parte dela um grande à vontade e ela foi falando de aspetos da vida dela que a preocupavam, de certa forma. (...) Estivemos muito tempo a conversar porque senti que a aluna precisava de alguém que a ouvisse (...) No fundo foi um momento de aprendizagem também para mim. Sempre soube que era boa ouvinte e foi neste momento que me apercebi de tal.” (Nota de terreno, 12 de Dezembro de 2019)

Ou seja, a atitude que fui assumindo apoiou-se sempre no diálogo e na comunicação. Como sustenta Semião, (2009), “É (...) pelo diálogo que a tutoria se revela uma forma facilitadora do desenvolvimento pessoal e social, porque se centra permanentemente a atenção nas necessidades do indivíduo (...).” (p.62). Sendo esta atividade realizada num contexto de educação não formal, este é um conceito que importa ser focado e caracterizado. A educação não formal é caracterizada pela flexibilidade de horários, programas e locais estando, todavia, presente a preocupação de construir situações educativas com base em diferentes contextos e públicos singulares. Deste modo,

“Procura-se assim contribuir para criar situações educativas mais pertinentes relativamente aos contextos e às comunidades articulando-se de modo mais fértil com processos de desenvolvimento local marcados pelo seu carácter integrado endógeno e participado. Repensar a educação remete necessariamente, para a valorização de modalidades educativas não escolares, ou seja, para modalidades educativas não-formais.” (Canário, 1995: 32)

A educação não formal é considerada uma modalidade de ensino-aprendizagem institucional que, segundo Coombs e Ahmed in Cáride et al. (2007), se pode definir como uma atividade organizada e educativa realizada fora do sistema oficial e destinada a determinadas classes de aprendizagem e subgrupos particulares da população, tanto crianças, como adultos. Pensar as atividades curriculares e extracurriculares, baseadas na educação não formal, requer pensar em todos estes ideais.

Neste sentido, com o decorrer das sessões individuais consegui chegar a temas que são objeto de interesse para as crianças e que deram aso a realização de algumas atividades futuras, ainda que isso tenha sido algo que descobrindo ao longo do tempo, tal como registei:

“Mas com o passar do tempo senti da parte dela um grande à vontade e ela foi falando de aspetos da vida dela que a preocupavam, de certa forma. Inicialmente disse-me que não gostava de ninguém e senti nela uma revolta muito grande. Com o passar do tempo fala-me do divórcio dos pais e do facto de já ter sofrido de bullying na escola. Estivemos muito tempo a conversar porque senti que a aluna precisava de alguém que a ouvisse. Esta diz-me que a mãe se preocupa imenso quando ela anda sozinha na escola e que a pressiona para fazer novas amizades. Nos tempos livres gosta de “estar em casa, a ouvir música e ver séries no Netflix... a deprimir” diz ela. Já experimentou algumas atividades fora da escola, como dança ou karaté e afirma não gostar “porque tem muitas regras”. No fundo foi um momento de aprendizagem também para mim. Sempre soube que era boa ouvinte e foi neste momento que me apercebi de tal. Tentei dar alguns conselhos à menina e mencionei que a violência nunca será opção para resolver nada. Foi um momento de superação para mim, porque estava receosa de estar com os meninos/as de 3º ciclo.”
(Nota de terreno, 12 de Dezembro de 2019)

Neste espaço de intervenção fui com os alunos abrindo novas possibilidades de reflexão sobre a sua vida escolar e sobre situações de natureza mais pessoal, bem como sobre problemáticas sociais sobre as quais manifestaram interesse. Nesse domínio creio ter havido uma aproximação a um trabalho de mediação. Nesta ideia estou a sustentar-me na perspectiva de Costa, Torrego & Martins, (2018) quando sustentam que a mediação “(...) é reconhecida como uma metodologia com forte potencial educativo e capacitador, e como área a explorar para a formação de competências sociais basilares para a vida em comunidade (...) (p.114). Ao mesmo tempo reconheço nesse trabalho um forte potencial para o Desenvolvimento Pessoal e Social das crianças e Jovens. A conversa com a J. relatada atrás, foi um dos momentos em que me apercebi que, realmente, a mediação pode estar presente em diversos contextos da vida, mas sobretudo em contextos de formação e desenvolvimento pessoal.

Voltando ao foco da intervenção tutorial, o entendimento da relevância do envolvimento, após uma fase inicial em que foi prioritário estabelecer uma relação empática e de confiança com os/as jovens, teve de ser alargada de forma muito precisa à sua personalidade, às suas atitudes e aos seus níveis de motivação. Tornou-se indispensável conhecer como é que estes/as eram vistos e se posicionavam nos vários

momentos e lugares, estendendo a minha intervenção para lá dos encontros semanais. Ou seja, foi necessário da minha parte um trabalho de monitorização relativamente ao “estar” e “estar” dos jovens na instituição, no sentido-de melhor os poder acompanhar nos tempos específicos de intervenção.

4 Ações e dinâmicas em grupo

Pensar a dimensão lúdica, quando se fala em crianças, é quase imperativo. Neste sentido, esta encontra-se diretamente associada à criatividade (Winnicott in Ribeiro, 2002), como atividade em que os intervenientes são livres para criar, resultando numa imaginação criadora. Assim, a criança é considerada um indivíduo criativo, tendo uma forte necessidade de criar e recriar a sua fantasia. Assim, “quando as crianças brincam, elas resolvem problemas, fazem descobertas, expressam-se de várias formas, utilizando informações e conhecimentos em contexto significativo” (Portugal In Alarcão, 2008: 51).

Observar as crianças durante a atividade lúdica é um fator-chave para constatar como este é um forte meio de aprendizagem. Entender o brincar como atividade livre pressupõe a implicação das crianças nela, onde a sua ação predomina no entusiasmo e na concentração que acabam por promover o dito desenvolvimento pelas experiências. Brincar, resolver problemas, fazer descobertas e expressar-se são ações promotoras da curiosidade, imaginação e criatividade. O prazer associa-se a esta atividade, respondendo às necessidades e interesses da criança. Desta forma, “nas crianças mais pequenas, o brincar é uma forma de aprendizagem e os educadores sensíveis e conhecedores podem (...) assegurar desenvolvimento e aprendizagens curriculares” (Portugal In Alarcão, 2008: 51-52).

As intervenções em grupo não seguiram uma ordem cronológica desde o início do estágio profissionalizante, pois as crianças e jovens tinham horários muito diversificados e era muito complicado juntar grupos de jovens para conseguir realizar atividades em grupo. Essa dificuldade foi registada, tal como se pode observar:

“Hoje tive uma reunião com a R., minha orientadora local. Começamos por falar acerca da forma como as coisas estavam a correr e respondi-lhe que estava tudo a correr bem. Dentro das normas, mas que de vez em quando, tentava aproveitar a hora individual para realizar pequenas atividades e/ou dinâmicas que achasse pertinente. A mesma mostrou-se muito recetiva e disse que não havia problema algum. Apesar de uma hora ser um espaço de tempo muito curto para conseguir levar a cabo

algumas das minhas ideias. Esta mostra a ideia de um projeto para mim: um workshop acerca de cyberbullying para 2º e para 3º ciclo. Pede-me que me prepare para as férias da Páscoa porque iria pô-lo em prática nessa altura, apresentando-lhe a minha ideia antes. (...) Pede-me ainda que na quarta-feira realize algumas dinâmicas de grupo com o 1º ciclo e digo-lhe imediatamente que sim. O estágio também são desafios e sinto que precisamos de nos desafiar para saber aquilo de que somos capazes.” (Nota de terreno, 1 de Março de 2019)

As dinâmicas de grupo surgiram no decorrer do estágio com a intencionalidade de contribuir para o desenvolvimento pessoal e social das crianças do 1º ciclo. Neste sentido, seguiu-se um trabalho de pesquisa de dinâmicas que fossem desafiantes para eles. Reinaldo (2013) foi uma das minhas fontes de investigação e procura no que diz respeito a esta temática. A licenciatura já tinha proporcionado o contacto direto com esta área, portanto, não era uma novidade para mim. Na licenciatura aprende-se

“Pero todo grupo tiene siempre unos aspectos dinámicos, porque es un ser vivo que está en continuo devenir, que está realizando algo, reaccionando ante algo, provocando interacción entre las personas que lo forman. Se puede decir que un grupo es un ser en movimiento, y que su moverse es el resultado de unas fuerzas ejercidas desde el exterior, y otras desde el interior del mismo grupo.” (Elizalde, 1997:13)

O trabalho em grupo pressupõe que os indivíduos em conjunto se deixem envolver num ambiente de segurança psicológica e afetiva que estimula a expressão de sentimentos, a construção de percursos autorreguladores e extremamente criativos. Posto isto, são necessárias condições fundamentais do ajudante para que este possa obter uma transformação construtiva ou ainda, uma aprendizagem significativa. Estas circunstâncias visam a congruência (relação apropriada entre experiência, consciência e comunicação); consideração positiva e incondicional/aceitação (sentimento de preocupação que não é possessiva nem exige favores pessoais); empatia (sentir o que o outro sente, como se do sentimento do próprio se tratasse); aliança terapêutica (relação de colaboração, confiança, equilíbrio e harmonia entre ambos). Não basta, apenas que estas condições existam. É imprescindível que sejam transmitidas com êxito. O desafio impôs-se sobre mim durante a minha estadia na instituição de estágio, porque todos os dias eu tinha que me adaptar a diferentes contextos e diversas situações.

“Hoje chego à instituição depois do almoço para realizar algumas dinâmicas de grupo com os/as alunos/as. Dirijo-me às professoras de 1º ciclo para lhes dizer que tinha chegado e que estava disponível para ficar com alguns alunos. Fico com um grupo de 14 crianças e começo por realizar um quebra-gelo para conhecer os/as meninos/as com quem ainda

não me tinha cruzado. No total da semana tive três grupos e segui a mesma ordem em todas as dinâmicas. Realizo atividades que envolvem materiais como balões, marcadores de desenho e papéis e as crianças ficam motivadas.” (Nota de terreno, 6 de Fevereiro de 2019)

A primeira atividade realizada denominou-se “*dinâmica do nome*” tem como objetivo quebrar o gelo para conhecimento inicial dos/as participantes. Em círculo, sentados/as, os/as participantes vão um/a a um/a ao centro da roda, dizem o seu nome juntamente com um gesto e, em seguida, todos devem dizer o nome da pessoa e realizar o gesto. Foi um momento de descontração e de diversão, para que todos/as pudessemos conhecer quem estava à nossa frente e ao nosso lado. As faixas etárias de todos os grupos estavam misturadas, sendo que, cada grupo continha meninos/as desde os 4 aos 9 anos de idade. Dado que nem todas as crianças se conheciam, pois eram de turmas distintas e de anos diferentes, esta dinâmica facilitou o conhecimento entre eles/as e possibilitou a sequência de dinâmicas que se seguiu.

A segunda dinâmica tinha o objetivo de *fortalecer laços e melhorar a autoestima* e designou-se por “*dinâmica do abraço*”. Cada um/a tinha que escrever o seu nome e colocar num saco. Seguidamente, todos/as tiram um papel e cada um/a vai ao centro, diz o nome do/a colega e uma característica acerca do mesmo/a – se é bonito/a, simpático/a, tem umas sapatilhas bonitas ou outro elogio que o/a faça sentir-se melhor. O/A colega que sair no papel dá um abraço ao/à outro/a e assim sucessivamente. A dinâmica funcionou muito bem porque era algo diferente daquilo que as crianças costumavam fazer e estavam habituadas. No fundo, foi possível criar laços entre as crianças e, de certo modo, fortalecer esses laços.

A terceira dinâmica, a “*dinâmica das diferenças*” tem como objetivo perceber que *somos todos diferentes mas que no fundo somos todos/as iguais* e consistiu na distribuição de folhas e marcadores por todos/as. Expliquei em que iria consistir esta dinâmica e iniciei com as indicações. Pedi que comesçassem por desenhar um rosto com olhos, boca e nariz sem retirar o marcador da folha, ou seja, sem o levantar. Isto causou alguma dificuldade porque algumas crianças não seguiram a indicação à risca e as outras mostraram-se “injustiçadas”, mas tudo se resolveu. Conseguimos refletir acerca das diferenças e o respeito ao outro e pelo outro. Todas as crianças realizaram a dinâmica da mesma forma mas os resultados foram todos distintos e foi possível perceber essa diferença e refletir acerca dela.

A última dinâmica, chamada “*dinâmica da confiança*”, tem como objetivo fortalecer a confiança e o espírito de equipa entre pares. Esta atividade apenas requeria o espaço disponível como material. Dois/duas a dois/duas, pedi que se colocassem de costas um/a para o/a outro/a, ombro com ombro. Em seguida, pedi que cada dupla se baixasse até ao chão sem desencostar e sem utilizar as mãos. Com a seguinte dinâmica pudemos *refletir acerca da confiança no colega, espírito de equipa e valorização pessoal*. Embora sejam crianças pequenas conseguiram perceber a utilidade de cada dinâmica. O porquê de fazermos as coisas, para perceberem que nem tudo é em vão e que as coisas têm sempre um motivo.

Por fim, realizamos *o jogo da cadeira*, com o objetivo de refletir acerca *do sentido de ganhar e perder* e que ganhar não é sempre importante. Neste caso, o mais importante é participar de forma lúdica com todo o grupo de colegas, umas vezes ganhando o lugar, outras vezes, não.

No final destas atividades foi possível refletir sobre o que cada um/a aprendeu com as dinâmicas de grupo. Foram momentos de aprendizagem e de entreajuda, e, acima de tudo, de respeito pelo próximo.

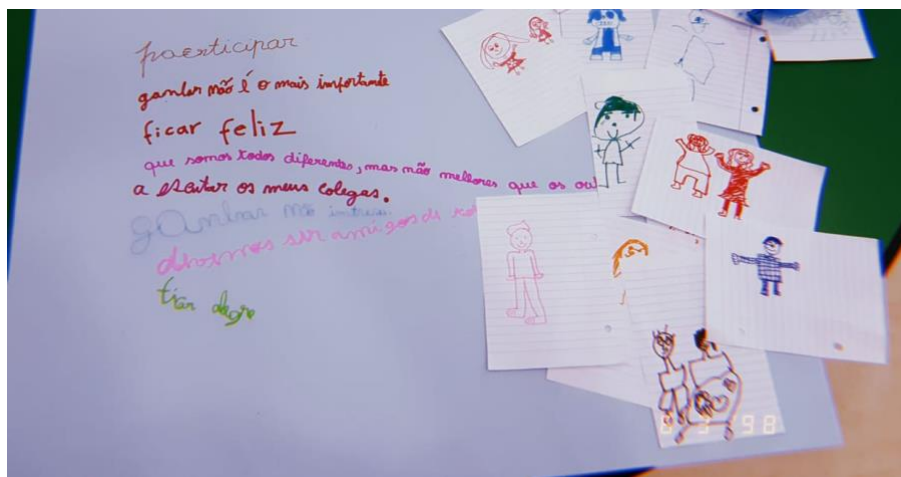


Figura 2 – Registo de atividades realizadas pelos/as alunos/as

Para além destas dinâmicas, os tempos de intervenção permitiram ainda refletir sobre outros temas do interesse das crianças e jovens, alguns deles relacionados com a temática da Educação para a Saúde. Esses temas foram refletidos na forma de workshops.

“Os workshops foram sugeridos pela minha orientadora local, a R e acordados com a orientadora da FPCEUP No entanto, e como eu estava a ter muita dificuldade em realizar atividades em grupo nos horários que

estipularam para mim senti uma grande vontade de aceitar este desafio. E foi mesmo um desafio!” (Nota de terreno, 6 de Fevereiro de 2019)

Desta forma existiu a possibilidade de agendar com a R. os dias das férias em que ocorreriam os quatro workshops, uma vez que, o calendário de férias ia tendo bastante sucesso e começava a ficar preenchido com diversas atividades.

As temáticas dos workshops abarcaram temas como: *bullying e cyberbullying* para 2º e 3º ciclo; *puberdade* para 2º ciclo; *sexualidade e afetos* com particular enfoque na *violência no namoro* para 3º ciclo do ensino básico. Estes temas são bastantes atuais e todos eles foram mencionados em algum momento da intervenção tutorial com diferentes jovens, daí a importância de os trabalhar. Estas iniciativas envolveram muita pesquisa trabalho da minha parte dado que em algumas das temáticas eu não estava particularmente informada, e fui também apoiada pela orientadora da FPCEUP.

Os workshops *sobre as temáticas* do Bullying e do Cyberbullying, envolveram alguns dos/as alunos/as de 2ºciclo que tinham realizado um trabalho acerca desta temática no início do ano letivo, o que contribuiu para uma dinâmica de maior envolvimento dos jovens. Com efeito, estas atividades requeriam ser dinâmicas e dar aso à imaginação e participação dos/as estudantes, pois envolviam alunos de faixas etárias muito novas e que gostam mais de participar do que “estar a ouvir”.

A atividade na sua globalidade correu bem e com boa participação, tal como registei em nota de terreno:

“Os alunos do 2º ciclo e 3º ciclo foram muito participativos e intervenientes no decorrer dos workshops. Participaram de forma ordeira e sempre pronta. Percebiam do assunto e mesmo quem não percebia não tinha medo de errar. Notou-se o agrado face às atividades que eu preparei e fizeram-nas com muito brio.” (Nota de terreno, 9 de Abril de 2019)

Os workshops para além permitir dar algumas informações teóricas sobre os temas permitiram pela componente prática que tiveram levantar questões sobre a temática e realizar atividades em grupo. No caso do *bullying e do cyberbullying*, realizaram, em pequenos grupos, um cartaz com o intuito de o afixar na Instituição para uma maior sensibilização da comunidade educativa sobre o tema.

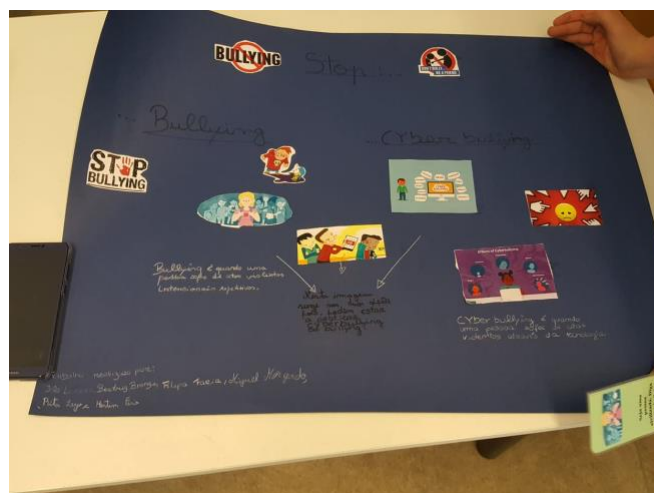


Figura 3 – Cartaz apelativo ao combate ao bullying.

Os workshops relacionados com o ramo da sexualidade foram alvo de especial atenção e pormenor dado que eram os temas em que não me encontrava tão preparada e tornaram-se os mais desafiantes.

“Hoje, com o intuito de superar as minhas expetativas dirigi-me ao Centro de Saúde do Castelo da Maia, para reunir com uma Enfermeira que me pôde ajudar em algumas temáticas a tratar nos workshops das próximas semanas. Uma vez que a Senhora Enfermeira era muito amável, prontificou-se a ajudar desde então. Forneceu-me alguns materiais e deu-me algumas ideias de assuntos a abordar com os determinados ciclos.”
(Nota de terreno, 25 de Março de 2019)

Os dois momentos tiveram por base o manual PRESSE para 2º e 3º ciclo do ensino básico, criado para facilitar a implementação da Educação para a Saúde em contexto escolar e em contextos de formação. Estes manuais abordam diferentes áreas temáticas e cada área é explorada através de possíveis atividades práticas para que, os/as alunos/as possam compreender melhor o tema em questão.

A questão da puberdade é um tema que se aborda em aulas de Ciências Naturais. Não sendo, assim, um tema totalmente desconhecido pelos jovens foi abordado através de uma dinâmica que remetia para as transformações físicas, psicológicas e hormonais que o corpo das meninas e dos meninos sofrem. Assim, toda a apresentação foi bastante prática dando sempre espaço a dúvidas e à participação das crianças e, portanto tudo fluiu muito naturalmente. No final da apresentação deixei os/as alunos/as perante uma atividade que se denominava “O que se passa com o meu corpo?” e que, como o nome indica, tinha a ver com as mudanças sofridas com cada parte do corpo atribuída a cada grupo.

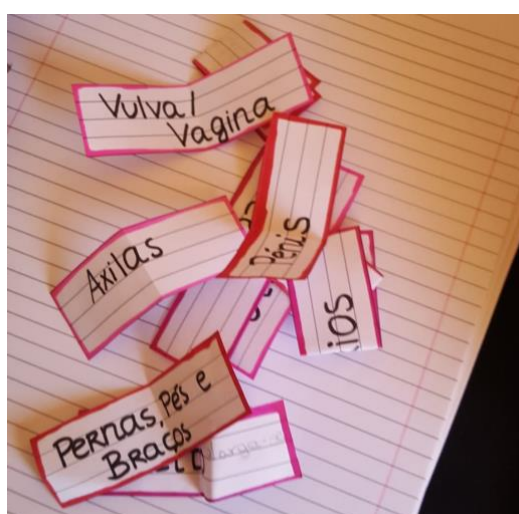


Figura 4 – Dinâmica realizada no final do workshop “Puberdade”.

O workshop acerca da *Violência no namoro* foi um dos que mais tive dificuldade em abordar por reconhecer ser muito atual e sobre a qual os jovens não gostam muito de falar.

“Todos os grupos e temas dos workshops foram desafiantes, mas para mim o 3º ciclo e temática da Violência no Namoro era o que me parecia mais difícil e fiquei surpreendida. Superou todas as minhas expetativas. Todos/as os/as alunos/as participaram e mostraram-se muito recetivos e alertas.” (Nota de terreno, 16 de Abril de 2019)

Estive perante um grupo de alunos/jovens que se mostrou acanhado ao início, mas com o passar do tempo tornou a dinâmica do workshop muito interessante e, sem dúvida, muito rica. Na abordagem a esta temática foquei factos recentes e estatísticas recolhidas no ano de 2018 para que todos/as pudessem perceber o impacto deste assunto. No final da apresentação lancei o desafio de, em pequenos grupos, criarem um slogan de combate e

conscientização à violência no namoro. Para fechar a atividade dei liberdade aos/às alunos/as para perguntarem alguma dúvida, anónimamente para que eu pudesse responder. Foi interessante perceber a diversidade de dúvidas e de assuntos que existiam nos papéis. Para terminar o workshop distribuí por todos um folheto informativo acerca da temática tratada para o culminar da experiência. A atividade teve bastante sucesso e os/as alunos/as foram muito participativos.

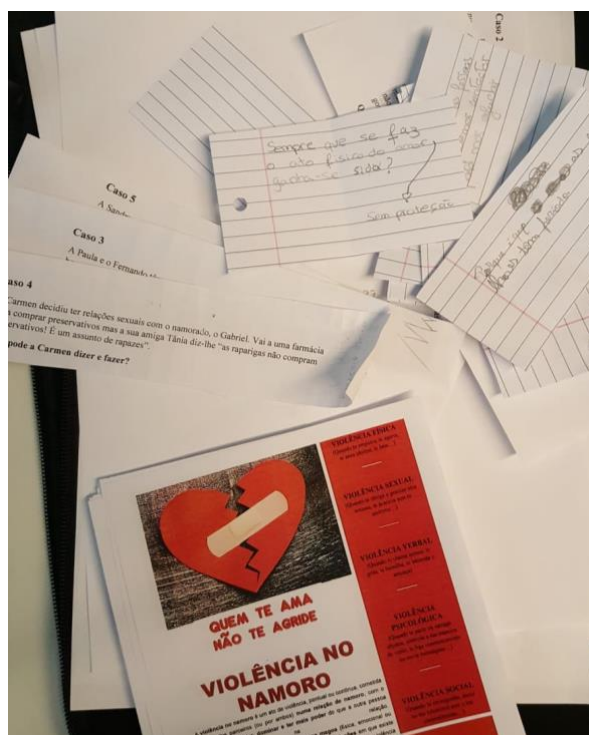


Figura 5 – Workshop “Violência no Namoro”.

Com a realização dos diferentes workshops, em variadas faixas etárias, foi possível compreender melhor a importância que a Educação para a Saúde tem no desenvolvimento das crianças e dos jovens, tanto a nível pessoal, como a nível social.

5 O estágio e o domínio de formação: um olhar avaliativo

No âmbito do estágio realizado em Ciências da Educação, integrado no domínio *Educação, Comunidades e Mudança Social*, foram tidas em conta várias dimensões, como a participação, o diálogo, a cooperação com o objetivo de existir um equilíbrio de relações entre os diferentes atores.

No que respeita a análise sobre a tutoria, esta é uma estratégia que coloca no núcleo o/a aluno/a como sujeito em desenvolvimento, evidenciando-se pela valorização das suas necessidades e competências através de uma postura diferenciada que depende da receptividade do tutorado. Desta forma, tornou-se fundamental

“compreender os diversos actores, não como sujeitos, nem como objectos, mas como participantes. A participação efectiva dos diversos actores requer poder de participação e está relacionada com a capacidade de encontrar ressonância das suas expectativas e interesses, a qual lhe permita sentir pertença, envolvimento e não estranheza” (Equipa K’CIDADE, 2007: 22).

A Educação para a Saúde nas escolas e em contextos de formação demonstra-se uma mais-valia para os/as alunos/as, dado que auxilia na gestão da saúde e em questões sociais, melhorando a aprendizagem e a eficácia destes espaços. Assim, a promoção da saúde nas escolas dota as crianças e jovens com conhecimentos e valores que os ajudem a desenvolver atitudes e a adotar comportamentos promotores de saúde e do seu bem-estar, físico, social e mental.

Dado que

“qualquer investigador[a] pode fazer progredir a sua capacidade de análise dos fenómenos sociais, avaliando, a posteriori, o seu próprio trabalho teórico. Esta avaliação toma geralmente duas direções complementares.” (Quivy & Campenhoudt, 1998:246).

Assim, quando se fala em conceção e gestão de projetos e, naturalmente, em metodologias de avaliação estamos perante particularidades como a negociação, a participação, a proatividade no que diz respeito aos atores e às suas perspetivas. As várias etapas de intervenção são vistas como requisitos necessários à riqueza e impacto do trabalho desenvolvido (Almeida, Boterf & Nóvoa, 1996; Equipa K’CIDADE, 2007; Leite, Rodrigues & Fernandes, 2006). É, desta forma, que é possível favorecer efeitos

pedagógicos e formativos dos participantes no processo, algo que foi tido em conta a cada atividade realizada. (Equipa K’CIDADE, 2007; Leite, Rodrigues & Fernandes, 2006)

Entendendo-se a investigação ao serviço da intervenção e tendo, atualmente, o/a avaliador/a uma compreensão de “investigador, mediador e facilitador” (Equipa K’CIDADE, 2007: 31) de uma comunicação que propicie estratégias provenientes dos protagonistas do contexto. Assim, a intervenção a que se assiste neste relatório foi redirecionada no sentido formativo.

**Capítulo IV: Entre a idealização e a realização:
Considerações Finais.**

Entre a idealização e a realização: considerações finais.

O culminar de toda a intervenção merece ser alvo de algumas considerações acerca da experiência vivida, e refletindo também acerca dos profissionais em Ciências da Educação. As competências desenvolvidas e maturadas são alvo de especial atenção neste último capítulo, uma vez que tive a oportunidade de estar num contexto de educação não formal e pude experienciar situações que contribuíram para o desenvolvimento de competências no sentido de poder vir a intervir em contextos educacionais não formais.

O contacto direto com crianças e jovens sempre esteve patente nos meus interesses profissionais desde que me recordo. Ao longo da licenciatura e no decorrer do mestrado em Ciências da Educação pude contactar com profissionais da área e o feedback que nos deram sobre a sua atividade profissional foi gratificante e elucidou-me no caminho a seguir. A licenciatura conseguiu proporcionar-me esse contacto direto, nomeadamente, com crianças. Esse contacto relativizou algumas das minhas incertezas e inquietações e veio tornar mais coerentes e coesas algumas das minhas ideias. Desde os primeiros dias de estágio, e enquanto profissional da área das CE, decidi adotar uma postura empreendedora, multifacetada e ajustável a diferentes contextos e com um olhar crítico sobre o trabalho desenvolvido.

Assim torna-se necessário re(pensar) a Educação numa altura em que esta representa uma aposta continuada a cada etapa de vida do sujeito. Este trabalho vem reforçar esse princípio com base no lugar em que o/a mediador/a socioeducativo poderá ocupar. Decerto, os profissionais em CE podem atuar em diversos contextos como é visível ao longo deste relatório. Este campo de intervenção foi uma forma de mobilizar as competências adquiridas ao longo da formação relacionadas com a vontade de aprender no campo prático junto de profissionais competentes. O processo envolveu um determinado grau de autonomia para, de certa forma, mostrar utilidade à instituição através da pluralidade de sentidos que a minha ação podia tomar.

É necessário refletir que as Ciências da Educação nos dão um leque de ferramentas que possibilitam a nossa atuação no terreno e nos fornecem competências adequadas para a realização de intervenções deste género. O contacto com o contexto foi enriquecedor de inúmeras formas, desde ao trabalho tutorial individual como ao contacto com diferentes grupos de crianças e jovens. Este trabalho permitiu analisar algumas das capacidades que

um profissional desta área deverá ter e, por outro lado, permitiu que as aprendizagens e a minha formação se tornasse muito mais avultada e mais enriquecida, tanto pela convivência com os agentes educativos como com as crianças.

Afinal,

“(...) as crianças são atores sociais com poder de ação e de iniciativa, implicadas na construção e determinação das suas próprias vidas e na daqueles que as rodeiam e da sociedade em que está integrada, cuja experiência das possibilidades e/ou dos constrangimentos das estruturas sociais no quotidiano lhes confere um estatuto semelhante ao de qualquer outro ser social” (Corsaro *et. al.* in Ferreira, 2004:21).

Um dos obstáculos existente à profissionalização dos profissionais em Ciências da Educação é a invisibilidade por parte da sociedade em geral, mas mais particularmente, sob as entidades empregadoras. A inexistência de um campo profissional específico acaba por não nos dar uma grande margem de possibilidade e por nos fechar portas recorrentemente. As Ciências da Educação abrangem a área humana e social. Na minha visão, um/a mediador/a socioeducativo deve ter um papel fundamental nesse sentido, ajudando a (re)pensar a Escola e a Educação/Formação de uma maneira diferente, onde esta seja mais inclusiva e possa ter em conta as peculiaridades de cada criança/jovem. A capacidade e competência de pensar criticamente sobre os temas mais diversos é o que nos torna, de facto, mais versáteis.

A educação necessita de ser repensada e através da perceção da diferença somos

“ (...) capazes de reconhecer que quanto mais diferentes somos mais dependemos do nosso mútuo reconhecimento e dos nossos laços e, nessa base, poderemos ver as nossas próprias relações como componentes-chave no processo de ação coletiva sobre as nossas preocupações e reivindicações partilhadas.” (Magalhães, 2007:241)

A diversidade humana destaca diferenças como sociais, culturais e étnicas. A integração dos/as alunos/as implica uma série de questões, nomeadamente o seu desenvolvimento pessoal e social em termos educativos levando a uma autonomia interior e exterior. Através da diferença podemos também repensar a educação e a formação.

Ao realizar uma análise retrospectiva do percurso de estágio verifica-se um amadurecimento do sentido ético na prática profissional da intervenção. Este é um exercício regular e exigente. No decorrer da formação é refletida a importância das preocupações éticas porque estamos a lidar com pessoas, com contextos e situações do quotidiano. Ou seja, a reflexão e a tomada de consciência são competências que

amadurecem com o contacto direto com a realidade. A ação de profissionais de CE torna-se fundamental para que os objetivos da educação/formação igualitária possam ser inclusivos e fruto de sucesso. Mas, como vimos no decorrer da tese, a prática não é um fator suficiente por si só. É, então, necessária uma modificação social efetiva, criando uma agenda política emancipatória em torno das diferenças do contexto educativo e confiando no processo de educação/formação e aprendizagem.

Não podemos, de jeito algum, esquecer-nos de que estamos a educar uma geração e, não queremos, de todo, uma educação monopolizada por regras e exigências que nos façam ver os/as alunos/as como iguais, como se de uma produção em série se tratasse. Educar deverá seguir medidas equilibradas de procedimentos, instrumentos e aprendizagens. Neste seguimento sinto-me no dever de citar Baptista (2005) pois “A razão não pode andar divorciada da sensibilidade e do bom senso, ela precisa ser temperada pelas marcas de afecto que evidenciam a proximidade do homem com outro homem.” (idem: 51)

Embora exista espaço para um profissional de CE em contextos de formação não-formal, é visível que existe a necessidade de reajuste e adaptação da instituição ao/a profissional. No caso particular, essa adaptação foi feita gradualmente porque até à data em questão não haviam conhecidos profissionais da área das Ciências da Educação. Em suma, julgo que faz todo o sentido conjugar diferentes profissionais do ramo da Educação em espaços de formação, uma vez que, se fala em Educação e Formação de crianças e jovens.

O conhecimento que possuímos deve ser complementado por novos, dado que, nunca seremos possuidores de um saber total, porque, existem saberes que penetram e enriquecem os outros. Neste sentido, devemos aliar a prática à teoria e, mesmo desta forma, adquirimos constantemente novos saberes e novas competências, como foi o caso do estágio profissionalizante.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, Isabel (2008). A Educação das Crianças dos 0 aos 12 anos. Retirado em Março 22, 2017 de <http://www.cnedu.pt/content/antigo/files/pub/EducacaoCrianças/5-Relatorio.pdf>.
- Arenhart, Livio Osvaldo (2007). Pressupostos filosóficos da hermenêutica diatópica proposta por Raimon Panikkar in Revista DIREITOS CULTURAIS, V2-nº 3, pp. 81-94.
- Barbier, René (1993). Le jornal d'itinérance en formation de formateurs. Congresso de l'AECSE. Universidade de Paris, Paris, França.
- Barbedo, Vera & Gonçalves, Vítor (s/d) GPS: Guia para ser(es) - Programa de desenvolvimento de competências pessoais e sociais, Portugal, Escola de Enfermagem do Porto.
- Baptista, Isabel (2005). Dar rosto ao futuro: A educação como compromisso ético (pp.34-56). Porto: Profedições.
- Caride Gómez, José A.; Freitas, Orlando; Vargas Callejas, Germán (2007). “A educação como processo de desenvolvimento”, in Educação e desenvolvimento comunitário local: perspectivas pedagógicas e sociais da sustentabilidade. Porto: Profedições.
- Canário, R. (1995). “Desenvolvimento local e educação não formal.” Educação e Ensino 11, 31-34.
- Carvalho, Graça. (2006) Criação de ambientes favoráveis para a promoção de estilos de vida saudáveis. In PEREIRA, Beatriz Oliveira ; CARVALHO, Graça Simões de - “Actividade Física, Saúde e Lazer : A Infância e Estilos de Vida Saudáveis.” Lisboa : Lidel Edições Técnicas Lda, 2006. ISBN 972-757-423-8. p. 19-37.
- Costa, Elisabete, Almeida, Liliana & Melo, Márcia (2009). A mediação para a convivência entre pares: contributos da formação em alunos do ensino básico. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho. pp- 165-178. ISBN- 978-972-8746-71-1.
- Costa, Elisabete, Torrego, Juan & Martins, Alcina (2018). Mediação escolar: a análise qualitativa da dimensão interpessoal/social de um projeto de intervenção numa escola TEIP. Revista Lusófona de Educação, 40. Pp. 111-126

Costa, Liliana e Alves, José (2015) Educação, Territórios e Desenvolvimento Humano: Atas do I Seminário Internacional, Vol. II – Comunicações Livres, Porto.

Direção-Geral da Educação (2014) Programa de Apoio à Promoção e Educação para a Saúde retirado de http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Esaude/papes_doc.pdf

Ferreira, Maria M. (2004). «A gente gosta é de brincar com os outros meninos!»: Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância. Porto. Edições Afrontamento.

Fernandes, Preciosa, Caldas, José, & Engleby, David (Eds.) (2013). Health education: perspectives and intervention contexts [special issue]. Educação, Sociedade & Culturas, 38.

Fernandes, Preciosa, & Mota, Mariana (2018). Estruturas de apoio pedagógico na escola pública e seu papel na mediação educativa e no trabalho dos professores. Currículo Sem Fronteiras, 18(3), 928-942. Scopus

Elizalde, Luis López-Yarto (1997). Dinámica de grupos. Cincuenta años después. Editorial Desclée de Brouwer, S.A. Bilbao.

Freire, Isabel Pimenta (2010). A mediação em educação em Portugal. In José Alberto Correia & Ana Maria Costa e Silva (Orgs.) Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Atores. Porto: Afrontamento.

Magalhães, Maria José (2007). Agência feminista e das mulheres: Procurando o novo sujeito feminista?. In Lúcia Amâncio, et al., O Longo Caminho das Mulheres: Feminismos 80 anos depois (pp. 229-244). Lisboa: Dom Quixote

Lapassade, Georges (1990). La méthode ethnographique. Pratiques de Formation (20), 119-131.

Leite, Carlinda, Fernandes, Preciosa, & Silva, Sofia M. (2013). O lugar da educação para a cidadania no sistema educativo português: Perspetivas de docentes de uma escola TEIP / The place of citizenship education in the portuguese educational system: perspectives of teachers from a TEIP school. Revista Educação – PUCRS (BR), 36(1), 35-43.

Leite, Carlinda, Fernandes, Preciosa, Mouraz, Ana, & Sampaio, Marta (2015). Parcerias entre a escola e a comunidade: Uma análise a partir da avaliação externa das escolas [Partnerships between school and community in Portugal: An analysis based on external

evaluation of schools]. Dados: Revista de Ciências Sociais, 58(3), 825-855. 10.1590/00115258201560. JCR; Scopus

Leite, Carlinda; Rodrigues, Lurdes & Fernandes, Preciosa (2006). A Auto-avaliação das escolas e a melhoria da qualidade da educação – um olhar reflexivo a partir de uma situação. Revista de Estudos Curriculares, 4(1), 21-45.

Pinto, Manuel & Sarmento, Manuel J. (1997). As crianças, Contextos e Identidades. Portugal: Centro de Estudos da Criança – Universidade do Minho.

Precioso, José Gomes (2009) “As Escolas Promotoras de Saúde: uma via para promover a saúde e a educação para a saúde da comunidade escolar”, in Educação, Porto Alegre, v. 32, n. 1, p. 84-91, jan./abr.

Quaresma, Luísa & Lopes, João Teixeira (2011). Os TEIP pela perspectiva de pais e alunos. Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, XXI, 141-157

Quivy, Raymond & Campenhoudt, Luc V. (1998). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.

Ribeiro, Agostinho D.S. (2002). A Escola pode esperar. Porto: ASA Editores.

Rocha, Cristina & Ferreira, Manuela (2002, Fevereiro). O que é Investigar?: Ética e Deontologia em Ciências Sociais e Humanas/Ciências Da Educação: Relação entre Ética e Deontologia com base na consideração da Investigação como uma relação social e humana. Jornadas Internas do CIIE. FPCEUP, Porto, Portugal.

Roteiro de Acompanhamento e Avaliação de Projetos de Intervenção comunitária (GPS) (2007). Lisboa: Equipa K’CIDADE

Sequeira, Anabela & Pereira, Beatriz (2004). Estudo descritivo das actividades de tempos livres no ATL – um estudo de caso. VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, Universidade de Coimbra, Portugal.

Silva, Ana Maria Costa (2011). Mediação e(m) educação: discursos e práticas. Revista Intersaberes, (12), 249-265.

Silva, Sofia Marques da (2001) Da Casa da Juventud aos Confins do Mundo. Etnografia, fragilidades, medos e estratégias juvenis. Porto: Edições Afrontamento

Silva, Sofia M. (2013). *NegotiationsEthicalChallenges in Youth Research*. Routledge.

Teixeira, H. & Volpini, M. (2014). A importância do brincar no contexto da educação infantil: creche e pré-escola. *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro-SP, 1 (1):79-88.

Torremorell, M. Carmen (2008). Descrição do processo mediador. *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.

Torremorell, M. Carmen (2008). Revisão do conceito de Mediação. *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto, Porto Editora, 15-46.

Vasconcelos, T., D'Orey, I., Homem, L. F. & Cabral, M. (2003). *Educação de Infância em Portugal: Situação e Contextos numa Perspetiva de Promoção de Equidade e Combate à Exclusão*. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Apêndices

Apêndice 1 – Exemplos de Notas de Terreno

Notas de Terreno – Estágio

Reunião

12-10-2018

Orientadora Local: Professora R. – coordenadora da valência do ATL (apoio ao estudo).

Data de início: 15-10-2018 por volta das 10h/10:15h

- Planear e desenvolver pequenas atividades/projetos de intervenção em áreas diversas relacionadas com a Educação para a Saúde e Cidadania (de acordo com as faixas etárias).
- Ajudar/auxiliar alunos/as com Necessidades Educativas Especiais (NEE)

(Pegar em campos como o cyberbullying, bullying, alimentação saudável, autonomia, emoções, etc.)

- Realizar dinâmicas de grupo pertinentes e não muito pesadas, no sentido de aliviar o stress dos estudos.

(Pegar em ideias de conceitos e perceber de que forma as crianças/ jovens os vêem, de que forma se “apoderam” dos conceitos.)

O primeiro dia

15-10-2018

O estudo de algumas (futuras) temáticas a tratar no estágio serviu para orientar os meus interesses no que remete ao estágio e serviu para organizar alguns possíveis planos e orientações que posso seguir no decorrer deste percurso. Muitas atividades relacionadas com a Educação para a Saúde e também temas que têm por base algumas dinâmicas de grupo. Tudo com um mesmo sentido: o desenvolvimento pessoal e social destas crianças e jovens.

Mal cheguei à instituição, por volta das 10h, pedi na receção que chamassem a R., minha orientadora local. Aguardei um pouco e fui observando a entrada, onde estavam os motoristas das carrinhas e duas crianças que esperavam boleia para a escola. O horário de abertura da instituição é às 8h30. Nota-se mais afluência na área da creche/jardim-de-

infância pois os pais, normalmente têm de deixá-los mais cedo. Hoje é um dia de insegurança, medo e alguma reticência. É tudo novo para mim e, acima de tudo, muito desafiante. Estagiar num sítio que nunca teve ninguém da minha área e tentar aproveitar o tempo livre para realizar o meu “projeto” não vai ser nada fácil. Espero conseguir.

Entretanto a R. veio ter comigo à entrada e subimos imediatamente para a sala de estudo. Esta apresentou-se a todas as salas e as todas as professoras e alunos/as dizendo que eu era a nova estagiária, na área das Ciências da Educação e que passaria, ao longo da semana, por todas as salas para observar.

Em primeiro lugar comecei pela sala da R., do 7ºano, que esta classifica como uma turma calma e bem-comportada. Estavam cerca de 10 alunos/as presentes. Cada professora tem o horário de cada aluno para saber em que parte do dia estes/as estarão lá. É referido que nenhuma das professoras irá mudar o seu método por eu estar presente e que irão atuar normalmente. Enquanto lá estive, cerca de 30 minutos cada aluno/a focava-se numa matéria consoante os trabalhos de casa. Ao mesmo tempo, a R. tirava dúvidas individuais e corrigia alguns dos trabalhos. Nota-se, por parte desta, uma grande preocupação nesse sentido. Também é notório um grande à vontade na sala. Falam para o lado, telemóveis em cima da mesa, etc. Por volta das 10h30 fazem um intervalo de 30 minutos para lanchar na cantina e, posteriormente, brincarem um pouco e estarem no telemóvel à vontade.

Seguidamente, por volta das 11h dirigi-me à sala da professora L. perguntando se podia observar. Neste espaço, encontram-se alunos/as de 7º, 8º e 9º ano a esclarecer dúvidas relativas às matérias de Física e Química. Estavam cerca de 7 ou 8 alunos/as na sala, chegando depois uma menina que saíra da sala de Ciências para esclarecer algumas dúvidas. Encontrei algumas diferenças no trabalho das duas professoras, mas não podemos trabalhar todos da mesma maneira. Os/As alunos/as nesta sala são mais barulhentos e menos obedientes. A professora parece pacífica e não se exalta facilmente. Estes fazem exercícios de Física e Química e Matemática e esclarecem dúvidas. Por volta das 12h os/as alunos/as descem para almoçar e descansar um pouco antes das aulas. Desço com eles e agradeço à professora.

Passado uns minutos subo para ir ao encontro da R., para esta me apresentar o espaço e as diferentes divisões. No piso 0, a área polivalente com um espaço grande para as crianças/jovens brincarem e salas de apoio ao estudo do 1º ciclo. No piso 1, a receção,

os gabinetes, a sala de apoio ao estudo do 3ºano e a cantina. E no último piso, as salas de apoio ao 2º e 3ºciclo. A R. menciona alguns casos de Necessidades Educativas Especiais que acha interessante eu trabalhar. É uma ideia desafiante, confesso. Menciona que entre as 13h e as 14h30 alguns alunos/as estarão na sala polivalente para brincar e eu ofereço-me para vigiar no dia seguinte e observar os alunos de 1º ciclo que chegam por volta das 15h30. Despeço-me para retornar no dia seguinte.

Foi um dia de inseguranças, medos e de duvidar de mim a toda a hora e minuto. Espero ser capaz de fazer algo que me realiza e, ao mesmo tempo, realize a instituição.

16-10-2018

Hoje cheguei à instituição perto das 13h. Mal cheguei aguardei na receção e a C. diz-me que sempre que eu chegasse podia estar à vontade. Perguntei pela R. e disseram-me que se encontrava na sala. Subi, de imediato para ir ao seu encontro dizendo que já tinha chegado e que iria estar na sala polivalente a observar as crianças depois da hora de almoço.

Desci e fiquei sentada numa cadeira pequenina que estava ao meu alcance, perto de uma mesa. Os rapazes jogavam futebol, outros estavam a brincar no parque. Mais tarde, perguntaram quem eu era e se iria ser a nova professora. Foi complicado explicar que não é o porquê. O tempo passava e apareciam novas crianças, uns/umas do 1ºciclo, outros do 2º. Estranhavam a minha presença ali. Uma das meninas, de 1ºciclo, dirigiu-se imediatamente a mim, perguntando o meu nome e quem eu era. De forma natural começou a contar-me algumas coisas, sempre com o seu jeito inocente. As crianças são mesmo assim, afinal de contas. Estive “acompanhada” pelas crianças até às 14h30. Uma das professoras veio ter comigo, perguntando quais eram as minhas ideias deste estágio e o que tencionava fazer. Tentei explicar as ideias que tinha, uma vez que neste momento não passam de ideias. Alguns dos meninos/as continuavam a meter conversa comigo. O bom das crianças/jovens é que são, normalmente, muito recetivos.

Entre as 14h30 e as 15h30 estive sozinha na sala polivalente, a não ser quando a senhora da limpeza apareceu lá e conversou comigo. Menos mal, porque senão as horas pareciam não passar.

Por volta das 15h30/15h45, e porque já estava na hora do apoio ao estudo do 1ºciclo, fui procurar a professora para me apresentar e para saber se podia assistir ao

apoio. A professora mostrou-se muito prestável e deixou que me sentasse num canto, e fez algumas perguntas relativamente ao que eu tencionava fazer. Só estava 1 aluno na sala, mas com o passar do tempo começaram a chegar mais. A professora explica que começam por fazer os trabalhos de casa e depois fazem trabalho orientado. A turma é mista e apresenta crianças de 1º e 2º ano. O trabalho é dinâmico e estas crianças passam algum tempo na sala. Observei a sala até às 19h. A professora ia apresentando as crianças conforme iam chegando. Por volta das 16h30 estes/as fazem uma pausa para o lanche, de cerca de 20 minutos. À medida que os alunos/as terminavam os trabalhos iam brincar para a sala polivalente. Têm que ter brio no trabalho porque só assim é que é possível que os/as alunos/as sejam “dispensados”. A professora atribui pontos a cada um/a por bom comportamento e pela positiva forma de realizar os trabalhos. Algumas das crianças ficam umas horas a brincar na sala polivalente antes de irem para casa. Foi um tarde diferente onde me pude focar na observação de crianças na faixa etária com a qual eu adoraria trabalhar. A professora Joana disse-me que seria interessante que eu também trabalhasse com os mais pequenos. É uma ideia a pensar.

Foi um longo dia de observação que me fez pensar muito no presente e no futuro.

17-10-2018

O terceiro dia de observação foi um pouco diferente porque decidi ir à instituição na parte da manhã e na parte da tarde. Quando cheguei, por volta das 10h, dirigi-me à sala da R. para saber onde poderia observar. Rapidamente me indicou duas salas e optei por uma.

Fui, então, para a sala da professora C. onde estavam presentes alunos/as de 6º ano. Uma das alunas que estava na secretária da professora estava a rever matéria de 5ºano de História, porque no ano anterior não tinha dado matéria e a professora da escola deu nota 4 a todos/as os/as alunos/as da turma. “Como é que isto ainda acontece em pleno século XXI?!” diz-me a professora indignada. Estes dias dão para perceber como estas crianças estão sobrecarregadas de trabalho. Chegam às 9h ao ATL, fazem pausa de lanche das 10h30 às 11h, estudam novamente até ao 12h/12h30 e descem para almoçar, tendo aulas às 13h30 na escola. Têm aulas a tarde toda e se for necessário ainda voltam ao centro de estudos porque este só fecha às 19h30. Passam o dia inteiro a estudar, o que é demasiado cansativo para eles/as.

Gostava de intervir nesse sentido, de lhes transmitir um pouco mais de calma e repouso, para não ser só estudar. As turmas do centro de estudos, normalmente, são mistas e a professora C. diz-me que acha que não resulta porque, para além de cada um/a ter necessidades diferentes, as matérias diferentes às vezes também atrapalham. E porque muitas vezes a própria professor tem que ser multifacetada e dar atenção a todos/as ao mesmo tempo. Concordo totalmente. E se funciona assim num centro de estudos, quanto mais numa escola em que cada turma tem perto de 30 alunos... Esta professora é muito carinhosa com os/as alunos/as e deixa-os ter pequenos momentos de descontração. A turma, no geral, é calma e curiosa.

Na parte da tarde, chego à instituição, por volta das 15h e sigo para o piso de cima. Vou diretamente à sala da R. porque de manhã me tinha dito que estaria com o 4ºano à tarde. Assim que entro e explico, esta diz-me que não e pergunto se naquele horário estará algum menino/a com Necessidades Educativas Especiais em alguma turma. Esta diz-me que sim e reencaminha-me para uma sala de 8ºano onde está o D., um bom aluno mas que é hiperativo e consegue distrair a turma toda. A outra menina apresenta muitas dificuldades a nível de aprendizagem. O que é certo é que este aluno consegue distrair a turma toda com alguns comportamentos e alguma falta de educação. As professoras tentam ter mão nele, mas este tenta sempre ficar por cima. Um caso bastante complicado. Os/As restantes alunos/as parecem alunos excelentes mas que de vez em quando necessitam de uma pausa no estudo porque acaba por ser muita carga horária para eles/as. No entanto, após o terceiro dia ainda não se tornou completamente explícito para mim aquilo que devo fazer no estágio. Espero que os próximos dias sejam esclarecedores e que a instituição mostre alguma necessidade em que eu possa ser útil.

18-10-2018

Hoje mal cheguei à instituição, por volta das 9h40 dirigi-me à sala da professora C., uma vez que tinha ficado acordado no dia anterior que iria observar a sua sala. Assim que subo e chego à sala, bato à porta para saber se posso entrar. A professora diz-me logo que sim. Sento-me ao fundo da sala para ter um campo de visão de toda a sala. A turma tem 6 alunos/as, dado que alguns estão a faltar, explica-me a mesma. Uns são de 5ºano e outros de 6ºano, sendo que as escolas a que pertencem variam entre eles. Como é prioridade em todas as salas, fazem os trabalhos de casa em primeiro lugar e estudam para os testes, de seguida. Os/as alunos/as estão na instituição desde as 9h da manhã (mais ou menos). A turma, no geral, apresenta-se calma. A professora diz que são bons alunos e

que se comportam muito bem. Ao longo da manhã vão esclarecendo dúvidas e quando acabam os trabalhos de casa, fazem trabalho orientando para cada disciplina. Um dos alunos pergunta à professora se pode aproveitar o tempo de estudo para escrever um discurso para o casamento do pai, que iria casar-se no fim-de-semana. Esta responde-lhe que não “porque são coisas que podes fazer em casa”. Este diz que em casa não tem tempo porque sai às 18h30 da escola. O que é certo é que passam muito tempo a estudar e pouco tempo a brincar ou a fazer coisas que lhes deem prazer.

19-10-2018

Hoje não sabia o que me esperava porque já observei quase todas as salas da parte da manhã. Fui ter com a R. que me disse que podia circular um pouco por cada turma. Optei por ficar na turma da professora M.J., uma turma de 7ºano que os seus jovens menos bem comportados e que distraem o resto da turma. Tiveram que os separar em 3 salas para que o ambiente ficasse mais calmo. Passado um tempo já só sobrava uma menina na sala e a professora. Eu compreendo que 60% do dia destas crianças seja a estudar e isso não ajuda. É muito cansativo!

A meio da manhã, por volta das 10h30, faz-se uma pausa para o lanche em todas as salas, dando tempo às crianças/jovens para brincar e desanuviar. Os mais velhos passam maior parte do tempo com o telemóvel, já os mais novos aproveitam para usar a sala polivalente. Normalmente têm 30 minutos para poderem espairecer e, desta forma, pensar em algo que não seja o estudo. Alguns alunos/as, nesta sala, comportam-se de forma inadequada, mas na minha opinião o próprio espaço poderá propiciar isso, ou porque dão mais liberdade, ou porque mostram mais despreocupação. Mas entendo que este espaço não deva ser tão pesado para as crianças e daí funcionar desta forma.

24-10-2018

Hoje, assim que cheguei, dirigi-me à sala da professora R. para saber se o 4ºano sempre estaria por lá. A R. informou-me que numa das salas estariam vários meninos/as de várias turmas.

Quando entrei lá reparei que estavam cerca de 10 crianças na sala, de 4º, 5º e 6ºano. Desde logo notei a sobrecarga da professora C. Esta não se queixou mas é apologista de que o ensino com vários anos “misturados” não é produtivo. E eu concordo! Já é complicado dar a atenção necessária a cada um/a quando são do mesmo ano, ainda

por cima quando são de turmas distintas. O que é certo é que as crianças não paravam de chegar, algumas eram encaminhadas para a sala da R. e outras iam ficando.

Enquanto isto, um monte de coisas ia acontecendo ao mesmo tempo. A professora era chamada 10 vezes por minutos para responder às necessidades de cada um/a, ou seja, tem que apresentar uma capacidade de desdobramento incrível. Enquanto que na escola o professor de Ciências é só o professora dessa disciplina, neste espaço isso não acontece, um professor é professor de todas as disciplinas, quer seja Português, Matemática, História ou Inglês... No decorrer do tempo apercebi-me do que cada um/a estava a fazer. Uns pouco falavam e limitavam-se a estudar, outros não paravam de falar para o lado, mas faz parte, eu acho. Depois do lanche, uma aluna que estava a estudar na parte de fora da sala voltou para dentro e não parava de faltar ao respeito à professora, ou porque respondia ou porque assobiava e não parava de fazer barulhos. A professora ia avisando ao longo da tarde e aquilo continuava. Até a mim me incomodava e não era nada comigo. A professora ameaçou falar com a mãe desta assim que chegasse e ainda levá-la ao A. para que esta terminasse com aquele comportamento abusivo, mas nem assim. Quando a mãe da aluna chegou a professora desceu para falar com ela. Antes de eu sair a professora ficou com 2 meninos, um de 4ºano e outro de 6º e comentou comigo em jeito de desabafo: “Isto não é nada fácil. Vê-se bem quem cá está para trabalhar e quem não está.” Concorro que é necessário ter muita paciência e sangue frio e, portanto, dou muito valor aos professores/as porque lidam com situações muito delicadas.

7-11-2018

Hoje tive reunião com a professora R. às 10h30. Tinha ficado marcada no decorrer desta semana. Ao chegar à instituição dirigi-me à sala da R. para esclarecer os pormenores relativos ao estágio. Falei um pouco das atividades, que ficaram de decorrer 2 vezes por semana, uma à hora de almoço e outro ao final do dia. Disse também à R. que estaria disponível para ajudar no que fosse preciso e então, foi-me proposto que ajudasse com alguns alunos/as com Necessidades Educativas Especiais. 1h com cada menino/a toda as semanas. No total ficaria com 15h semanais. Este apoio será mais direcionado ao nível pedagógico e comportamental, podendo passar pela ajuda nos trabalhos de casa e nas dificuldades que cada um/a apresenta.

12-11-2018

Hoje quando cheguei ao centro de estudos, dirigi-me, de imediato ao salão polivalente para poder observar novamente a altura de “recreio” e quantas crianças estariam por volta desta hora neste espaço. Estavam cerca de 8 crianças quando cheguei, mais o C. que é um antigo aluno que trabalha lá. Todas estavam a brincar, umas nos matrecos e outras no espaço ao ar livre uma vez que estava bom tempo.

Mal chegou a B. veio ter comigo, já me conhecia do dia em que observei este espaço e, seguidamente a sala que esta frequenta. Quis jogar o jogo do loto comigo e portanto assim foi. Estivemos a jogar enquanto eu observava os restantes. Passado uns minutos chegaram os mais velhos e começaram a jogar futebol.

Às 14h30 subiram todos para a sala. Fui ter com a R. e esta deu-me uma folha com os/as meninos/as que irei ajudar e com alguns dos seus horários. Pediu-me que recolhesse horários e pareceres com as restantes professoras e assim fiz. Só ficaram a faltar os horários do 3ºciclo e do 3ºano. Mas ainda esta semana trato disso.

14-11-2018

Hoje cheguei por volta do 12h30 à instituição para ver se algumas professoras ainda estavam na sala para recolher os horários e dicas. Como não estavam, segui para o salão polivalente. Estavam mais meninos presentes, para meu espanto. Sentei-me, como de costume, numa mesa. Foram chegando mais crianças. É engraçado que já me vão conhecendo e vão pedindo a minha autorização para diversas coisas. Já me vêm como figura autoritária. Algumas crianças/jovens juntaram-se a mim para jogar um pequeno jogo e vão chegando mais. Foi um bom feedback para as minhas atividades. Assim se passou o tempo até às 14h30.

Entretanto subi, falei um pouco com a R. e recolhi os horários e pareceres acerca dos/as alunos/as que ia acompanhar juntamente com as suas professoras. Todas se mostraram muito prestáveis em ajudar no que fosse necessário e deram-me dicas para lidar com alguns/as jovens mais complicados/as.

19-11-2018

Hoje é o primeiro dia de intervenção tutorial individual com as crianças e jovens. Sinto-me muito nervosa pois ainda não sei se serei capaz e se corresponderei às necessidades que a instituição me “impôs”. Andei o fim-de-semana todo a rezear este momento, porque não me sinto capaz. Respiro fundo e falo na receção para me chamarem

o primeiro menino do dia. Arranjam-me um gabinete e dizem que posso estar lá à vontade. O D. é um menino de 6º ano e tem 11 anos. As suas disciplinas preferidas são o Inglês e a Matemática e aquela que ele menos gosta é Português. A primeira conversa teve por base o conhecimento mútuo e a apresentação dos dois. Apresentei-me como a nova estagiária e disse que nas próximas semanas iria estar 1h por semana com ele. Este pareceu-me muito recetivo. Descreveu-se como nervoso e impulsivo e que frequentava a psicóloga. Falamos acerca da escola e as suas maiores dificuldades e este diz-me que tirou negativa a tudo no início mas que já tinha subido algumas notas. É muito inseguro e bloqueia nos testes, apesar de saber a matéria. Falta-lhe a confiança e é nisso que temos de trabalhar. Ainda no dia de hoje, e como sobrou tempo, tento ajudá-lo com o trabalho de casa para a hora de estudo não ser totalmente perdido. A R. frisou-me essa parte. O D. reagiu muito bem à minha presença e correu tudo bem.

Enquanto espero pelo próximo jovem, de quem já tinha ouvido falar desde a primeira reunião na instituição preparo algumas coisas e algumas perguntas. A professora L. desce com ele e explico-lhe que vai ser apenas uma breve conversa pois este tem teste no dia seguinte e precisa muito de estudar. O D. anda no 9ºano e tem 14 anos. A sua disciplina preferida é História e a que menos gosta é Matemática. Apresento-me, explicando-lhe que sempre que houver tempo irei estar com ele 1h por semana, para trabalharmos alguns aspetos. Tanto de comportamento, como aspetos pedagógicos. Este classifica-se como um aluno mediano que tira 3 e algumas negativas. Admite que perde muito a nível de comportamento e descreve-se como hiperativo e que não consegue controlar alguns comportamentos. No final da conversa digo-lhe que sempre que tiver disponibilidade pode dirigir-se ao gabinete nas segundas-feiras para o nosso encontro semanal. Este pareceu-me muito acessível. Foi um dia muito desafiante e o começo de uma semana mais desafiante ainda. Espero conseguir superar-me!

20-11-2018

Até agora os alunos/as revelaram-se muitos recetivos, se bem que ainda não perceberam muito bem como irei trabalhar com eles. Tento explicar que irei proporcionar apoio às suas necessidades, a nível pedagógico e comportamental. Em alguns casos o apoio comportamental parece-me muito indicado para o sucesso escolar. A intervenção nestes jovens será um desafio e colocar-me-á à prova porque vou expandir os meus horizontes e fazer coisas que nunca fiz antes. Vai ser um momento de aprendizagem para mim, onde vou tentar ir além dos meus horizontes e limites. Espero conseguir auxiliar a

instituição e que gostem do meu trabalho. Relativamente aos/às alunos/as, espero que consigam melhorar. A instituição confiou em mim para este papel, só devo mostrar que sou capaz. Tentar realizar a mediação entre a escola e o centro de estudos.

A primeira menina do dia é a M. do 5ºano. Tem 10 anos e apresenta-se um bocado tímida. Como tinha teste neste dia tivemos uma breve apresentação mas passamos logo para a realização dos trabalhos de casa para que esta não perdesse muito tempo. É uma menina empenhada, mas reticente. Não se sente capaz de realizar alguns exercícios por não confiar em si. Penso que o seu ponto mais fraco é a sua não-valorização e a falta de confiança. Seguidamente, estive com o J.C., um aluno de 13 anos e que frequenta o 8ºano. Apresento-me para tornar o ambiente mais descontraído. O aluno menciona que as suas disciplinas preferidas são a Matemática e o Inglês e as que menos gosta são Português e Física e Química. Tirou duas negativas e é um menino muito reservado, mas disposto a colaborar. Como tinha 3 testes ao longo desta semana e da próxima, a professora pediu-me que o mandasse para cima assim que pudesse para o mesmo estudar.

Este é o meu dia mais preenchida, portanto como qualquer coisa e dirijo-me para o salão polivalente onde os jovens e crianças brincam. Só se encontravam lá os mais velhos a jogar futebol e, como tal, não interrompi o jogo. É o único momento do dia em que eles têm mais tempo para brincar. Deixei-os jogar. Conforme o tempo foi passando, foram chegando mais crianças. Como o salão estava muito confuso e não pude utilizar a parte ao ar livre acabei por ficar junto de alguns meninos/as e optei por jogar um jogo de gestos e imitações com algumas das crianças. Não consegui realizar nenhuma atividade nem dinâmica, dado que, estavam todos muito dispersos e era complicado mantê-los focados. No entanto, como é o tempo que têm para espairecer eu não tentei insistir muito. Em todos os jogos e atividades que realizam nota-se um grande apreço, comunicação e preocupação com o outro. Sejam do mesmo ano ou de anos diferentes. Todos se conhecem, seja de que ano forem.

Devido à azáfama da hora de almoço vai ser muito complicado lidar com alguns entraves, mas não irá ser impossível. Julgo que se existisse outra sala ou espaço onde pudessem ser feitas as atividades era mais fácil e mais benéfico. O facto de jogarem muito futebol no salão acaba por impedir a realização de qualquer atividade e/ou jogo. Estive no salão até às 15h e acabei por ficar apenas com um menino, o F. Iria ter intervenção com ele às 15h30, mas não aconteceu porque este estava doente e foi embora. Entretanto subi para falar com a professora D. e para lhe explicar o sucedido. Disse-lhe que estaria

num dos gabinetes à espera do G. que é o outro menino com quem vou estar no dia de hoje. Desta forma, acabei por ficar com o dia de hoje menos preenchido. Situações destas acontecem. Esta semana ainda não terei nada a apontar do F. porque não tive a oportunidade de o conhecer muito bem. A R. pediu-me que lhe fosse enviando um relatório acerca de cada encontro com os/as meninos/as para manter os pais atualizados. Assim que o G. chegou e lanchou, a professora D. trouxe-o ao meu encontro. Comecei por me apresentar e este pareceu-me um pouquinho reticente. Tem 8 anos e anda no 3º ano. Tem algumas dificuldades de concentração e realização de exercícios. Não se consegue focar muito bem nos assuntos. Disse-lhe que estava ali para o auxiliar e apresentei-me com calma para ele compreender o que se estava a passar. Ajudei-o com um ficha de Inglês para perceber as suas principais dificuldades. Teremos que trabalhar, especialmente, a sua concentração.

21-11-2018

Hoje cheguei ao estágio por volta das 16h e dirigi-me à receção para saber se tinha algum gabinete disponível para estar com os 3 meninos/as agora na parte da tarde. Disseram-me que sim, mas a primeira jovem, a J. não tinha vindo e, portanto não iria estar comigo nessa semana, logo só poderei conhecê-la na próxima semana. Dirigi-me, então, ao piso de cima para avisar a professora J. que estaria num dos gabinetes para receber as crianças. Esperei no gabinete da psicóloga que, entretanto chegou e me disse que precisava da sala. Indicaram-me outro gabinete de imediato. A psicóloga ainda entrou em contacto comigo para me falar acerca de alguns casos que eu tinha em mãos e manteve-me ao corrente daqueles que tinha conhecimento. Falou um pouco comigo para me “preparar” para algumas das crianças que esta conhecia. Entretanto, por volta das 17h, chega a L. que se mostra muito insegura e reticente face à minha presença. Apresentei-me e falei um bocadinho com ela acerca da escola e das suas principais dificuldades. A aluna vinha preparada com uma ficha de trabalho e como tal ajudei-a naquilo que consegui. É necessário trabalhar a sua concentração porque a mesma, quando concentrada, consegue ultrapassar as barreiras. Entretanto a N. veio chamá-la para o transporte. Esperei pelo próximo menino. Penso que este estágio será um verdadeiro desafio e sinto-me muito incapaz de o levar até ao fim. Duvido de mim e das minhas capacidades todos os dias. Mas vamos ver. Passado um tempo chega o R. Da mesma forma que fiz com os outros/as apresentei-me e referi o meu trabalho com ele ao longo do tempo. O trabalho tem que ser lento e gradual. O aluno veio com um texto para ler e

uma ficha de Matemática. Frequenta o 4ºano. Os dois meninos com quem estive na parte da tarde frequentam o 4ºano. Nota-se que o R. estava muito dependente da minha realização dos exercícios para os fazer. Necessita de muito apoio, mas reage muito ao estímulo positivo. Um longo desafio pela frente.

22-11-2018

Hoje só tinha alunos/as na parte da tarde e portanto, quando cheguei à instituição dirigi-me à receção para saber se tinha alguma sala disponível para trabalhar. Indicaram-me a sala de terapias e disseram que avisavam o R. para descer. Esperei, esperei... até pensei que a professora estivesse a realizar algum tipo de atividades com eles. Às 15h30 dirigi-me à sala e o aluno tinha estado com outra professora, devido a uma falha de comunicação, e portanto, só vou estar com a L. Esta desce comigo e seguimos para um dos gabinetes que me indicaram. Apresentei-me e falei um pouco com a aluna. A L. tem 10 anos e anda no 5º ano. Apresenta um défice cognitivo muito grande, segundo a professora, e como tal tem muitas dificuldades. Como tinha teste de Ciências pediram-me que estudasse com ela e não disse que não. No geral parece-me uma menina aplicada mas com muitas dificuldades e com aspetos que têm que ser trabalhados gradualmente e com tempo.

23-11-2018

Hoje quando cheguei, como faço todos os dias, pergunto se tenho algum espaço para estar com as crianças. Indicam-me uma das salas. Sigo para lá e aguardo que chegue o primeiro menino, o R. A professora trá-lo à sala e este é um menino com imensas dificuldades, que frequenta o 2º ano mas está a nível de 1º ano. Trabalhei lentamente com ele para este conseguir fazer as coisas com calma e sem estar sob stress. Antes disso, apresentei-me a ele para o ambiente ser mais propício à confiança. Este diz-me que tem 8 anos e mostra-se pronto à realização dos trabalhos. Começamos pela leitura, a parte onde tem de se insistir mais. Como terminamos antes da hora conversei um pouco com ele acerca da escola e reparo que este não reconhece as dificuldades que tem. Mostra-se pouco à vontade e um bocado nervoso. Algo que se pode melhorar. De seguida, trazem-me à sala o M. Como faço com todos/as apresento-me e digo o que farei com eles/as naquele período de tempo. Fala comigo sobre o seu dia e como este correu. De seguida, passamos à realização de uma ficha de trabalho para reparar onde incidem as suas principais dificuldades. O aluno é bastante conversador e portanto aproveitou o tempo para

lhe fazer algumas questões acerca da escola e da sua opinião. Este diz-me que gosta muito de lá estar, principalmente quando é para brincar com os/as amigos/as.

27-11-2018

Hoje começo o meu estágio de manhã. Chego por volta das 9h30 e peço na receção que chamem a M. Como esta é uma menina que se vai sentido mais confortável e mais confiante comigo falamos acerca do seu dia, de como têm corrido os testes, se tem alguma novidade e assim por diante. Quando os/as alunos/as têm teste no dia seguinte ou no próprio dia, as professoras pedem-me que aproveite esse tempo também para estudar um pouco. E assim o fiz. A M. tinha teste de Matemática e, portanto, resolvemos uma ficha para ajudá-la na compreensão dos enunciados e no que as perguntas pedem. Dou-lhe exemplos práticos para que esta possa utilizá-los no teste e se possa recordar deles. De seguida, fico um pouco na instituição para tentar apanhar o horário a seguir ao almoço onde alguns alunos/as se encontram na sala polivalente. Sigo para lá e alguns deles já vêm ter comigo e pedem permissão para fazer determinadas coisas. É interessante porque já me vêm como um “figura autoritária” e como alguém que já pertence lá. Na parte da tarde estive com o F. Falamos um pouco porque era a primeira vez que estava com ele em contexto formal e este não me conhecia. Comecei por me apresentar e perguntar como tinha corrido o dia dele. Como tinha teste no dia seguinte, realizamos uma ficha de Português e pude aperceber-me de que o aluno tem poucas dificuldades a nível de realização e compreensão de exercícios e de matéria, mas sim, muita dificuldade a nível de concentração. Como terminamos mais cedo um pouco, conversamos acerca das suas atividades favoritas e que acha de “brincar”.

28-11-2018

Hoje estive a primeira vez com a J. É uma aluna de 7º ano, tem 13 anos e falou-me um pouco do seu percurso na escola. Das suas disciplinas favoritas e daquelas que menos gosta. Esta foi só uma conversa de apresentação para que aluno me pudesse conhecer e para mostrar-lhe o meu objetivo de trabalho. A aluna mostrou-se recetiva. Seguidamente estive com o D. Hoje o aluno vinha com trabalhos de Português para realizar, porque iria ter teste e desta forma, começamos pelas fichas para depois conversarmos. Este resolve as coisas muito apressadamente, por vezes, sem ler. Nota-se falta de confiança e diz-me que a escola não serve para nada e que é uma seca. Que não percebe quem inventou estas coisas todas e porque tem que estar ali. É certo que durante

a semana desta criança é pouco o tempo que tem para brincar, uma vez que vai da escola para o centro de estudos e do centro de estudos para casa. Algo que me deixa intrigada no meio disto tudo. Onde anda o tempo deles/as para brincar?! No dia de hoje estive também com a L. Como andam em alturas de testes vêm sempre preparados com algo para fazer. Hoje era Português. Este acaba por ser um trabalho de improviso para mim porque, ou trazem material insuficiente ou nunca sei com o que vêm para trabalhar. É sempre uma incógnita e julgo que não está a ser nada enriquecedor – o meu estágio. Tenho pena. Não era assim que o previa. Por último, neste longo dia, tenho o R. que vinha preparado com duas fichas, uma de Estudo do Meio para terminar e outra de Inglês. Como a matéria é simples consigo ajudá-los e, maior parte das vezes, sobra-me tempo para conversar com eles. O R. é um menino muito calado e por isso, raramente consigo arrancar-lhe muitas palavras. Mas com o tempo julgo que conseguirei melhorar o diálogo com ele.

29-11-2018

Hoje o meu dia no estágio começa só na parte da tarde. Uma vez que o R. não vai ter o encontro semanal comigo, estou com a L. 2 horas seguidas. Hoje a professora C. falou comigo acerca da menina porque esta foi avaliada pela psicóloga e os resultados não foram bons. Tem um défice cognitivo muito elevado e imensas dificuldades. Os pais não o aceitam e mesmo a própria aluna não consegue aperceber-se das suas dificuldades. Entretanto desço com a L. para a sala onde nos reunimos habitualmente. Converso com ela, porque uma vez que temos mais tempo, podemos dar-nos a esse “luxo”. Falamos sobre a escola, sobre o centro de estudos e a sua opinião. Diz-me que adora o centro de estudos e a professora C. porque a ajuda muito. No entanto, as suas notas e algumas das suas ações não refletem isso. É uma aluna bastante confiante, até para as dificuldades que apresenta. Resolvemos uns exercícios para ver em que ponto esta se encontra.

30-11-2018

Hoje chego na parte da tarde e peço na receção que chamem a B. para que esta venha ter comigo. A menina vinha preparada com trabalho de casa, que é o principal aqui no centro de estudos. Quando têm trabalhos de casa é a primeira coisa a fazer. Como a aluna é muito conversadora fazemos os exercícios muito calmamente, até porque é uma aluna de 1º ano e tem muitas dificuldades na leitura. Como temos algum tempo, acabamos sempre por conversar um pouco e a aluna relata-me um acontecimento de uma menina

que lhe bateu no transporte. Esta apresenta-se receosa e diz que não pode fazer queixa porque se trata da “filha da dona”. Tento manter-me ao corrente da situação e digo-lhe que em situações destas tem que fazer queixa a alguém mais velho para se resolver a situação. Seguidamente, tenho o M. na minha sala. Este é um menino com bastantes dificuldades porque é muito distraído. Tem muitas dificuldades na compreensão dos exercícios. É conversador e falamos muito acerca da escola.

04-12-2018

Hoje estou com a M. na parte da manhã. A aluna já ganhou mais à vontade comigo e, por esse motivo, consegue expressar-se melhor e fala comigo acerca de dificuldades e dos seus dias na escola. Relata-me alguns acontecimentos que viveu na escola e assim acabamos por esquecer um pouco o ambiente formal em que estamos inseridas. Resolvemos uma ficha de trabalho de História por causa do teste que ia ter, mas a aluna aparenta ter muito poucas dificuldades na disciplina. Não estive com o J. C. porque este ia ter teste e ficou a estudar com as professoras. Na parte da tarde, pergunto na receção se tenho algum gabinete disponível. Indicam-me um e peço que chamem o F. Este dirigiu-se de imediato para a minha sala e estive a mostrar-me os seus brinquedos ao mesmo tempo que conversávamos acerca da escola. Como correu o seu dia, se brincou muito e o que fez. Diz-me que a mãe o vem buscar mais cedo e demonstra-se muito inquieto. Realizamos uma composição e demos largas à nossa imaginação. Admito que algumas das atividades me dão um certo gozo, porque estou a fazer algo que sempre quis. Afinal de contas, a minha primeira hipótese era Educação Básica, portanto sinto que neste momento também estou a fazer um pouco disso. De seguida estou com o G., na semana passada ele não tinha ido, mas esta semana já lá estava. Hoje começamos por conversar sobre a escola, como tem corrido, o que mais gosta de fazer nos tempos livres. Resolvemos alguns exercícios e ajudei-o a compreender porque é que eram feitos daquela forma para que este pudesse absorver.

05-12-2018

Hoje mal cheguei i pedi que chamassem o D. porque não tive oportunidade de estar com ele na segunda-feira. Falamos um pouco da escola, das dificuldades, entregas de testes e algumas notas. O aluno até agora só conseguiu tirar uma positiva a Ciências. A nossa conversa passou pela atenção e pela confiança que este deve ter nele próprio. Ele duvida muito de si e é bastante inseguro. Estudamos Matemática e insisti nos exercícios

e recapitulei algumas vezes para este perceber bem. Apesar de desorientado, no início, penso que compreendeu tudo. Hoje entre as 16h e as 17h fico a aguardar a J., uma menina de 7ºano que me disse que achava que não tinha mais testes e, por isso, a minha intervenção com ela começaria esta semana. Esperei mas esta não apareceu, e uma vez que fazem a pausa para lanche optei por não a ir chamar para não interromper o seu momento de “relaxamento”. Até agora só tenho estado na presença de alunos de 1º e 2º ciclo. Têm andado muito atrapalhados com os testes. Desta forma, opto por estar com eles em momentos mais tranquilos. Na próxima semana já não tem testes e assim dá-me mais margem para trabalhar outros aspetos com eles, uma vez que são mais velhos e dão-me a possibilidade de trabalhar com eles noutros assuntos, como a autoconfiança, a autoestima, assuntos que os fazem sentir incapazes/impotentes e assuntos mais sérios. Neste momento, com os/as alunos/as de 1º ciclo encontro-me a realizar um apoio tutorial individualizado, reforçando a mediação entre a escola e o centro de estudos, entre a escola e as professoras daqui do centro. Foco-me nas particularidades de cada um, que me foram informadas pelas diferentes professores e psicóloga e, de acordo com essas dificuldades e adaptando a minha personalidade conforme cada um deles/as. Tento ajudar na compreensão de algumas temáticas com base nas suas capacidades, partindo do pressuposto de que todos/as são capazes e devem acreditar em si. É um trabalho lento, gradual e que em 1 hora faz parecer-se rápido e apressado. Tento aproveitar e rentabilizar o tempo ao máximo, para que as crianças saiam daqui a sentir-se confiantes e a sentir confiança em mim.

Hoje estive com a L. no final da tarde, por volta das 17h15 porque esta chegou mais tarde devido a uma visita de estudo. Estivemos pouco tempo na sala porque esta vai para casa no transporte das 18h. Conversamos um pouco acerca do seu dia e da sua visita de estudo e se a menina achava importante ter visitas de estudo na escola. Esta diz-me que sim, porque não pode ser só estudar e estar “sempre na sala de aula”. Como ia ter teste de Matemática tentei resolver alguns exercícios com ela, mas como o tempo era escasso não conseguimos alongar-nos muito. De seguida, o R. vem ter à “minha” sala. Este menino apresenta muitas dificuldades e então começo por realizar as fichas primeiro, porque vai ter teste e conversamos no final. Resolvemos exercícios de Matemática e insistimos bastantes naqueles que este tinha mais dificuldade. A repetição do raciocínio parece ajudá-lo e portanto recorri a esse método. No final conversamos sobre a escola e o seu dia. Ele diz-me que foi “igual aos outros dias”.

06-12-2018

A L. dirige-se à “minha” sala e apresenta-se muito preguiçosa. No entanto só tinha trabalhos de casa de Matemática e sobrou-nos muito tempo para conversar. A menina diz-me que está cansada de estudar e que está “farta da escola”. Que gosta muito do espaço e que é o melhor A.T.L de todos os tempos. Fala-me da sua família, do seu tempo de estudo e do pouco tempo que tem para brincar. Quando tem tempo para brincar está no seu telemóvel entretida com jogos e redes sociais, o que me preocupa porque ainda é tão pequena e já apresenta um vício tão grande. Aproveitei esta conversa para a aluna relaxar um pouco e para poder espairecer do clima de sala de aula.

07-12-2018

Hoje quando cheguei à instituição, por volta das 15h, dirigi-me à receção para chamarem o R. Como ainda não tinha chegado dirigi-me para cima para falar um pouco com a R. acerca das férias de Natal, para saber se iria continuar com a intervenção tutorial. Esta disse-me que não porque estes iriam ter atividades e já tinham o calendário estipulado. A R. cedeu-me a calendarização das atividades no caso de eu ter oportunidade de assistir a alguma e poder realizar outras com os/as alunos/as. Entretanto descí e segui para a sala. O R. estava com a professora D. e pelos vistos iria ser acompanhado por ela, mas eu não sabia ainda. Esperei pela próxima menina e enquanto esperava fui adiantando coisas que tinha para fazer. A B. chegou à “minha” sala acompanhada pela professora J. que nos mostrou um ficha de trabalho que esta tinha para realizar, uma vez que não tinha trabalhos de casa. Quando passamos à realização da ficha apercebemo-nos de que a B. não tinha aprendido a letra M. Tentei fazer apenas os exercícios que apresentavam letras que esta conhecia para não a confundir. Como terminamos um pouco mais cedo falamos um bocadinho acerca da escola e esta diz-me que não tem “um dia feliz há muito tempo”. Que precisa de brincar e já não brinca “há muito tempo”. Disse-lhe que depois daquela hora poderia brincar até ir embora no transporte. E continuamos o resto da nossa hora a conversar. O M. hoje vinha preparado com uma ficha de trabalho de Estudo do Meio, altura complicada de testes. E as professoras agradecem se eu ajudar. Ajudo no que posso, mas não consigo fazer impossíveis. Quando os/as alunos/as levam os livros torna-se mais fácil para mim.

10-12-2018

Hoje assim que cheguei dirigi-me à receção para pedir que chamassem o D. e para saber se tinha alguma sala disponível. Esperei que o D. descesse e seguimos para a sala. Hoje o D. vinha com duas notícias para me dar: uma boa e outra má, disse-me ele. A boa era um Suficiente a Inglês e má era um Insuficiente a Ciências. Disse-lhe apenas que se confiasse em si ele conseguiria melhor. É uma questão de confiança e de concentração. Apesar de já estar quase de férias vinha preparado com uma ficha de Ciências e fizemo-la para eu conseguir ver se este a conseguia resolver sozinho sem necessitar da minha ajuda. Foram raros os exercícios que fez e expliquei-lhe que a matéria está toda no livro e é uma questão deste procura-la. Com calma tudo se consegue, expliquei-lhe. À pressa é mais complicado e este aluno é muito impulsivo. De seguida, esperei que o D. viesse mas este não apareceu. Segui à receção para perguntar e disseram-me que este não estava. Dirigi-me para a sala e adiantei trabalho pendente do estágio. Está a ser complicado estar com os alunos/as do 3º ciclo, uma vez que estes, ou estão com muitos testes ou não estão no centro de estudos.

11-12-2018

A M. já não tem mais testes e, portanto, hoje foi mais descontraído. Trouxe uma ficha de Ciências e fizemo-la com calma enquanto conversávamos. Conversamos da escola e das prendas que esta tinha pedido para o Natal. Perguntei-lhe o que iria fazer nas férias da escola e ela diz-me que vem para o centro fazer algumas atividades, como a patinagem no gelo e o cinema. De seguida, estive com o F. e realizamos fichas que o aluno tinha em atraso para que a professora D. as pudesse corrigir. Só tivemos tempo para a realização de um exercício que era uma composição e perdemos algum tempo porque demos asas à nossa imaginação. Entretanto vieram chamá-lo para ir lanchar. Por último, o G., que tem muitas dificuldades a Matemática, portanto estivemos a resolver uma ficha de trabalho dessa disciplina. Nas pausas dos exercícios conversávamos sobre o futebol e ele explicava-me que chegava a casa muito cansado. Levantava-se muito cedo, ia para a escola, no final do dia volta para o centro até por volta das 19h e depois segue para o futebol. Na minha opinião é muita carga horária para um menino tão novo. É claro que ele anda cansado. Mas realizamos a ficha enquanto falávamos para este não sentir um ambiente tão tenso.

12-12-2018

Hoje quando cheguei por volta das 15h30 pedi que chamassem a J. do 3º ciclo, na receção disseram logo para lhe perguntar se queria vir ter comigo e esta mostrou-se bastante recetiva. Seguimos, então, para a sala. Estive quase 1 hora com a J. A aluna mostrou-se recetiva a responder a um questionário que eu fiz e, portanto começamos por aí. O questionário continha questões acerca da escola e do centro de estudos e de possíveis atividades de tempos livres. A aluna, no decorrer do tempo, sentiu à vontade para falar comigo acerca dos seus problemas pessoais. Falou-me de diversos assuntos.

Não estava muito confiante que a J. quisesse estar comigo, inicialmente. Mas com o passar do tempo senti da parte dela um grande à vontade e ela foi falando de aspetos da vida dela que a preocupavam, de certa forma. Inicialmente disse-me que não gostava de ninguém e senti nela uma revolta muito grande. Com o passar do tempo fala-me do divórcio dos pais e do facto de já ter sofrido de bullying na escola. Estivemos muito tempo a conversar porque senti que a aluna precisava de alguém que a ouvisse. Esta diz-me que a mãe se preocupa imenso quando ela anda sozinha na escola e que a pressiona para fazer novas amizades. Nos tempos livres gosta de “estar em casa, a ouvir música e ver séries no Netflix... a deprimir” diz ela. Já experimentou algumas atividades fora da escola, como dança ou karaté e afirma não gostar “porque tem muitas regras”. No fundo foi um momento de aprendizagem também para mim. Sempre soube que era boa ouvinte e foi neste momento que me apercebi de tal. Tentei dar alguns conselhos à menina e mencionei que a violência nunca será opção para resolver nada. Foi um momento de superação para mim, porque estava receosa de estar com os meninos/as de 3º ciclo.

Depois da J. ter ido lanchar fiquei na sala à espera da L., uma vez que a aluna aparece por volta das 17h. Como precisei de ir à receção, cruzei-me com a L. e seguimos juntas para a sala. A L. tinha uma ficha de Inglês bastante simples para resolver e não teve quase nenhuma dificuldade na resolução da mesma. Seguidamente aguardei pelo R. que vinha com uma ficha de trabalho de Matemática. O aluno continua muito calado e, por vezes, parece ter medo de dar as respostas. Insisti na resolução dos exercícios e revi várias vezes para que este pudesse perceber.

13-12-2018

Dirigi-me ao estágio para estar com a L. e como esta não apresentava mais testes estava a jogar jogos com os colegas e, portanto, não quis interromper esse momento de relaxamento da menina. Desejei-lhe boas festas e disse-lhe para continuar a brincar.

14-12-2018

Hoje cheguei à instituição cedo e depois de me cederem uma sala, estive lá à espera da B. A B. tinha trabalhos de casa das férias para fazer. Como era trabalhos de férias fizemo-los com calma porque ela teria mais oportunidade para os fazer no tempo de férias em que fosse para o centro de estudos. No entanto, esta fala-me sempre do dia dela e dos seus “problemas”. Hoje estava preocupada porque lhe tinham dito que não ia na carrinha para casa e seria o pai a ir buscá-la. Esta não queria. Queria ir na carrinha. Tranquilei-a, dizendo que o mais certo era ir com a carrinha e só lhe tinham dito aquilo para brincar com ela. À medida que resolvíamos os exercícios íamos conversando sobre a escola e menina fazia sempre referência ao brincar. Que não queria fazer os trabalhos de casa, mas queria ir brincar. Compreendo perfeitamente a preocupação dela porque tem apenas 6 anos. E portanto, realizei um pequeno jogo com ela. Entretanto chegou a hora de ela ir embora no transporte. Despedi-me e desejei-lhe boas festas. De seguida, o M. tinha trabalhos de casa das férias para fazer. Como tinha trabalhos de casa de todas as disciplinas era óbvio que não iríamos conseguir fazer tudo. Começamos por Português lendo o texto várias vezes para ele compreender. Passamos às questões e este teve alguma dificuldade a ver o que era pedido. Só tivemos tempo de resolver duas ou três questões porque entretanto vieram-no chamar para ir embora. O M. hoje foi embora mais cedo e não tive tempo para conversar com ele. Desejei-lhe boas festas e continuei na sala para adiantar alguns assuntos, uma vez que ainda tinha tempo. O balanço do estágio está a ser positivo, embora não esteja a fazer nada que seja especificamente da minha área. Mas ao mesmo tempo estou a aprender muito. A seguir das férias tentarei realizar coisas que sejam mais específicas da minha área e que possam trazer benefícios à instituição.

15-12-2018 até 06-01-2019 (Férias de Natal)

A pausa das férias de Natal ajudou-me a refletir acerca de diversos aspetos relacionados com o estágio. Ao longo deste 1º período em que fui tendo encontros individuais com os mesmos compreendi que existiam problemáticas que não deviam ser descuradas da instituição e, desta forma, organizei o meu tempo para conseguir colmatar esses pontos. Foi pensada a utilização de vídeos, filmes, tarefas para servir de mote de reflexão aos/às alunos/as e trabalhar a sua opinião acerca da escola.

Contudo, após encontros com a minha professora orientadora Preciosa Fernandes chegamos à conclusão que o meu contributo era o de perceber de que modo a instituição tem impacto na formação dos/as alunos/as e como é que os mesmos vêm a instituição.

14-01-2019

Hoje quando voltei ao estágio depois das crianças estarem de férias subi para falar com a R., mas esta não estava disponível quando eu cheguei. Pedi, então, na receção que chamassem o D. V. para estar a hora individual semanal com ele. Este desceu para a sala onde eu me encontrava e disse que ia embora assim que terminasse os trabalhos de casa. Começou a fazê-los e terminou-os de imediato porque era apenas uma ficha de trabalho. Antes que fosse embora pedi que respondesse a um pequeno questionário que eu própria realizei com questões centrais acerca da escola, algo que estou a fazer com todos os meninos/as que acompanho, para servir como mote de debate para estes/as quando os/as juntar em pequenos grupos. O aluno mostrou-se bastante recetivo e, de imediato, respondeu a todas as questões. Quando o fui deixar à sala a professora C. pediu para falar comigo. Falou comigo dizendo que o D. sofria de disortografia e que tinha sido diagnosticado há pouco tempo pela terapeuta. Esta pediu-me que todo o trabalho que fizesse com ele não o obrigasse a escrever porque este tem aversão à escrita e para ele é uma obrigação. Encara-o como uma espécie de castigo. Para além destes entraves todos, o aluno vai ser disposto ao artigo 54, das Necessidades Educativas Especiais, sendo que está no 6ºano e nunca ninguém tinha “reparado” em nada.

Entretanto sigo para a sala porque é hora do lanche e não tenho nenhum aluno/a disponível para estar comigo. Aguardo pelas 17h. Peço que a N., na receção chame o D.S. para ter uma pequena conversa com ele e para responder a um pequeno questionário que preparei para todos/as. Este mostra-se bastante recetivo e passo-lhe a mensagem de que será um fator de debate com alguns colegas da idade dele.

15-01-2019

Hoje chego ao estágio cedo para estar com a M.D. Assim que chego peço à C. para chamar a M. Esta menina está sempre muito cansada quando estou com ela porque chega à instituição muito cedo. No entanto começamos sempre por conversar um pouco para o ambiente não ser tão pesado e não começar logo pelo estudo. Depois de conversarmos começamos a resolver o trabalho de casa e estivemos a ver alguns métodos de estudo. Assim, conseguiria melhorar a concentração. Como ainda nos sobrou tempo

ainda consegui que a M. respondesse ao questionário acerca da escola e esta mostrou-se bastante acessível e receptiva. Acho que eles/as gostam de fazer coisas novas. Entretanto, depois da nossa conversa acerca da escola disse que esta podia subir porque ainda tinha que ir lanchar. Seguidamente, pedi à C. que me chamasse o J.C.G. mas este não estava e acabei por aproveitar um pouco desse tempo para refletir acerca das coisas que poderia fazer com estes alunos mais velhos e um pouco mais problemáticos. Pensei em muita coisa, mas o que acontece é que eles não têm grande tempo e eu não lhes posso “roubar” tempo de estudo. Portanto torna-se complicado para mim dar a volta a estes entraves.

Como tinha tempo livre, normalmente vou a casa almoçar e volto, de novo à instituição. Assim que chego deparo-me com a professora D. que me avisa que o F.C. está doente e assim fico sem o meu primeiro aluno da parte da tarde. Dirijo-me para uma sala e espero que o G.C. chegue para estar com ele ao invés do outro menino. Entretanto, o G. chega e vem preparado com trabalhos de casa de Estudo do Meio. Fazemos os exercícios juntos porque estes meninos têm muitos problemas de concentração e tento ajudá-los nesse sentido.

Dia 16, 17 e 18 de Janeiro não vim

21-01-2019

Hoje quando cheguei à instituição pedi na receção que me chamassem o D.S. mas como este não estava, disse-me a N. pedi que chamasse o D.V. que é um menino com alguns problemas a nível de comunicação, confiança e concentração. Quando este desceu encaminhei-o para a minha sala e comecei por conversar um pouco com ele para saber como estavam a correr as coisas na escola e como estavam as notas. Este diz-me que continua com as notas iguais, ou seja, muito baixas. O meu trabalho com o D. passa por incentivá-lo e dar-lhe dicas de estudo que sejam mais apelativas e menos aborrecidas para ele. Tento ajudá-lo a encontrar a informação no livro para conseguir responder com precisão às perguntas. Hoje os trabalhos de casa eram de Matemática e, portanto, ajudei-o a resolver com calma os exercícios e a seguir determinados passos. O aluno conseguiu ainda resolver alguns exercícios sozinho. Entretanto está na hora de lanchar e encaminhei-o para a sala para guardar tudo e seguir para o refeitório. Eu fico no gabinete a organizar as minhas informações apelativas ao estágio.

22-01-2019

Às terças venho para a instituição sempre cedo porque estou com a M.D. às 9h30. Quando chego peço à C. para a chamar ou quando a C. não está subo à sala para a chamar. Hoje tive que subir. A professora C. explica-me aquilo que a aluna tem para fazer e diz-me para ajuda-la no que conseguir. Esta é uma menina muito empenhada mas que, por vezes, está distraída e não consegue dar a volta a determinados trabalhos. Começamos por resolver os trabalhos de casa mas como eram poucos e ainda tínhamos algum tempo conversámos um pouco acerca do bullying e da sua opinião. Como eu vinha preparada com um questionário pedi que esta respondesse sem a minha ajuda. Foi um momento de reflexão que ajudou a M.D. a perceber aquilo que as crianças/jovens que sofrem de bullying sentem. De seguida, encaminhei-a para a sala para seguir para o refeitório lanchar. Peço, de seguida, à C. para chamar o João Carlos Gomes mas este não estava e portanto organizei as minhas coisas e segui para o almoço.

Volto ao estágio na parte da tarde para receber o F.C. e o G.C. Pergunto à N. se o F. já tinha chegado e esta responde-me que sim. Como não tenho uma sala fixa ando sempre a saltar de sala em sala. Fui ter à sala do F. e seguimos para uma das salas. Começo sempre a hora por conversar um pouco com os meninos/as e entender como estão as coisas. Este vinha preparado com uma ficha de Matemática e começamos por resolve-la. Este não a terminou porque dispersa muitas vezes e acaba por ser complicado chama-lo ao que estamos a fazer. Temos que trabalhar a concentração gradualmente. De seguida, estive com o G. onde estive a corrigir uma ficha de Português com ele e de seguida a realizarmos outra para que este pudesse estudar para o teste. Ao longo da hora fazemos pausas para conversar e relaxar um pouco para não ser um ambiente tão pesado. No geral tento sempre dar-lhes aquilo que acho que a educação é. Liberdade, compreensão, observação, aprendizagem, reflexão.

23-01-2019

Hoje vim para o estágio na parte da tarde porque estipulei o meu horário de acordo com o que me foi proposto pela minha orientadora local, a R. Cheguei por volta das 16h mas só estive com a L. às 17h e qualquer coisa. Entretanto estive a observar a instituição e dirigi-me para uma sala para ver como corria a tarde por lá. A L. como teve uma visita de estudo hoje chegou atrasada. Falei um pouco com ela acerca do seu dia e depois passamos à realização de uma ficha de trabalho de Matemática. Estivemos juntas pouco tempo porque entretanto vieram chamá-la para ir embora. O pai estava à sua espera. Esperei até às 18h porque iria estar com o R. nesse horário. Este vinha preparado com

uma ficha de trabalho de Matemática e como apresenta muitas dificuldades decidi utilizar técnicas diferentes para ver até que ponto ele conseguia compreender. Terminamos um pouco antes da hora e, portanto, estivemos a conversar um pouco para saber como estavam a correr as coisas na escola e fora dela. Nestas pequenas conversas os/as alunos/as saem um pouco do ambiente de estudo e aproveitam para relaxar um pouco, uma vez que maior parte do seu dia é passado a estudar.

24-01-2019

Hoje a L.P. vinha preparada com trabalhos de casa de Matemática e Ciências. Como me pediram para ter um pouco de atenção com esta menina optei por ser mais branda com ela e fazer as coisas com calma porque a aluna apresenta várias dificuldades e, portanto, tem que se fazer as coisas com mais calma. Como os trabalhos de casa eram acessíveis e conseguimos terminar de forma rápida e eficaz estivemos a conversar um pouco. Conversamos sobre a escola e sobre o que esta achava. Dei-lhe a oportunidade de me fazer perguntas a mim, porque esta se mostrou interessada. Falamos acerca da nossa família e daquilo que gostamos mais e gostamos menos. Entretanto, esta mostrou-se disponível a responder ao questionário que eu fiz acerca da escola. Respondeu calmamente e sem pressão. Disse-lhe que podia responder o que quisesse porque só eu iria ter acesso àquela informação. Nota-se que a menina precisa de atenção e de incentivo porque não confia muito nela própria. Foi uma tarde de aprendizagem, tanto para mim, como para a L.

25-01-2019

Hoje cheguei ao estágio por volta das 15h. Dirigi-me à sala onde costumo ficar e não pedi que chamassem nenhum/a menino/a porque sabia que nenhum deles estava na instituição naquele momento. Várias coisas se passam nestes momentos, por isso é que gosto de ficar a ouvir e observar. As crianças da creche no infantário a lanchar, os/as meninos/as do 3ºano a chegar, as funcionárias nos corredores a falarem umas com as outras. Entretanto, por volta das 16h chega a B.M. e vinha com uma ficha de Português para trabalharmos os ditongos. Trabalhamos com calma porque a B. é uma menina que tem necessidade de conversar e distrai-se com imensa facilidade. Quando terminamos a ficha esta mostrou interesse de escrever uma carta ao Pai Natal porque queria pedir um cãozinho. Disse-me que este Natal pediu uma prenda à mãe e que esta não lhe deu, mas que pediu essa mesma prenda ao Pai Natal e este trouxe-a. Portanto, como a mãe não

estava interessada em dar-lhe o cãozinho fizemos a carta ao Pai Natal para a menina guardar na mochila e colocar num envelope assim que conseguisse. De seguida, encaminhei-a para o transporte porque já estava na hora. Por volta das 18h chega o Martim à minha sala preparado com trabalhos de casa de Matemática. Resolvemos, em primeiro lugar os trabalhos de casa e, seguidamente, conversamos como de costume. Falamos do seu dia-a-dia, da escola, da sua casa. Entretanto como estava na hora pedi-lhe que arrumasse tudo e seguisse para a sala. Este assim o fez.

28-01-2019

Hoje cheguei na parte da tarde porque normalmente não tenho gabinete e não tenho como adiantar as coisas. Assim que chego dirijo-me à receção para pedir à N. que chame o D. V. O aluno desce e dirigimo-nos para o gabinete disponível. Inicialmente converso com ele e digo-lhe para começarmos pelas fichas de trabalho para o ajudar um pouco com o estudo e realização dos trabalhos de casa porque o aluno demonstra muitas dificuldades. Dado que os trabalhos de casa não são muitos extensos peço ao aluno que responda ao questionário acerca do bullying e este mostra-se bastante recetivo e interessado. Este deu respostas bastante completas e mostrou-se muito entusiasmado ao realizar o mesmo. Gostou de o fazer porque era algo novo e diferente. Estivemos a conversar um pouco acerca das notas e a quantidade de negativas que este teve. Quando chegou a hora encaminhei-o para o refeitório para lanchar.

29-01-2019

Hoje dirigi-me ao estágio durante a manhã porque é o dia mais ocupado da semana. Começo de manhã e só termino ao final do dia. Quando chego peço à C. que chame a M. D. A M. é uma menina muito autónoma e muito boa aluna, mas a preguiça e distração, por vezes, pregam-lhes umas partidas. Falamos um pouco acerca das suas notas e esta disse-me que não tirou nenhuma negativa. Realizamos os trabalhos de casa e a M. pediu-me para responder a mais questionários do género. Entretanto pedi-lhe que escrevesse no questionário palavras que a fizessem lembrar o bullying. A aluna ficou muito animada e escreveu as palavras que lhe ocorriam no momento. Entretanto levo-a à sala para pousar as coisas e seguir para o lanche. Na parte da tarde, estive com o F. C. e trabalhamos um pouco o Estudo do Meio porque o aluno iria ter teste no dia seguinte. Falamos um pouco acerca de assuntos que o aluno escolhesse. Conversamos sobre futebol e sobre a sua família. Como as crianças já começam a ter à vontade comigo, começam a

falar comigo acerca de diversos assuntos. De seguida, chamei o G. C. que tinha uma ficha de Matemática e Português para fazer. Realizamos as fichas para que este estudasse para o teste e falamos acerca dos seus tempos livres porque o aluno assim o quis. Falou-me dos treinos de futebol e dos passeios com a sua família. É um misto de aprendizagem. Eu vou aprendendo com eles e eles, espero que aprendam comigo também.

30-01-2019

Hoje durante a tarde fui mais cedo para o estágio para trabalhar um pouco enquanto estava no gabinete e fui preparando algumas atividades, com a intencionalidade de as poder realizar. Entretanto estou com a L. B. e de seguida com o M. S. Ambos vinham preparados com fichas de trabalho de Matemática e, como tal, ajudei-os a resolver os exercícios em que tinham dificuldade de forma a ser mais fácil para eles. Conversamos um pouco acerca da escola e do centro de estudos. Ambos se mostraram cansadas com a rotina e sem vontade para realizar os trabalhos.

01-02-2019

Hoje durante a tarde estive com a B. M. do 1º ano e com o R. M. de 4º ano. Os dois trabalharam fichas de Português. A B. depois de terminar pediu para realizar um desenho e dei-lhe total liberdade, porque penso que o meu percurso de estágio também serve para lhes dar alguma liberdade quando estão comigo e para lhes mostrar que podem realizar diversas coisas, para além de estudar para testes e fazer trabalhos de casa. O estudo é muito importante, mas não é tudo. Estes meninos/as estão na idade de experimentar e dar asas à imaginação. O R. respondeu ao questionário acerca da escola e mostrou opiniões muito positivas acerca da mesma.

04-02-2019

Depois de um fim-de-semana muito cansativo, volta-se à rotina do estágio. Começo esta semana por receber o D. V. que vem preparado com trabalhos de casa de Inglês e de Ciências e consegue resolvê-los autonomamente e quase sem ajuda. Noto diversas melhorias no aluno e que este se está a esforçar muito. No final menciona que tirou Suficiente a Inglês, o que é muito bom porque no geral as suas notas são muito baixas. Fico muito contente e dou-lhe os parabéns porque este se tem esforçado e isso demonstra-se nas notas. Como fica em cima da hora do lanche, digo-lhe para subir. Eu continuo no gabinete para adiantar alguns assuntos do estágio.

05-02-2019

A M. D. vem preparada com trabalhos de casa de História e Ciências. São disciplinas que a aluna não apresenta nenhum tipo de dificuldade e que consegue resolver os exercícios com muita facilidade. Hoje servi apenas de suporte numa ou outra questão e como fator de distração no final do tempo para que esta pudesse espairecer um pouco e esquecer o ambiente da escola por um tempo. O J. C. G. é um menino muito complicado. Hoje consegui estar com ele para tentar falar acerca de algumas questões, como o seu comportamento, as suas notas e outros assuntos. É complicado lidar com o menino porque este me dá respostas curtas e não justifica ou alonga as respostas. O aluno respondeu ao questionário que eu tinha acerca da escola e do bullying sem hesitar. Quando lhe colocava as questões oralmente ele dava respostas curtas e o assunto terminava. É um caso complicado com o qual tenho tentado debater. O tempo ajuda portanto vou aguardar e tentar avançar com calma, embora a R. já me tenha dito que este menino não tem “ponta por onde pegar”. Durante a tarde estive com o F.C. O F. trazia uma ficha de Matemática porque tinha teste. Este menino tem muita dificuldade a concentrar-se e como se sente mais à vontade comigo gosta de conversar. Chamo-o à atenção as vezes que são necessárias para que este se concentre porque ele consegue resolver os exercícios quando está concentrado. Dou-lhe oportunidade para conversar entre exercícios e sempre que temos tempo para tal porque sinto que lhes posso e devo dar essa liberdade. Chamo o G. a seguir. O G. hoje vinha preparado com uma ficha de Estudo do Meio porque é o seu próximo teste. Este diz-me que é bom a Estudo do Meio e que não precisa de ajuda, mas errou na primeira questão e pedi que este fosse buscar o livro para procurar a informação, para não ser eu a dar-lhe a resposta. Com a ajuda do livro conseguiu resolver toda a ficha de trabalho. No final pudemos conversar acerca dos mais diversos temas, até da sua fatiota de Carnaval. Já começo a conhecê-los e eles a mim. Contam-me alguns dos seus segredos e medos. Contam-me o que os motiva e o que os preocupa na escola. Contam aquilo que lhes apetece no momento, porque a intervenção individual que tenho vindo a fazer com eles/as é, também, com o objetivo de eles terem tempo para si.

06-02-2019

Hoje estive com a J. H. A J. é uma menina que gosta muito de conversar e quando lhe pedi que respondesse ao questionário acerca do bullying esta identificou-se de imediato e quis mencionar alguns aspetos da sua vida. Dei-lhe liberdade para tal, porque este momento comigo também pode servir de momento de reflexão e para eles fugirem

um pouco ao ambiente de estudo. A aluna fala-me do facto de já ter sofrido de bullying e de ter superado, embora ainda guarde alguma raiva e rancor dentro dela. Acho que se sente à vontade comigo e, por isso, não tem problemas em mencionar-me assuntos diversos da sua vida e desabafa imenso comigo. De seguida estive com a L. B. Hoje a L. trazia trabalhos de Português. Pela primeira vez conseguimos resolver os exercícios todos na hora que tínhamos disponível. A aluna estava mais concentrada e realizou a ficha com mais facilidade e tranquilidade. Ainda pudemos conversar e a aluna conseguiu fazer um desenho, que foi algo que já me tinha pedido. O M. é um menino muito tagarela e hoje trazia uma ficha de trabalho de Matemática que realizou com algumas dificuldades, mas com a minha ajuda penso que conseguiu perceber os exercícios. Deixamos por fazer alguns exercícios porque não tivemos tempo para terminar. Hoje conversei pouco com ele porque os pais vieram buscá-lo mais cedo e não tivemos tempo.

07-02-2019

A L.P. trazia trabalhos de casa de Matemática. Esta menina que tem muitas dificuldades conseguiu chegar ao raciocínio correto na resolução dos problemas. Neste caso foi mesmo por falta de atenção. Como normalmente estou mais tempo com a L. opto sempre por falar com ela e esta diz-me que a mãe só quer que a ajude com Matemática e Ciências porque são aquelas em que esta tem mais dificuldade. Como o tempo passou rapidamente entretanto pedi à L. que fosse lanchar porque estava na hora. Aproveitei para preparar algumas coisas e observar um pouco a instituição.

08-02-2019

Hoje comecei a tarde com a B. Pedi à N. que a chamasse e esperei um pouco para ir com a menina para a sala. A B. hoje trazia a construção de frases como trabalho de casa e conseguiu realizar o mesmo sem nenhuma dificuldade. Conversamos um pouco antes de esta ir embora, acerca do seu dia-a-dia. Entretanto vieram chamá-la para ir para o transporte. De seguida, o R. trazia uma ficha de trabalho de Matemática e teve muitas dúvidas em todos os exercícios. O aluno apresenta muitas dificuldades na realização e compreensão de exercícios e, por isso, perco um pouco mais de tempo a tentar ajudá-lo com determinadas matérias.

12-02-2019

Hoje começo o dia com a M. e a aluna vinha preparada com uma ficha de História porque tinha teste. Realizou a ficha quase sem dificuldade nenhuma porque noto que História é um dos seus pontos fortes. No entanto, como nos sobrou tempo conversamos um pouco acerca do Carnaval e do facto de ela andar muito cansada. Noto, no geral, que todos/as andam bastante cansados/as. Na parte da tarde estive com o F. e este esteve a fazer os trabalhos de casa de Matemática. De seguida, passamos ao estudo de Inglês porque este iria ter teste. A sua concentração normalmente é quase nula, mas hoje estava mais concentrado do que o costume e consegui que o aluno realizasse tudo e ainda tivesse tempo para conversar comigo. Por fim, tive com o G. e o aluno realizou uma ficha de Matemática porque tinha teste. Mais uma vez, apresenta bastante dificuldade nos cálculos. Como tive que corrigir diversos exercícios não sobrou grande tempo para realizar nenhuma atividade.

13-02-2019

Hoje tive com dois meninos que apresentam normalmente muitas dúvidas. O D. veio estudar para o teste de Ciências hoje e estivemos a resolver exercícios do manual. Nota-se a melhoria na sua letra e hoje, fez questão de mencionar a melhoria das suas notas. Subiu as notas e estava muito contente e confiante. É bom ver que o nosso trabalho também dá frutos. O aluno agradeceu-me com uma caixa de chocolates. De seguida, o M. trazia uma ficha de Matemática e outra de Inglês. Começamos por Inglês porque o aluno assim escolheu. Este não apresenta nenhuma dificuldade que eu pudesse notar nesta disciplina. Passamos para Matemática e o aluno também conseguiu resolver os exercícios quase sem ajuda. As dificuldades que tinha começam a desaparecer. Isso é notório nos dois alunos, começo a ver as suas dificuldades a desvanecer-se.

14-02-2019

Hoje cheguei cedo à instituição e pedi à N. que chamasse a L. A aluna tinha trabalhos de casa de Matemática e estivemos a resolve-los calmamente devido às suas dificuldades. Uma vez mais eram problemas relacionados ao que temos andado a resolver e portanto a aluna não apresentou grandes dificuldades.

15-02-2019

Hoje eu e a B. estivemos a trabalhar uma ficha de Português e nota-se a evolução da aluna na leitura. Inicialmente apresentava muitas dificuldades e agora está muito

melhor. Sente-se o esforço da mesma, porque todas as semanas sentem-se imensas melhorias. Conversamos ao longo do tempo porque a aluna sente essa necessidade. De seguida estive com o R. que trazia uma ficha de Matemática e, uma vez mais, as dúvidas permanecem. Não é muito autónomo na realização dos exercícios e não consegue chegar ao raciocínio de problemas. Tem muitas dificuldades e perco algum tempo a explicar-lhe os problemas e raciocínios.

18-02-2019

O meu trabalho com o D. passa por incentivá-lo e dar-lhe dicas de estudo que sejam mais apelativas e menos aborrecidas para ele. Tento ajudá-lo a encontrar a informação no livro para conseguir responder com precisão às perguntas. Hoje os trabalhos de casa eram de Ciências e, portanto, ajudei-o a resolver com calma os exercícios e a seguir determinados passos. O aluno conseguiu ainda resolver alguns exercícios sozinho. Nota-se a sua melhoria, de longe.

19-02-2019

Hoje comecei a manhã com a M. que trazia trabalhos de casa de Inglês. Conseguimos resolvê-los de imediato e a aluna não mostrou qualquer dificuldade na sua resolução. De seguida, estivemos a estudar Ciências com o método das perguntas e respostas para ver como a aluna estava preparada. Só tivemos que insistir em alguns pontos, mas pareceu-me bem preparada. Como sobrou tempo conversamos acerca do Carnaval e do que ia vestir. Na parte da tarde estive com o F. que trazia trabalhos de casa de Português. Este foi o nosso principal foco e não mostrou grande dificuldade na sua resolução. O aluno foi lanchar entretanto. Por fim estive com o G. que hoje trazia uma composição para corrigir porque tem bastante dificuldade na articulação de frases e ideias. Fizemos uma composição mais completa e com as ideias bem estruturadas mas é algo a trabalhar com ele. De seguida, estive a corrigir algumas contas que tinham erros e fizemo-las com calma para este não se confundir. São dois aspetos a ter em conta com o G.

20-02-2019

Hoje quando cheguei pedi que chamassem a J. H. mas esta não estava e como tal fui fazer tempo para o gabinete que estava disponível. Quando a L. chegou foi ter comigo à sala e trazia uma ficha de Matemática. Como era simples conseguimos terminar a tempo, mas com muitas chamadas de atenção pelo meio, porque a Leonor distrai-se

muito. Quando terminamos pedi-lhe que respondesse ao questionário acerca da escola e a aluna respondeu sem hesitação. Ficou muito entusiasmada. O M. veio preparado com uma ficha de trabalho de Matemática e conseguimos resolver todos os exercícios de forma a que o aluno os compreendesse. Não apresentou grandes dúvidas, no geral. Ainda tivemos tempo para conversar acerca da natação que é o desporto que o aluno pratica.

21-02-2019

Hoje eu e a L. resolvemos apenas um exercício de Matemática porque a aluna diz que a mãe só quer que eu estude com ela Matemática e Ciências que são as disciplinas que a aluna tem mais dificuldade. De seguida, mostrou-se com muita pressa para ir para a sala porque tinha de estudar para o teste de História. Ainda insisti que ficasse para fazermos uma atividade mas a aluna não quis.

22-02-2019

Hoje a B. veio com exercícios de Matemática para preparar para o teste. Não mostrou nenhuma dificuldade na resolução dos exercícios. Consegui resolvermos quase sem auxílio da minha parte. Ainda jogamos um jogo porque a aluna me pediu para jogar o jogo do galo e como tivemos tempo conseguimos fazê-lo. O R. quando chegou pediu-me para lhe fazer perguntas de Estudo do Meio porque iria ter teste. Quando começo com as perguntas o aluno não sabe responder. Digo-lhe então para irmos lendo oralmente a matéria e vou fazendo perguntas no final de cada página. Mesmo dessa forma o aluno teve bastantes dificuldades e não o senti muito preparado para o teste. Uma vez mais, tive que estar a insistir bastante nas suas dificuldades.

26-02-2019

A minha manhã de hoje começou com a M. vinha preparada com exercícios de gramática de Português. A aluna conseguiu resolver os exercícios com bastante facilidade e sem grande ajuda. Conseguimos resolvê-los antes da hora e, por esse motivo, dei liberdade à aluna para fazer o que quisesse. Esteve sentada nos sofás a conversar comigo para “relaxar”, como me disse. O F. tinha uma ficha de Português para terminar. Sem dificuldade nenhuma conseguimos terminar e passamos à realização de uma ficha de Estudo do Meio. Apresentou dificuldades em alguns exercícios, mas no geral conseguiu resolver tudo sem grande dificuldade. Mais uma vez, resolvemos os exercícios dentro do tempo, o que, por norma é complicado com o F. porque ele é muito distraído.

27-02-2019

Hoje chamei o D. para conversar um pouco com ele e para ver se estava disponível para responder a um questionário acerca do bullying. Mostrou-se bastante receptivo e respondeu sem qualquer problema. Conversamos acerca da escola, do que queria ser quando fosse grande, ao qual me responde “engenheiro informático” e pergunto-lhe nessa altura se a escola está a correr bem. Responde-me que sim e que só tem negativa a Matemática. Falamos dos seus tempos livres e ele diz-me que não pratica nenhuma atividade de momento. A conversa fluiu e pedi-lhe que me trouxesse uma folha com algumas coisas sobre si escritas daqui a duas semanas, devido às férias de Carnaval. Hoje a L. mostrou-me os testes que recebeu. Tirou Suficiente a Português e Matemática e Bom a Estudo de Meio. Sei que as notas podem ser melhores porque a aluna apresenta qualidades para tal. Realizamos uma ficha de Matemática mas como era muito extensa não terminamos. Quando está desatenta erra os exercícios com bastante facilidade. O grande problema é a atenção. O M. vinha preparado com trabalhos de casa de Matemática que resolvemos muito facilmente e trazia, também, uma ficha de trabalho de Matemática. Sinto que o aluno evoluiu muito e não apresenta tantas dificuldades como no início.

28-02-2019

Hoje a L. trazia trabalhos de casa de Matemática e a correção da questão aula para fazer. Os trabalhos de casa resolvemos com alguma facilidade. A questão de aula, que tinha vários exercícios errados, a aluna teve mais dificuldade. Mostrava-se cansada e com sono e portanto estava mais aluada. Realizamos os exercícios com calma para ela os perceber. De seguida, pedi-lhe que ficasse um pouco na sala sem fazer nada para relaxar um pouco antes de voltar para a sala.

01-03-2019

Hoje tive uma reunião com a R., minha orientadora local. Começamos por falar acerca da forma como as coisas estavam a correr e respondi-lhe que estava tudo a correr bem. Dentro das normas, mas que de vez em quando, tentava aproveitar a hora individual para realizar pequenas atividades e/ou dinâmicas que achasse pertinente. A mesma mostrou-se muito receptiva e disse que não havia problema algum. Apesar de uma hora ser um espaço de tempo muito curto para conseguir levar a cabo algumas das minhas ideias.

Esta mostra a ideia de um projeto para mim: um workshop acerca de cyberbullying para 2º e para 3º ciclos. Esta pede-me que me prepare para as férias da Páscoa porque iria pô-lo em prática nessa altura, apresentando-lhe a minha ideia antes. Para alinhar alguns detalhes e, uma vez que, na próxima semana é o Carnaval e os/as alunos/as estão de férias se o meu horário se mantém e esta diz-me que só preciso de ir na quarta-feira porque nos restantes dias maior parte das crianças/jovens não estarão lá. Pede-me ainda que na quarta-feira realize algumas dinâmicas de grupo com o 1º ciclo e digo-lhe imediatamente que sim. O estágio também são desafios e sinto que precisamos de nos desafiar para saber aquilo de que somos capazes. Digo-lhe isso mesmo, que fora da minha zona de conforto também consigo trabalho e que sinto que preciso de pôr-me à prova. A R. diz-me que vai pensar em alguns projetos para mim. Agradeço-lhe a conversa e sigo para a “minha” sala.

A R. tem vindo a avaliar o meu trabalho ao longo do tempo. Diz que tem falado com as professoras e com os/as alunos/as que acompanho para estar a par do meu trabalho. Diz-me que tem tido um feedback bastante positivo e que espera assistir a uma das minhas intervenções.

Chego à sala e sento-me na cadeira na esperança de reunir ainda com os jovens que tinha durante a tarde. Como é sexta-feira de Carnaval eles não aparecem porque aproveitaram esse dia para brincar. Fico na sala a adiantar trabalho. Batem-me à porta e peço que entrem. É a R.! Traz-me um panfleto que os alunos de 2º ciclo fizeram acerca do cyberbullying e que posso tirar uma ideia para aquilo que irei realizar. Depois diz que tem um outro workshop para me propor: educação sexual para 2º e para 3º ciclos. Digo-lhe imediatamente que sim, embora saiba que vai ser um desafio ainda maior para mim. Diz-me que me prepare porque os/as alunos/as gostam de ir aos limites e pôr-nos à prova. Tenho que me preparar à sério e estou a sentir o desafio neste momento.

06-02-2019

Hoje chego à instituição depois do almoço para realizar algumas dinâmicas de grupo com os/as alunos/as. Dirijo-me às professoras de 1º ciclo para lhes dizer que tinha chegado e que estava disponível para ficar com alguns alunos. Fico com um grupo de cerca de 14 crianças e começo por realizar um quebra-gelo para conhecer os/as meninos/as que não conheço. Realizo atividades que envolvem materiais como balões, marcadores de desenho e papéis e as crianças ficam motivadas.

A primeira atividade chama-se a “Dinâmica do Nome” que funciona como um quebra-gelo para conhecimento inicial dos participantes. Em círculo, sentados, os participantes vão um a um ao centro da roda, dizem o seu nome juntamente com um gesto e, em seguida, todos devem dizer o nome da pessoa e realizar o gesto. Foi um momento de descontração e divertido, notava-se no rosto das crianças. As faixas etárias deste primeiro grupo estavam todas misturadas, sendo que, continha meninos/as desde os 4 aos 8/9 anos. A segunda dinâmica tinha o objetivo de fortalecer laços e melhorar a autoestima. Chamava-se “Dinâmica do Abraço”. Cada um/a tinha que escrever o seu nome e colocar num saco. De seguida, todos tiram um papel e cada um/a vai ao centro, diz o nome do/a colega e uma característica acerca do mesmo/a – é bonito/a, simpático/a, tem umas sapatilhas bonitas. O colega que calhar no papel dá um abraço ao outro e assim sucessivamente. A dinâmica funcionou muito bem porque julgo que é algo diferente daquilo que as crianças costumam fazer. A terceira dinâmica – Dinâmica das diferenças – consistiu na distribuição de folhas e marcadores por todos/as. Expliquei em que iria consistir esta dinâmica e iniciei com as indicações. Pedi que comesçassem por desenhar um rosto com olhos, boca e nariz sem tirar o marcador da folha, ou seja, sem o levantar. Isto causou alguma dificuldade porque algumas crianças não seguiram a indicação à risca e as outras mostraram-se “injustiçadas”, mas tudo se resolveu. Conseguimos refletir acerca das diferenças e o respeito ao outro. A seguinte dinâmica, chamada Dinâmica da confiança apenas requeria o espaço disponível como material. Dois a dois, pedi que se colocassem de costas um para o outro, ombro a ombro. Em seguida, pedi que cada dupla se abaixasse até ao chão sem desencostar e sem utilizar as mãos. Nesta dinâmica pudemos refletir acerca da confiança no colega, espírito de equipa e valorização pessoal. Por fim, realizamos o jogo da cadeira, para refletir um pouco acerca do jogo e de que ganhar não importa. O importante é participar!

As atividades correram muito bem com o primeiro grupo, no geral. Os seguintes grupos foram mais desafiantes e complicados de gerir porque na mesma sala continuavam os grupos que já tinham feito as atividades e então ficou demasiado barulho e demasiada confusão envolta daquela sala. Como estava a acontecer muita coisa ao mesmo tempo e no mesmo espaço, as crianças ficaram confusas e não prestavam atenção ao que estávamos a fazer. Os grupos seguintes acabaram por ser prejudicados, uma vez que, não nos sobrava espaço para realizar algumas das dinâmicas. A opinião das crianças foi muito boa e mostraram-se muito recetivos na realização de todas as atividades. Escrevemos

ainda numa cartolina “Hoje aprendi...” e as crianças quiseram relatar algumas das coisas que aprenderam.

12-03-2019

Hoje cheguei à instituição cedo para retomar as tutorias individuais. Como não estava ninguém na receção dirigi-me à sala onde estava a M.D. para a chamar. Cumprimentei a professora e os restantes alunos/as e, entretanto, a M. desceu comigo. Como ia ter teste de Matemática estivemos a trabalhar algumas fichas e a aluna mostrou-se com bastantes dificuldades. Insistimos um pouco nos exercícios em que esta tinha mais dificuldade e como sobrou tempo paramos para esta relaxar um pouco. Perguntei-lhe o que queria fazer e esta respondeu que não queria fazer nada, apenas descansar um bocado porque tinha muito sono. Dei-lhe essa oportunidade, porque sempre que estou com ela, mostra-se muito cansada. Entretanto encaminhei-a para o lanche e segui para casa. Na parte da tarde voltei ao estágio e estive um pouco no gabinete a adiantar alguns aspetos para os workshops que a R. me pediu. Como ando nervosa com isso acabo por aproveitar todos os “momentos mortos” que tenho. Entretanto o F.C. chega à minha sala. Como tem trabalhos de casa começa por os fazer, sem a minha ajuda porque eram apenas tabuadas. De seguida, realiza uma ficha de Estudo do Meio para estudar e quando terminamos conversamos um pouco acerca de temáticas que lhe interessam, como o futebol e as equipas. O G.C. hoje chegou um pouco mais tarde à minha beira e vinha com alguns trabalhos de Português para realizar. Como o aluno apresenta muitas dificuldades fizemos os exercícios com calma e não conseguimos terminar tudo porque não tivemos tempo. Como ainda tinha aula na faculdade tive que vir embora e disse-lhe que continuávamos na próxima semana.

13-03-2019

Hoje cheguei ao estágio cedo e reparei que havia algo de diferente. A receção tinha uns balões na entrada com o número 15 e ouvia-se uma “espécie” de discurso no refeitório seguido com alguns aplausos. Reparei que era o aniversário da instituição e que fazia 15 anos e daí este momento com que me deparei. A N. não estava na receção mas chegou entretanto e pedi-lhe que chamasse o D.V. para trabalhar um pouco com ele, uma vez que ultimamente ele não tem estado e eu tive que faltar uma segunda-feira. Entretanto já reajuste o horário com ele e disse-lhe para contar comigo todas as quartas-feiras por volta da mesma hora. Como o aluno tinha trabalhos de casa, demos prioridade aos

mesmos porque na instituição é isso que fazem, por norma. De seguida, como terminou os trabalhos rápido, pedi-lhe que fosse à professora C. na esperança de que esta tivesse algum trabalho para eu fazer com ele. Como o aluno tem teste de Português na sexta-feira pediu que lhe fizesse algumas perguntas acerca da matéria. Assim o fiz. O D. não é muito conversador, mas hoje estava desanimado e, por esse motivo, não quis impor-lhe que conversasse comigo. Pedi-lhe que subisse e que descansasse um pouco antes do lanche. De seguida, estive com a L.B. que vinha preparada com uma ficha de trabalho de Português. A aluna é muito distraída e despreocupada no que toca à escola. Enquanto resolvemos os exercícios esta fala-me de coisas que não tem nada a ver com o que estamos a fazer. Mas neste dia referenciou a Momo e os seus rituais. A Momo é uma boneca bastante assustadora que aparece em vídeos infantis e que incite os mais pequenos a cometerem atos suicidas depois de ameaçar os pais. Achei preocupante quando a L. me disse que andava a fazer os rituais dessa boneca. Disse-lhe para não fazer essas coisas e que a boneca não era real. Tentei mudar de assunto e terminamos a ficha. Quando a terminamos dei tempo à L. para descansar. Quando chegou a hora pedi-lhe que subisse porque tinha transporte às 18h. Por último, estive com o M.S. e estive vinha preparado para estudar Estudo do Meio e Inglês. O M. está sempre muito cansado, mas normalmente é muito rápido a fazer as coisas quando as sabe. Com a minha ajuda estivemos a estudar um pouco de Estudo do Meio para que o aluno estudasse para o teste. Como concluímos tudo antes da hora disse-lhe para subir porque ainda teria tempo para brincar antes de ir embora.

14-03-2019

Hoje cheguei cedo aos Kid.i porque precisava de adiantar algumas coisas depois. Pedi que chamassem a L.P. Enquanto esperava apareceu a minha orientadora local, a R., que me perguntou se estava tudo a correr bem. Disse-lhe que sim e conversamos um pouco. A L. desceu entretanto e seguimos para a sala. Tinha trabalhos de casa de Matemática e, como tal, estive a ajudá-la. A R. disse-me que a L. estava finalmente medicada mas que andava muito sonolenta e sensível e, por esse motivo, realizamos todos os exercícios com calma e ao ritmo dela.

15-03-2019

À tarde estive com a B.M. Como a professora da B. pensa que estou a fazer terapia com ela raramente me manda trabalhos para eu realizar com a B. Hoje a B. vinha sem

nada e entretanto quando foi ter com a professora veio carregada com uma capa com exercícios para eu realizar com ela. Escolhi alguns e pedi à N. que tirasse fotocópia. A B. realizou exercícios com ditongos que era aquilo que ela mais tinha dificuldade. Quando chegou a hora encaminhei a B. para sala porque tinha que arrumar as coisas para ir no transporte. De seguida, estive com o R.M., um menino que teve muitas dificuldades. Como só tinha trabalhos de Matemática realizamo-los com calma e, de forma a que o aluno percebesse.

19-03-2019

Hoje comecei a semana de estágio na parte da tarde, não é habitual que assim seja mas como surgiu um imprevisto de manhã só consegui comparecer na parte da tarde. Quando cheguei dirigi-me à secretaria para perguntar se o F.C. estava e se tinha alguma sala disponível. Disseram-me que sim. Segui para a sala e pelo caminho chamei o F.C. que já se encontrava à minha espera. Vinha preparado com alguns trabalhos de casa de Português e Matemática que fizemos num instante e de segui estivemos a trabalhar o cálculo, de forma mais descontraída e relaxada. Optei por utilizar técnicas e métodos diferentes para que o aluno tivesse mais vontade de realizar as contas. Quando terminamos, e para não estar a sobrecarrega-lo mais, dei-lhe a oportunidade de jogarmos um jogo de forma a que o aluno esquecesse, ainda que por breves momentos, o estudo. Quando chegou a hora encaminhei-o para o refeitório para lanchar e assim foi. De seguida, estou com o G. C. que vinha preparado com uma ficha de Estudo do Meio, disciplina na qual ele me diz: “é a minha preferida e eu sou muito bom.” Quando começamos com a primeira pergunta o aluno sentiu dificuldades e como tal pedi-lhe que fosse buscar o livro para ser mais fácil para ele e para se tornar autónomo à procura da resposta. Fizemos a ficha num ápice e não pedimos mais trabalho à professora, optamos por conversar acerca do seu dia-a-dia e de como estava a correr a escola. Desta maneira, o aluno pôde descontrair e descansar um pouco, uma vez que às terças-feiras ainda costuma ter treino de futebol e diz que fica muito cansado.

20-03-2019

Hoje o meu dia de estágio começa na parte da tarde. Como de costume apresento-me na receção, a não ser quando chego mais cedo é que me dirijo para uma das salas – se estiver disponível – e vou adiantando algumas tarefas para aproveitar o tempo. Pedi que na receção chamassem o D.V., como de costume, o D. desceu a escada sem vontade

nenhuma e veio em direção a mim. Perguntei-lhe de imediato se estava tudo bem e como têm corrido os seus dias, este diz-me “está tudo bem e tem tudo corrido bem.” Como ia ter questão de aula brevemente estudamos um pouco, e no final, como ainda nos sobrou tempo optamos por conversar – o D. não é muito conversador, mas consegue ter conversas extensas comigo e nota-se que gosta de o fazer. É um menino com uma visão muito própria da escola e do mundo que o rodeia e, por isso, torna-se interessante conversar com ele. Quando terminamos digo-lhe para subir porque está na hora de lanchar. Aguardo um pouco pela L.B. e enquanto aguardo vou adiantando assuntos pendentes. Assim que a L. chega mostra-se descontente porque traz um ficha de trabalho de Matemática que é uma disciplina que ela não gosta. “Preferia estudar Estudo do Meio, Matemática é uma seca” diz-me. Como a ficha era curta quando a terminamos dei-lhe liberdade para fazer o que quisesse, dentro do razoável. Esta diz-me que “quero ficar sentada a descansar porque estou com muita preguiça e cansada”. E assim foi. Descansamos até que a vieram chamar para o transporte. O descanso também é importante durante o crescimento. De seguida estive com o M. S. que trazia uma ficha de Português, como o aluno tem algumas dificuldades na interpretação optei por ajudá-lo e tornou-se mais fácil. Levamos a hora inteira a fazer a ficha porque tive que o ajudar em alguns aspetos, mas senti que o aluno compreendeu aquilo que fez.

21-03-2019

Hoje dirijo-me para o estágio na parte da manhã para estar com a M. D. que não tinha estado na terça-feira. A aluna como é das primeiras a chegar ao centro de estudos mostra-se sempre muito cansada e vinha preparada para estudar Matemática e Ciências. Dado que tínhamos pouco tempo optamos por uma das disciplinas e dedicamo-nos a essa na hora em que estivemos juntas. Trabalhamos Ciências e esclareci todas as dúvidas que surgiam no decorrer do tempo. A aluna mostrou-se empenhada e percebeu toda a matéria. Sigo para a minha pausa de almoço e neste tempo aproveito para ir a casa porque são horas que posso aproveitar para fazer outras coisas. Volto na parte da tarde para estar com a L. P. Peço que a chamem na receção. A aluna não está com disposição, dizem-me na receção e pedem-me que suba para conversar um pouco com ela. Enquanto conversamos percebi que existiram alguns conflitos com alguns colegas e a aluna estava triste, por isso, estava no canto da leitura a estudar sozinha e pediu-me que a ajudasse. Trabalhamos Matemática e a aluna mostrou-se muito concentrada e não deu nenhum erro nos exercícios

que realizamos. Conseguiu superar bem as suas dificuldades. Nota-se uma grande evolução na L.

22-03-2019

Hoje chego ao estágio na parte da tarde. Chego e cumprimento todos os meus colegas que se encontram na receção. Peço à N. para chamar a B. M. para estar um pouquinho com ela. A aluna vinha com uma ficha de Matemática que não apresentou qualquer dúvida a realizar. Boa capacidade de cálculo. Adotámos uma estratégia para ajudar na resolução dos mesmos, mas esta nem sequer necessitou. Fez a ficha muito apressadamente e bem. Trazia também uma ficha de Estudo do Meio e realizámo-la com calma porque esta se mostrou cansada. Assim que terminamos a aluna quis andar um pouco pela sala para descontrair um pouco e assim foi. Entretanto vieram chamá-la para o transporte. De seguida, pedi que chamassem o R. M. que é um aluno que apresenta imensas dificuldades. Hoje trazia trabalhos de casa de Estudo do Meio e de Português. Estudo do Meio correu bem porque pôde consultar as respostas, sempre de forma autónoma porque incentivo isso na hora em que estou com eles. Português precisou de mais ajuda e, como tal, ajudei-o da maneira que pude adotando estratégias que permitissem que este compreendesse.

25-03-2019

Hoje, com o intuito de superar as minhas expectativas dirigi-me ao Centro de Saúde do Castelo da Maia, para reunir com uma Enfermeira que me pôde ajudar em algumas temáticas a tratar nos workshops das próximas semanas. Uma vez que a Senhora Enfermeira era muito amável, prontificou-se a ajudar desde então. Forneceu-me alguns materiais e deu-me algumas ideias de assuntos a abordar com os determinados ciclos.

26-03-2019

Quando cheguei ao estágio hoje perguntei se o F. C. já estava na instituição e disseram-me que sim. Como tal, a caminho do meu gabinete fui chamá-lo para seguirmos para a nossa hora juntos. Este trazia uma ficha de gramática de Português e fizemo-la sem grande dificuldade por parte do F. Quando o aluno está concentrado consegue realizar os exercícios com bastante facilidade. É um bom aluno mas distrai-se com muita frequência.

O G. C. segue para a minha sala com uma ficha de Matemática, disciplina em que apresenta alguma dificuldade e, por esse motivo, lemos sempre os enunciados com calma,

veja se o aluno percebeu e fazemos a resolução lentamente para que esteja atento a todos os passos e a todos os cálculos. De vez em quando falham-lhe alguns aspetos, mas no geral consegue superar-se.

27-03-2019

Hoje quando cheguei pedi que chamassem o D. V. Este trazia trabalhas de casa, uma ficha de Inglês. Como o aluno esteve um tempo em Inglaterra tem alguma facilidade na perceção do Inglês mas não consegue dominá-lo e apresenta alguns erros frequentes na gramática e na escrita. Lentamente tentamos superar esses erros, com vista à melhoria nos próximos testes.

De seguida estou com a L. B. que traz um ficha de trabalho que tem em atraso de Português. A aluna como é bastante preguiçosa, por vezes não realiza o trabalho com brio, mas quando está concentrada consegue realizar os exercícios com facilidade.

Por fim, estive com o M. S. que trazia uma ficha de Estudo do Meio porque ia ter teste no dia seguinte. O aluno domina a matéria e, por esse motivo, não teve grande dificuldade a realizar os exercícios propostos. É um aluno motivado, mas que quer realizar tudo com pressa e, por vezes, troca algumas ideias.

28-03-2019

Hoje estive com a B. M. e estivemos a estudar Inglês. A aluna consegue compreender todos os exercícios e não apresenta grande dificuldade no domínio do Inglês. O grande problema é que se distrai com muita facilidade e gosta muito de conversar.

O R. M., uma vez mais, vem preparado com uma ficha de Português que é uma disciplina que apresenta alguma dificuldade, principalmente na interpretação e gramática.

02-04-2019

A M. D. hoje veio com o livro de Inglês para estudarmos. Realizamos alguns exercícios de vocabulário e a aluna não apresentou nenhuma dificuldade, na gramática já se nota que tem mais dificuldades.

O F. C. hoje tinha trabalhos de casa de Português. O aluno, apesar das chamadas de atenção, consegue resolver todos os exercícios praticamente sem ajuda. Não dá erros ortográficos e apresenta uma boa interpretação.

O G. C. vem preparado com fichas de Matemática para trabalharmos o seu cálculo. O aluno apresenta bastante dificuldade nas contas de subtrair, multiplicar e dividir. Precisa de trabalhar as tabuadas.

03-04-2019

O D. V. vinha preparado com o teste de Inglês no qual tirou Suficiente para fazermos a correção juntos. Nota-se uma grande falhar na gramática porque, por vezes, não lê as perguntas com atenção. O aluno está mais empenhado e percebe os exercícios mas com a pressa de fazer as coisas dá erros facilmente evitáveis.

04-04-2019

A L. P. tinha trabalhos de férias de Matemática. Uma vez que estivemos juntas adiantamos os trabalhos de Matemática que conseguimos. As dificuldades que a L. parecia sentir estão mais controladas e já consegue resolver alguns exercícios sozinha.

08-04-2019

Workshop bullying e cyberbullying 2º ciclo

09-04-2019

Workshop puberdade 2ºciclo

Workshop Violência no Namoro 3º ciclo (2 grupos)

16-04-2019

Workshop bullying e cyberbullying 3º ciclo

30-04-2019

De manhã estive com a M. D. que vinha preparada com uma ficha de trabalho de Matemática. Realizamos os exercícios que a aluna tinha dúvidas porque como era a última vez que ia estar com a aluna queria conversar um pouco e fazer um pequeno balanço do meu estágio. A aluna apresentou dificuldades em todos os exercícios, sendo necessário rever aquela matéria.

Durante a tarde estive com o D. V. Este trazia uma ficha de trabalho de Ciências e realizamos alguns exercícios no final da sessão. O aluno apresentou algumas

dificuldades e assinalamos essas questões para que pudesse consultar no livro a resposta, para o tornar um pouco mais autónomo.

Chamei, seguidamente a J. H. para fazer um balanço do ano dela e para conversarmos um pouco sobre alguns aspetos. Coloquei-lhe algumas perguntas nas quais se prontificou a responder de imediato.

Posteriormente estive com o F. C. que trazia trabalhos de casa de Português e que não teve qualquer dificuldade na sua realização. Só necessitou da minha ajuda na construção de um poema.

Por fim, para acabar o longo dia estive com o G. C. que trazia trabalhos de casa de Matemática. Uma vez mais, o G. apresenta muita dificuldade nos cálculos e interpretação de problemas. Também tem alguma dificuldade em dar resposta ao problema de acordo com a pergunta.

Com todos eles/as, e uma vez que era o último dia que iria estar com estes alunos/as tivemos uma conversa – entrevista – acerca do balanço do estágio e de como estes/as encaravam alguns aspetos. Para mim foi muito gratificante partilhar algumas experiências com eles/as e tive essa mesma perceção quando pude conversar com eles/as.

02-05-2019

A L. P. tinha trabalhos de casa de Matemática e Ciências e como tal fizemo-los antes de fazer qualquer outra coisa. Matemática a aluna mostrou alguma facilidade na resolução dos problemas apresentando apenas uma dúvida numa das questões. Em Ciências, como podia consultar o livro esperei que realizasse esse trabalho de forma autónoma e conseguiu fazê-lo com sucesso. Se puxarmos pela aluna ela consegue ultrapassar as suas dificuldades. Uma vez que era o último dia que iria estar com ela pela última vez tivemos uma conversa – entrevista – acerca do balanço do estágio e de como esta encarava alguns aspetos.

03-05-2019

O último dia. Aquele que custa sempre, independentemente de tudo. Foram sete meses de “sangue, suor e lágrimas”. Sete meses em que duvidei de mim, das minhas capacidades de suportar aulas, trabalho, estágio, tempo social e pessoal e todas as outras coisas a que tive de me dedicar. Foram sete meses de muito esforço, mas consegui.

Hoje comecei por entrevistar a coordenadora S. S., uma vez que tínhamos hora marcada.

Com a B. M. apenas conversei um pouco acerca do tempo em que estivemos juntas e pedi-lhe que fizesse um balanço daquilo que mais gostou. A aluna – embora pequenina – diz-me que gostou “dos jogos que fizemos” quando tínhamos tempo livre. Aprendi muito com ela e ela comigo, assim espero.

Por fim, estive com o R. M. e com o M. S. ao mesmo tempo porque hoje chegaram mais tarde da escola. Como traziam trabalhos de casa de Matemática começamos por resolvê-los sempre tendo em conta o “olhar pelo o outro”. Fizemos tudo em conjunto e sempre em consonância com o colega do lado. O R. tem mais dificuldades que o M. e então foi um trabalho mais demorado mas em que os dois aprenderam. A respeitar o outro e a saber esperar. Conversamos um pouco acerca dos meses em que estive com eles e quando digo que vou embora a reação é “Ohhhhhhh, mas porquê?!”, “Não queríamos que fosses.”. Explico-lhes com calma e estes compreendem. Afinal de contas são crianças e a facilidade de adaptação deles é incrível. Digo-lhes que vai correr tudo bem e desejo muita sorte.

Entrevista:

No início da entrevista informo os/as participantes de todos os detalhes que tenho a comunicar. A sua confidencialidade, a utilização de excertos no meu relatório de estágio a fim de fazer o balanço do mesmo e refletir acerca das temáticas trabalhadas. Informo ainda que a qualquer momento podem interromper a sua participação e deixo sempre em aberto um tempo para os/as participantes levantarem as suas questões.

Apêndice 2 – Consentimento Informado para Pais

Consentimento informado e esclarecido

Estágio Curricular

Estagiária: Daniela Santos

Orientação: Professora Doutora Preciosa Fernandes

Orientação Local: Professora R.C.

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Eu, _____

Fui informado/a de que, no âmbito do Estágio Curricular, prestado pela estudante, a observação acima mencionada se destina a:

- Compreender como a relação educativa é estabelecida e como é interpretada;
- Perceber a influência da instituição Kids.i na formação dos alunos/as;
- Compreender a visão da instituição por parte das professoras e por partes dos/as educandos/as.
- Perceber de que forma o trabalho realizado teve impacto na instituição e nos jovens.

Sei que neste estudo está prevista a realização de entrevistas e recolha de material produzido em estágio (nomeadamente, relatório de estágio e diários de bordo/portefólios) tendo-me sido explicado em que consistem estas formas de recolha de informação.

Foi-me garantido que todos os dados relativos à identificação dos participantes neste estudo são confidenciais e que será mantido o anonimato e os dados recolhidos serão apenas utilizados neste estudo.

Também autorizo a divulgação dos resultados obtidos no meio científico, garantindo o anonimato.

Sei que posso recusar a participação do/a meu/minha educando/a ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem nenhum tipo de penalização por este facto.

Compreendi a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Aceito que o/a meu/minha educando/a participe de livre vontade no estudo acima mencionado.

Data

____/____/____

Assinatura

Apêndice 3 – Consentimento Informado para Coordenadora e Professora

Consentimento informado e esclarecido

Estágio Curricular

Estagiárias: Daniela Santos

Orientação: Professora Doutora Preciosa Fernandes

Orientação Local: Professora R.C.

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto

Eu, _____

Fui informado/a de que, no âmbito do Estágio Curricular, prestado pela estudante, a observação acima mencionada se destina a:

- Compreender como a relação educativa é estabelecida e como é interpretada;
- Perceber a influência da instituição Kids.i na formação dos alunos/as;
- Compreender a visão da instituição por parte das professoras e por partes dos/as educandos/as.
- Perceber de que forma o trabalho realizado teve impacto na instituição e nos jovens.

Sei que neste estudo está prevista a realização de entrevistas e recolha de material produzido em estágio (nomeadamente, relatório de estágio e diários de bordo/portefólios) tendo-me sido explicado em que consistem estas formas de recolha de informação e informado que mais tarde poderei consultar o relatório de estágio.

Foi-me garantido que todos os dados relativos à identificação dos Participantes neste estudo são confidenciais e que será mantido o anonimato e os dados recolhidos serão apenas utilizados neste estudo.

Também autorizo a divulgação dos resultados obtidos no meio científico, garantindo o anonimato.

Sei que posso recusar-me a participar ou interromper a qualquer momento a participação no estudo, sem nenhum tipo de penalização por este facto.

Compreendi a informação que me foi dada, tive oportunidade de fazer perguntas e as minhas dúvidas foram esclarecidas.

Aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado.

Data

____/____/____

Assinatura

Apêndice 4 – Guião de Entrevista Semiestruturada
Guião de entrevista semiestruturada
Professora e Coordenadora

Guião de Entrevista – Professoras e Coordenadora

A quem se destina: Coordenadora S, Professora R.

Objetivos da entrevista:

- Compreender como a relação educativa é estabelecida e como é interpretada;
- Perceber a influência que a instituição tem na formação dos/as alunos/as;
- Compreender a visão da instituição por parte das professoras e por partes dos/as educandos/as.

Domínios	Objetivos	Aspetos específicos	Observações
Introdução	Legitimar a entrevista e motivar a entrevistada.	<ul style="list-style-type: none"> • Informar a entrevistada do trabalho de investigação a ser desenvolvido; • Solicitar a colaboração, afirmando que o seu contributo é indispensável para o sucesso do trabalho; • Certificar a entrevistada da confidencialidade das suas intervenções; • Solicitar a permissão para citar, na íntegra ou pequenos excertos do seu discurso. 	Antes de iniciar a entrevista.
Experiências pessoais	Compreender o seu percurso pessoal e as vivências que o constroem.	<ul style="list-style-type: none"> • Dar conta dos dados biográficos da entrevistada (idade, estado civil, naturalidade, nacionalidade, filhos...) • Escutar aspetos que esta considere relevantes para a sua construção enquanto pessoa (ligação com a família, aspetos que marcaram a sua infância/vida...) 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter o cuidado de pedir, sempre, exemplos concretos; • Pedir que façam um levantamento de incidentes críticos (algo que lhes crie angústia, insatisfação, preocupação).
Experiências profissionais/ Formação	Compreender o seu percurso profissional e	<ul style="list-style-type: none"> • Perceber o seu percurso escolar e académico (escola e área que frequentou, faculdade e curso onde ingressou, 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter o cuidado de pedir, sempre, exemplos concretos;

	as vivências que o constroem.	<p>experiências vividas nas diferentes etapas);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar memórias sobre a formação inicial sobretudo no que diz respeito às perspectivas sobre a relação educativa em termos teóricos e no contexto de estágio. • Fazer o levantamento de experiências profissionais anteriores e perceber como as entrevistadas se sentiram nas mesmas (motivo pelo qual escolheu aquele contexto de trabalho); • Identificar perspectivas sobre o atual emprego (como chegou a este, se se sente realizada, o que a fascina/incomoda, o que “leva” para casa como preocupação ou memória significativa). 	<ul style="list-style-type: none"> • Pedir que façam um levantamento de incidentes críticos (algo que lhes crie angústia, insatisfação, preocupação).
Concepções de Educação	Compreender as concepções da entrevistada sobre a educação e os ideais que a orientam no seu trabalho.	<ul style="list-style-type: none"> • Compreender de que forma, a maneira como pensa a educação e como esta influenciou a construção do plano curricular na sala em questão (qual o objetivo principal do plano curricular e em que ideais se concentra). • Compreender as implicações destas concepções e ideais na 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter o cuidado de pedir, sempre, exemplos concretos; • Pedir que façam um levantamento de incidentes críticos (algo que lhes crie angústia, insatisfação, preocupação). • Consultar, caso necessário, os projetos

		relação educativa que desenvolve	pedagógicos em papel.
Um dia de trabalho	Compreender a dinâmica educativa de um dia de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Relatar um dia normal de trabalho; • Perceber como a entrevistada interpreta/descreve um dia de trabalho (que aspetos foca, a que dá ênfase). 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter o cuidado de pedir, sempre, exemplos concretos; • Pedir que façam um levantamento de incidentes críticos (algo que lhes crie angústia, insatisfação, preocupação).
Relação Educativa	Compreender as percepções da professora sobre a relação entre esta e a criança/jovem é estabelecida e interpretada.	<ul style="list-style-type: none"> • Como a professora interage com as crianças, como pensa a relação e como a põe em prática; • Qual o contributo da professora para esta relação; • Qual o contributo da criança/jovem para esta relação; • Compreender a relação casa-escola/escola-casa; • Dar conta de como é estabelecida a relação entre professoras; • De que forma existe ligação/relação entre as crianças/jovens de várias idades e de várias salas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter o cuidado de pedir, sempre, exemplos concretos; • Pedir que façam um levantamento de incidentes críticos (algo que lhes crie angústia, insatisfação, preocupação).
Dimensão Educativa e Formativa da instituição	Compreender o papel da instituição na formação das crianças e jovens.	<ul style="list-style-type: none"> • Que papel acham que a instituição tem na formação das crianças e jovens; • Como é que estes meninos/as chegam à instituição e porquê; 	<ul style="list-style-type: none"> • Ter o cuidado de pedir, sempre, exemplos concretos; • Pedir que façam um levantamento de incidentes

<p>nas crianças e jovens</p>		<ul style="list-style-type: none"> • Como é que a instituição ajuda/ auxilia estes meninos/as; • A relação que existe entre as escolas que os/as alunos/as frequentam e a instituição; • Atividades que promovem, para além do acompanhamento ao estudo; • Se desenvolvem algum trabalho com as famílias; • As preocupações da instituição e dos pais centra-se apenas nos “resultados” dos/as alunos/as. 	<p>críticos (algo que lhes crie angústia, insatisfação, preocupação).</p>
-------------------------------------	--	--	---

Apêndice 5 - Transcrição Professora/Orientadora Local

Transcrição entrevista Orientadora Local

Entrevistadora – E.

Orientadora local – O.

E. – Inicialmente queria só dar conta de alguns aspetos biográficos. Idade, se é natural daqui, estado civil.

O. – Ahhh. Chamo-me R.C. Tenho 41 anos. Não sou natural de Portugal, sou natural de Zimbabué, embora seja portuguesa. Os meus pais eram emigrantes e sou natural do Zimbabué. Sou casada, tenho uma filha. Toda a vida fui professora desde que concluí a licenciatura. Sou licenciada em Filosofia, vertente educacional. Na altura nós tínhamos o ramo científico, o ramo pedagógico/educacional e eu optei educacional. Eu sempre quis fazer. Nunca soube mais nada, fui só mudando a área mas ser professora sempre foi o meu horizonte e pronto, aqui estamos.

E. – Pedia-lhe só que identificasse algumas memórias sobre a sua formação inicial que deram asas a estar a trabalhar aqui hoje e porquê que trabalha aqui. Se já trabalhou noutros sítios...

O. – Como eu estava a dizer sempre quis ser professora. Fui mudando a área alvo. Primeiro quis ser professora primária, depois passei para professora de Inglês. Estava no 12º e queria ser professora de Português e Francês mas depois apaixonei-me mesmo pela Filosofia e decidi seguir Filosofia. O objetivo era dar aulas numa escola, naqueles trémitos normais. No entanto, consegui dar aulas no ano de estágio e na altura o estágio era mesmo ter 3 turmas e fazer toda a coordenação da turma, pronto. Após esse ano... Eu casei-me esse ano e fiz opções, ou bem que concorria e ia para muito longe e, hoje em dia, reconheço que foi burrice mas pronto... Na altura não quis concorrer para os Açores, para a Madeira, até havia a hipótese de irmos para Timor porque tínhamos assistido à independência de Timor. Houve aquele massacre no cemitério de Deli e nessa altura estavam a recrutar professores para Timor. Eu não quis ir e optei por outra área e na altura os ATL's estavam a começar, toda a gente estava em ATL. E comecei a trabalhar num ATL na Maia que hoje em dia já não existe que era o Externato São Miguel e o que acontece é que comecei com meninos de 1º ciclo e dei apoio em grupo só que fui passando pelos vários ciclos. Começo com eles na 1ª classe, fiz os 4 anos da primária, depois

propuseram-me fazer também o acompanhamento de 2º ciclo e então fiz com esse grupo o 5º e 6º ano, depois propuseram-me fazer 3º ciclo e então fiz com esse grupo do 7º a meio do 9ºano. A meio do 9ºano, por várias questões, acabei por sair daquele local e abri o meu próprio centro de estudos. A verdade é que durante toda a minha formação, uma coisa eu tinha a certeza, queria ensinar os miúdos. E efetivamente eu não sei fazer mais nada, eu sei fazer outras coisas mas não me sinto realizada a fazer mais nada e em toda a formação que fui tendo, e a verdade é que quando saímos de uma faculdade não estamos minimamente preparados para o mercado de trabalho, nós temos muito conhecimento que não é nenhum, porque efetivamente nós só decoramos as coisas... a teoria e não a pomos em prática e começar a trabalhar em ATL fez-me perceber que posso saber ainda mais e cada vez mais. E se hoje me perguntassem se eu hoje gostava de estar a dar aulas ditas normais, gostava, mas acho que não me completaria. E isto tem a ver com a minha formação de base, porque eu sou de Filosofia e sendo Filosofia uma disciplina que é transdisciplinar porque a Filosofia o quê que é? É Ciências, é Matemática, é interpretação, é tudo... Num apoio ao ATL eu tenho essa transdisciplinaridade que a Filosofia me ensinou e consigo abarcar as Ciências, as Letras, tudo um bocadinho e no fundo acaba por estar a fazer Filosofia e acaba por ser isso. E as memórias que eu tenho da minha formação base é o reconhecer que eu não sei nada, reconhecer que eu cada vez tenho de aprender mais e que só com a experiência é que eu vou aprender.

E. – E agora sobre o atual emprego gostava de saber como é que chegou cá, se se sente realizada, o quê que a fascina e a incomoda e preocupações que leva para casa ou não.

O. – Ora claro que há sempre coisas que nos incomodam. Eu saí do Externato São Miguel, na altura porque muitas coisas lá me incomodavam e tudo tem um fim, por vezes, e tive desempregada 3 meses e depois surgiu a oportunidade de comprar um outro centro de estudos. Eu fiquei com um centro de estudos, eu e a minha irmã, só que eu sou muito boa professora mas eu não sou nada boa gestora, não é que não tenha feito nada mas não consegui clientes suficientes e também entramos no ano da crise. Eu abri o meu centro de estudos em 2008 e foi o ano em que rebentou a crise, essas coisinhas todas. O que acontece é que eu fui perdendo alunos e ao fim de 3 anos tivemos que por o ponto final e não dá. Pusemos o ponto final e na altura o grupo de alunos que eu tinha aconselhei outros ATL's e as referências que eu dei foram duas, (...) era República da Pequenada e foi um outro centro de estudos na Maia. Ao aconselhar aqui este centro de estudos, o A. que é um dos sócios daqui contactou-me e dado que eu estava a enviar meninos para aqui queria

falar comigo também e vim cá um dia, tive a ver as instalações e a falar com eles. Eu sei que fechei a minha sala de estudos no dia 28 de Setembro, que é o dia dos meus anos e no dia 2 de Outubro estava a começar a trabalhar na República da Pequenada porque a S. telefonou-me, era preciso com muita urgência alguém porque a L. estava grávida e entretanto iria ter o bebé. Um dos meus funcionários da altura já tinha sido chamado para vir para cá colaborar, depois precisavam de outra pessoa. Eu entrei cá no dia 2 de Outubro de 2011 e estou cá. Agora há muitas coisas que me fascina, muitas... o trabalhar com os miúdos é algo que me fascina mas na tal transdisciplinaridade que te falei ao bocadinho. Eu gosto das vertentes curriculares, mas gosto efetivamente da parte social, da parte dos afetos com os miúdos é algo que me encanta. E coisas que nos desagradam nós temos sempre, ou porque não concordamos com esta tomada de posição ou porque não concordamos com um método. Fui evoluindo entretanto cá dentro, comecei por fazer apenas 4 horas e vinha dar apoio ao 1º ciclo, ao fim de 2 meses alargaram o horário para 6 horas e comecei a dar apoio ao 2º ciclo. Estive vários anos com o 2º ciclo só, sem 1º, com o 5º e com o 6º ano e houve um ano um bocadinho atípico em que o 3º ciclo era muito grande e as professoras de 3º ciclo não chegavam para dar conta do recado. Então dado que já tinha tido experiência com o 3º ciclo propuseram-me, aliás, até fui eu que me propus na altura que foi a solução que me surgiu e comecei a ficar com o 7º ano. Fazia 2º ciclo e 7º ano. Mas depois como eu me apego muito aos miúdos e os miúdos iam crescer, eu queria acompanhar aquele grupo então eu propus-me ficar com 7º e 8º. Neste momento não tenho 2º ciclo, só tenho 7º e 8º. O 9º eu prefiro dar às minhas colegas que já trabalham com ele há muitos anos e em equipa vencedora não se mexe e eu continuo a dar o 7º e 8º ano. Entretanto fui crescendo, fomos fazendo e dinamizando várias coisas até que me propuseram coordenar o ATL e neste momento sou a coordenadora do ATL e acabo por ser o rosto do ATL porque por mim passam quase todas as coisas.

E. – Agora falando um bocadinho da sua conceção de Educação, aqui na sua sala rege-se muito por essas conceções?

O. – Sim. Eu não faço na sala nada que não faço à minha filha. E é sempre esse o meu princípio orientador. A partir do momento que eu faço à minha filha, sendo ela o meu bem maior eu tenho todo o direito de aplicar aos filhos dos outros porque não lhes faço mal nenhum, nunca vou contra a integridade física, psicológica e o bem-estar deles. A minha preocupação é que eles aprendam mas efetivamente sou exigente. Sou exigente, sou muito exigente com eles, eles sabem e obrigo-os a ser muito autónomos e muitas

vezes chateia-os porque eu não lhes dou as respostas, obrigo-os a pensar mas, por outro lado, como lhes acho muita piada dou-lhes muito gozo. Gosto muito de brincar com eles. Claro que toda a gente tem os seus dias e quando estou mal disposta eles também não me podem ver, é uma verdade. Mas a minha conceção de educação é que eles têm sempre muito a aprender mas têm de aprender de forma autónoma e tem de ser responsáveis pelo conhecimento deles. A partir do momento em que nós lhes damos as coisas de mão beijada eles não desenvolvem a curiosidade, eles não chegam a lado nenhum e são apenas um papagueadores de matérias e não é esse o meu objetivo e, muitas vezes até tenho estratégias muito diferentes daquelas que são feitas nas escolas mas é o meu modo de trabalhar. Mas tento sempre que eles sejam felizes naquilo que estão a fazer. E depois a escola não pode ser só escola, então eu paralelamente a isso eu tento dinamizar a parte lúdica, tento sempre desenvolver atividades extra. É claro que no período escolar não dá para fugir muito disso, mas arranja-se sempre um bocadinho para brincarmos para os libertarmos. E é isso que se precisa, que eles estejam descontraídos essencialmente.

E. – Agora queria pedir que relatasse um dia normal de trabalho.

O. – Ora bem, chego aqui por volta das 8h30, embora a valência do ATL seja das 8h30 às 19h. O meu dia normal começa às 8h30, chego à sala, já tenho um grupo de alunos considerável. De manhã tenho 7º e 8º ano, tenho 6 meninos de 7º ano e 10 menos de 8º. É o grupo maior, por isso é que de manhã eu nunca consigo fazer mais nada e depois ao chegar, a primazia são sempre os trabalhos de casa e a resolução de dúvidas e a resolução de dúvidas pode ser feita através de fichas, de trabalhos orientados, tão somente uma conversa que parece mais despreocupada mas o objetivo é chegar àquela matéria em concreto. Por volta das 10h35 vamos lanchar, 10 minutos a comer/lanchar e até às 11h05/11h10 há algum descanso. Depois retomamos a parte do estudo. E estamos em sala até por volta do 12h15. Aqui temos que ser muito polivalentes. Nós não somos apenas professoras, nós temos que saber fazer outras coisas, sermos auxiliares na parte do refeitório. Esta semana calha-me a mim dar almoços porque nós vamos revezando entre as professoras e esta semana ao 12h15 deço e vou dar almoços e faço acompanhamento dos almoços até cerca das 13h/13h10. À 13h10 entro eu na minha hora de almoço, descanso tomo o meu cafezinho que é a minha droga essencial e indispensável e depois às 14h30 regresso. Torno a pegar num grupo de 7º e 8º embora de 7º ano só tenha 2 meninos à tarde e depois tenho 7 meninos de 8º. As tardes são muito mais livres do que as manhãs e como tal é quando aproveito para por tudo que seja coordenação em dia,

reúno com as outras pessoas como estou a reunir contigo, é quando reúno com as professoras e estabelecemos novas estratégias, é quando recebo pais também. Os miúdos da tarde já sabem que eu desapareço muitas vezes da sala. É tudo organizado nesse sentido. Por volta das 16h30/16h35 vamos lanchar, 17h10 voltamos ao trabalho e, por norma, exceto à segunda-feira que é o dia que tenho de ficar aqui até às 19h, todos os dias alguma professora garante o fecho do ATL, no meu caso é à segunda-feira, mas hoje saio às 18h e os meninos já têm tudo orientado para testes. Às seis horas o meu horário laboral de vínculo com a RE termina mas paralelamente também sou explicadora, por isso, a partir das 18h começo as minhas explicações que normalmente são só 3 disciplinas: Português, Matemática ou Inglês. E nessas explicações já estou com meninos desde o 1º ano até ao 9ºano, mas são só explicações individualizadas que é uma coisa que também me dá muito gozo fazer porque eu consigo perceber nos olhos se estão a perceber ou não naquele momento. Em grupo é diferente. E por volta das 20h vou para casa.

E. – Um dia em cheio então... Agora ia perguntar se acha importante a relação entre as crianças/jovens e a professora?

O. – Acho essencial porque eles são adolescentes e é a faixa etária que eu mais gosto, gosto muito de crianças. Mas gosto muito de crianças adolescentes. Os adolescentes dão sempre desafios, sejam positivos, sejam negativos e eu tenho sempre que os transpor para solucionar aquele desafio, seja porque eles são muito diferentes dos adolescentes que eu conheci há 5 anos atrás e daqueles que eu conheci há 20 anos quando comecei a trabalhar em ATL, não têm nada a ver. E tento arranjar estratégias diferentes. Eu neste momento não tenho o grau de exigência que tinha há uns anos atrás e não é porque estou a ficar mais velhas e estou a perder o pulso. É porque eles efetivamente são meninos que são mais imaturos, são meninos que precisam de mais pulso e outras atenções que há 20 anos não se colocava essa questão. A afetividade é importante porque se eles não confiarem em mim e se eu não puder ser confiável para eles, eles não desenvolvem. Eles têm que estar à vontade para me perguntar o que quer que seja, seja um problema curricular, seja um problema deles e eu tenho que estar preparada para lhes dar qualquer resposta e isso só é possível numa relação muito franca. E é verdade que está muito definido quem é que é a autoridade dentro da sala e eu não tenho alunos que transponham isso, eles sabem perfeitamente que se eu entrego aquele olhar mais fechado, eles naquele dia não me vão chatear muito que é porque não estou muito bem-disposta, mas eu também percebo isso deles. E eu acho que esta relação é importante e não consigo estar numa sala e ser apenas

professora e a verdade é que os meus alunos não me chamam professora, é muito raro o aluno que me chame professora. Todos os meus alunos me chamam Raquel e me tratam por tu. O que eu estabeleço no início do ano, há aqueles que não conseguem porque efetivamente começo a ficar mais velha e começa a ser muito distante deles mas 98% dos alunos chamam-me Raquel e tratam-me por tu e é uma das formas que eu tenho para me sentir confortável. Quando me chamam professora, acho que há ali uma clivagem muito grande mas muitas colegas me perguntam se eles não me desrespeitam mas eu não tenho qualquer problema, nunca tive. Mas esta relação próxima tem que haver.

E.- E que papel acha que a instituição tem na formação destas crianças e destes jovens?

O. – Tem um papel muito importante porque estes jovens são meninos que saem de casa às 7h30 da manhã e entram em casa, muitas vezes, às 21h da noite. Ou porque os pais têm este horário alargado ou porque os pais assim estipularam, saem de manhã de casa, vão para a escola e depois têm as mil atividades extracurriculares. Eu acho que são em demasia para eles, uma coisa é o exercício físico que faz bem para descontraí-los e relaxar, outra coisa é ocupar os meninos porque é preciso ocupa-los para eles não estarem em casa a chatear e efetivamente é isto que acontece hoje. Nós somos importantes porque somos mais casa do que a própria casa deles. Nós temos que ser escola e temos que ser lar e muitas vezes nós somos as primeiras pessoas a perceber os problemas deles e a conversar com os pais. Somos aqueles que estabelecem a solução para aquele problema, ou porque já tivemos um igual ou porque sabemos que no dia-a-dia funciona assim e os pais não têm essa perceção porque eles passam pelo menos 6 horas connosco cá, incluindo o almoço. O almoço é um momento importante no crescimento e depois fazem-no durante os três ciclos. Desde o 1º ano ao 9º ano. Nós quando começamos a perceber quando aquele está mais triste ou está mais falador se passa ali qualquer coisa e a (...) é muito importante na formação deles e é tão importante que quase sempre os alunos que terminam o 12º ou a faculdade são alunos que continuam a colaborar connosco numa ou noutra situação e que convidam principalmente a gerência para ir à entrega das graduações, jantares de homenagem e a (...) está sempre muito presente. Há sempre uma relação muito muito próxima. E, infelizmente, e eu digo infelizmente porque os meninos têm muito valor mas os pais continuam a depositar em nós a culpa e a responsabilidade das notas dos miúdos. Se os miúdos tiveram más notas foi porque não os preparamos bem e se tivermos boas notas é porque nós os preparamos bem e somos fantásticos. Quando na verdade o trabalho

é dos miúdos mas os pais continuam a atribuir-nos a nós a responsabilidade das notas deles.

E. – E como é que estes meninos chegam cá e porquê?

O. – Quase todos é por publicidade boca-a-boca. Normalmente é essa publicidade. Temos vários outdoors na Maia. O que nos deu grande visibilidade foi a participação no programa Shark Tank e foi nesse momento que passamos de República da Pequenada e passamos a ser (...) e associamo-nos, neste momento a gerência não passa só pelo A. nem pela S., passa também pelo Dr. M. da D'Ouro Azul. O A. e S. participaram, ganharam uma parceria e a partir desse momento passamos a ter uma visibilidade muito maior, a procura foi muito grande e foi nesse momento que abrimos uma outra valência e passamos a ter infantário e no próximo ano já temos o pólo 2 da (...)

E. – Existe alguma relação entre as escolas que os meninos frequentam e a (...)?

O. – Não existe relação oficial, existe uma relação oficiosa. É verdade porque as escolas já nos conhecem perfeitamente, já sabem que não podem deixar sair o D. porque não chegou a carrinha para o ir buscar. Já há esse conhecimento dos miúdos e qualquer problema que haja ligam-nos para nós, não ligam para os pais. Não temos nenhuma escola a indicar-nos como um apoio, tanto que isso não é legal sequer acontecer. Mas há sempre aquele grupo de alunos daquela turma específica que anda na (...). Agora não temos nenhuma relação oficial, é oficiosa.

E. – E que atividades é que vão promovendo para além do acompanhamento ao estudo?

O. – Nós nas semanas de férias, e principalmente desde que eu sou coordenadora que tenho uma visão muito própria, eu tento fazer isso. Eu acho que as férias são férias e independentemente do aluno ter tido um bom ou um mau desempenho no período tem direito a férias. E se nós, adultos, precisamos de um tempo para o nosso cérebro descansar os alunos também precisam. Sobrecarregar os alunos com estudo nas férias é não conceder ao cérebro o período de descanso que ele necessita. É fazer com que os alunos não percebam que há ali uma pausa. Realmente os períodos dividem-se em períodos e os semestres em semestres por alguma razão, então nas férias é óbvio que eu tenho de contemplar a parte do estudo, têm de fazer os trabalhos de casa, tem de haver momentos em que alguns miúdos façam consolidações extra mas a parte lúdica tem de estar muito presentes. E, nesse sentido, fazemos muitos workshops, tentamos alertá-los para muitas

questões. Tentamos sempre pegar nas questões que são mais prementes para eles, naquelas que vamos detetando mais falhas ao longo do ano e vamos desenvolve-las. E queremos pô-los divertidos, é muito importante porque eles não se sabem divertir. Eles não se sabem divertir de formas variadas, eles só se divertem com uma playstation, com telemóvel ou com um jogo eletrónico qualquer. Eles estão na mesma sala com os fones colocados a falar no jogo com o outro que está ali. Nós tentamos sempre não fazer isso e tentamos fazer sempre atividades desportivas ao ar livre se o tempo permitir, fazemos também atividades e agora andamos na onda de atividades de fuga de salas após resolução de enigmas, o cinema é sempre uma atividade que tem de ser. Eles aprendem muito com o cinema. Desde há 3 anos fazemos o passeio de final de ano, tem dois dias tem de ter água e vamos para algum lado, pernoitamos com eles e nessa altura passamos a ser tão adolescentes quanto eles e eles acabam por se divertir e é proibido falar de escola. Depois temos o mês de Julho todo dedicado à praia de manhã e na parte da tarde fazemos atividades deste género, por isso o mês de Julho é muito cansativo para nós, em termos físicos e em termos criativos. Os pequeninos acham piada a qualquer coisa, mas os grandes acham tudo uma seca. O mês de Agosto não fazemos efetivamente nada, estamos cá mas não desenvolvemos atividades orientadas e eles têm de pensar naquilo que querem fazer e orientamo-los naquilo que eles estão a fazer. É o mês livre e é o mês que temos menos meninos. A (...) em ATL tem cerca de 170 meninos e é um grupo muito grande para arranjar atividades, mas é outro dos desafios.

E. – Queria perceber se desenvolvem algum tipo de trabalho com as famílias ou se só têm reuniões de vez em quando?

O. – Nós com os familiares reunimos sempre que eles solicitam e sempre que acharmos necessário. E podemos reunir por todas as razões, seja por uma razão escolar seja por a tal questão de acharmos que o miúdo não está bem e é necessário perceber porque é que ele está triste. Depois paralelamente tentamos desenvolver algumas ações com os pais, rastreios, festas que nós fazemos, workshop de nutrição e tentamos estar sempre em sintonia o mais possível. Porque o objetivo é trabalhar com os pais.

E. – Agora para terminar gostava de perceber se as preocupações da (...) e dos pais se centram apenas nos resultados dos jovens?

O. – Nós temos tudo. Infelizmente o grosso é uma preocupação centrada apenas nos resultados mas isto tem a ver com a cultura que nós estamos a criar agora, porque

efetivamente vive-se para as notas, para os resultados e os pais não numa forma deliberada, mas os pais acham que têm sempre miúdos extremamente inteligentes em casa. Eles podem ser perspicazes mas nem todos somos iguais e efetivamente não podemos ser bons em tudo. Um excelente aluno não é um aluno que tira 5 a tudo, um excelente aluno pode ser um aluno que tire 3 a tudo e que tenha desenvolvido outras competências. Os pais não entendem isso mas também não têm de o entender porque eles são pais não são educadores formais, nem professores. O que acontece é que os pais procuram os resultados, quando os alunos não atingem procuram outras soluções e temos meninos a sair daqui porque não atingiram os 5 a tudo. Nós colaboramos também com uma psicóloga que nos ajuda nesse trabalho de explicitação aos pais. Os pais não compreendem. Mas por outro lado, e também temos coisas boas, há pais que os compreendem e que o intuito é que os alunos/filhos se sintam bem no que andam a fazer. Ainda temos um terceiro tipo de pais que são aqueles pais que não ligam nada às notas e só querem que os miúdos sejam felizes, ou seja, temos a exigência desmedida mas também temos o relaxamento exagerado. O meio termo seria, na minha opinião, seria o adequado, perceber as limitações dos nossos filhos e nem toda a gente gosta de todas as áreas mas todas são importantes. Os pais não entendem isso, por vezes. Mas os pais são pais. Mas há uma preocupação muito centrada nas notas.

Apêndice 6 - Transcrição de Entrevista a Coordenadora

Coordenador – C.

Entrevistadora – E.

E. – Inicialmente só queria que desse conta de alguns aspetos biográficas que ache que deva salientar. Idade, etc...

C. – Chamo-me S.S. Tenho 40 anos e sou responsável por esta instituição há 15.

E. – Muito bem. Agora alguns aspetos que marcaram a sua vida e construção enquanto pessoa e que a levaram a exercer a sua atual profissão.

C. – Ahhhh... desde criança que sempre gostei de ajudar os outros. Principalmente os idosos e as crianças e com a passagem do tempo o gosto não alterou... Quando eu fui para a faculdade escolhi um curso dirigido à deficiência que era uma das áreas que eu queria trabalhar e, por isso, ser terapeuta da fala. Quando tirei o curso tive vontade de criar um projeto de integração e foi assim que surgiu a instituição, por isso, acho que é uma característica minha desde tenra idade.

E. – Queria perceber um bocadinho do seu percurso escolar e académico.

C. – Eu frequentei Terapia da Fala, pronto... frequentei sempre escolas públicas e a faculdade que eu frequentei foi a Escola Superior de Saúde do Porto, pronto... e tirei a Licenciatura.

E. – Agora queria que fizesse o levantamento de experiências profissionais anteriores ou se só trabalhou aqui.

C. – Trabalhei... eu estive em dois projetos... fora depois clínicas privadas. Um dos projetos estava ligado à Segurança Social, trabalhei 2 anos, ou seja, eram equipas multidisciplinares: terapia da fala, terapia ocupacional, ensino especial e psicóloga. E nós íamos às misericórdias e à obra diocesana e então fazíamos acompanhamento às crianças deles e depois as crianças sinalizadas a Segurança Social financiava e nós fazíamos o acompanhamento individualizado. Pronto. Estive neste projeto 2 anos depois entretanto as verbas acabaram e o projeto teve que acabar e eu estive depois mais 2 anos numa clínica que era personalizada em Barcelos, que era uma clínica grande em que tinha diferentes técnicos e diferentes valências. Pronto. Só que depois a vontade de criar um projeto meu foi muito e saí de lá também para criar o projeto.

E. – Era isso que queria perguntar agora. Como é que surgiu o atual emprego?

C. – A (...) surgiu porque nós reparamos que enquanto as crianças andavam a nível do infantário que eram integradas e quando as crianças iam para a idade escolar nós sentíamos que a integração não era feita. Daí nós criarmos e iniciarmos o projeto com ATL de 1º ciclo e 2º ciclo e a clínica associada para fazermos essa integração, depois os pais foram pedindo para nós alargarmos para outros ciclos e à cerca de 2 anos começamos a fazer intervenção precoce com a abertura do infantário. E foi assim que surgiu, pela necessidade que tínhamos de crianças mais velhas não estarem a ter o devido acompanhamento.

E. – Gostava de saber de que forma pensa a Educação e de que forma estas concepções estão presentes aqui na (...).

C. – Eu encaro a educação... para mim a educação deveria ser vista de uma forma global, ou seja, acho que na escola a educação é muito dada na explanação das matérias e dos conteúdos programáticos e todas as outras vertentes educacionais estão um bocadinho perdidas, assim como acho que os pais têm um papel fundamental na educação e penso que hoje em dia, a realidade que nós observamos é que eles estão cada vez mais a libertar-se desse papel. Nós aqui na nossa instituição o que tentamos é fazer isto de forma holística, ou seja, independentemente da lecionação das matérias e dos conteúdos programáticos é importante criar estes seres humanos de uma forma mais global, tendo em conta os princípios, os valores, o civismo que é algo que hoje em dia se está a perder, porque achamos que só um ser humano completo é que irá dar um profissional e um ser humano de sucesso. E é desta forma que nós tentamos implementar a educação aqui na (...). Uma educação visto como uma forma global. E acima de tudo, também de respeito. Respeito pelo outro.

E. – Agora queria compreender se acha importante a relação entre as professoras e os alunos, aqui no ATL?

C. – Eu acho fundamental. Primeiro porque as professoras serão sempre o modelo e quando nós nos identificamos com o adulto que está à nossa frente, independentemente do papel que ele tem, neste caso o de ensino e da transmissão de conhecimentos, nós vamos ficar com esse modelo para o resto da vida. Se o modelo for bom nós vamos poder aproveitar essas características e quem sabe um dia pô-las em prática. Além disso, essa proximidade vai permitir que o papel de transmitir conhecimento seja mais fácil, esteja mais facilitado porque o aluno vai-se identificar com a pessoa e vai sentir-se mais motivado e vai ter o à vontade de tirar as dúvidas e também se vir numa professora uma amiga, consegue falar com este adulto as suas dúvidas, os seus problemas e inclusivamente eles terem um papel ativo na sua educação.

E.- Queria agora perceber como é que estes meninos e meninas chegam à instituição.

C. – Neste momento, as crianças ou os jovens que nos chegam à instituição já vêm muito pela referência e pelo nome que a (...) tem em termos de praça, digamos assim. No início foi um trabalho muito feito com os primeiros meninos que nos chegaram. Esses meninos foram fundamentais porque foram eles que fizeram o nome da casa e efetivamente fizemos bons trabalhos e daí agora a procura e inclusivamente o facto de termos lista de espera, não é?!

E. – Que atividades promovem na parte do acompanhamento ao estudo, que foi onde eu estive.

C. – As atividades que nós promovemos tentamos sempre criar atividades lúdico pedagógicas ou desportivas também porque achamos que hoje em dia temos que combater o sedentarismo. Normalmente nestas atividades tentamos ir ao encontro das dúvidas que eles têm e dessa forma realizamos muitos workshops relacionados com o bullying, com a sexualidade, com as primeiras relações, com a adolescência, mesmo sobre o civismo também de forma a que algumas das áreas que nós sentimos que não estão bem trabalhadas nós podemos trabalhar desta forma e chegar a eles desta forma. Depois

também aproveitamos para nestes workshops abordar determinadas matérias que sabemos que vão ser abordadas na escola e criamos workshops de ciências, de culinário, de cursos intensivos de inglês para o 4ºano e cursos intensivos de francês para o 7ºano. Pronto, tentamos efetivamente motivá-los para o ensino. Depois temos todas aquelas atividades que eles gostam muito de lazer porque também é importante a socialização e tentamos que a socialização seja feita sem o recurso a ferramentas informáticas e vamos com eles ao cinema, passeios, parques, por isso, lá está, esta forma holística de ver o ser humano e tentarmos abarcar todas as vertentes neles existentes.

E. – Agora para terminar, gostava de saber se acha que a grande preocupação dos pais em colocar aqui os filhos, é principalmente as notas.

C. – Depende dos casos. A maioria efetivamente recorrem para ou subir notas ou entrar no patamar de excelência, de ter sempre o filho num patamar de muito boas notas. Mas como nós fazemos integração de crianças com NEE para esses pais obviamente que as expectativas não são as notas mas é todo o apoio complementar que nós conseguimos dar. Depois também já há pessoas que nos procuram não tanto pelas notas, apesar de ser uma pequena parte, mas acontece, mas por saber que o projeto é munido de princípios e de valores e que há, lá está, a parte educação que muitas vezes eles não sentem noutras instituições. Sentem que as instituições são mais frias, mais desligadas e que ligam muito mais à parte financeira do que à parte humana e temos alguns pais que nos procuram por esse lado humano. Principalmente ao nível de faixas etárias mais pequenas e por todo o apoio que nós damos às famílias. Porque nós damos um suporte à família muito grande deste a alimentação, desde os transportes, nos momentos de férias... nós estamos abertos 12 meses ao ano, ou seja, há uma panóplia de argumentos que os pais quando optam por nós não especificamente por aquele fator, se calhar aquele fator é o mais importante, mas escolher a (...) em detrimento de outros ATL's passa muito por isto, por todos os pontos que eu foquei e não só pelas notas.

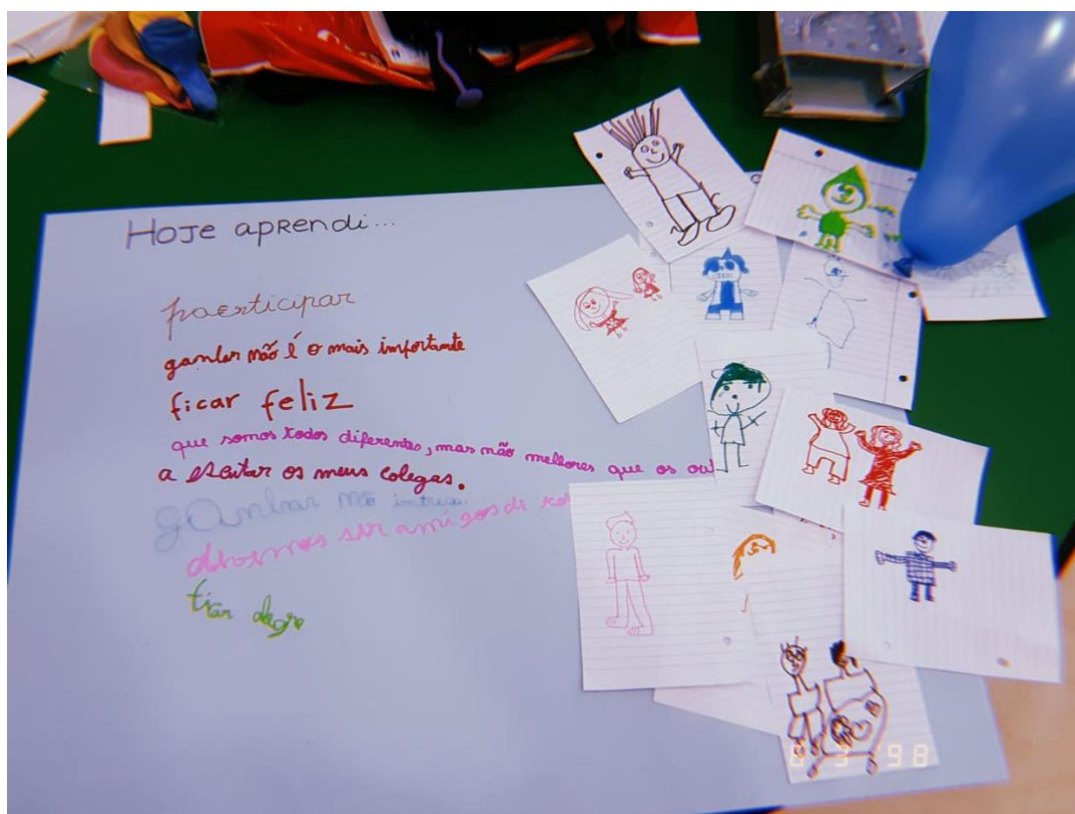
E. – Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa.

C. – Esqueci-me de dizer que outro princípio que nós incentivamos muito aqui também é a questão da solidariedade e da ajuda ao outro. Quer interna porque antes de nós ajudarmos o externo devemos-nos preocupar com quem efetivamente está ao nosso lado e aí tentamos que eles tenham essa cumplicidade com os colegas e quando há colegas com dificuldades que eles se responsabilizem e os ajudem e, depois, ultrapassada esta situação, nós também criamos situações de solidariedade com instituições ou causas externas. Porque é importante que eles vejam o lado bom e o lado menos bom da comunidade e do que nos rodeia.

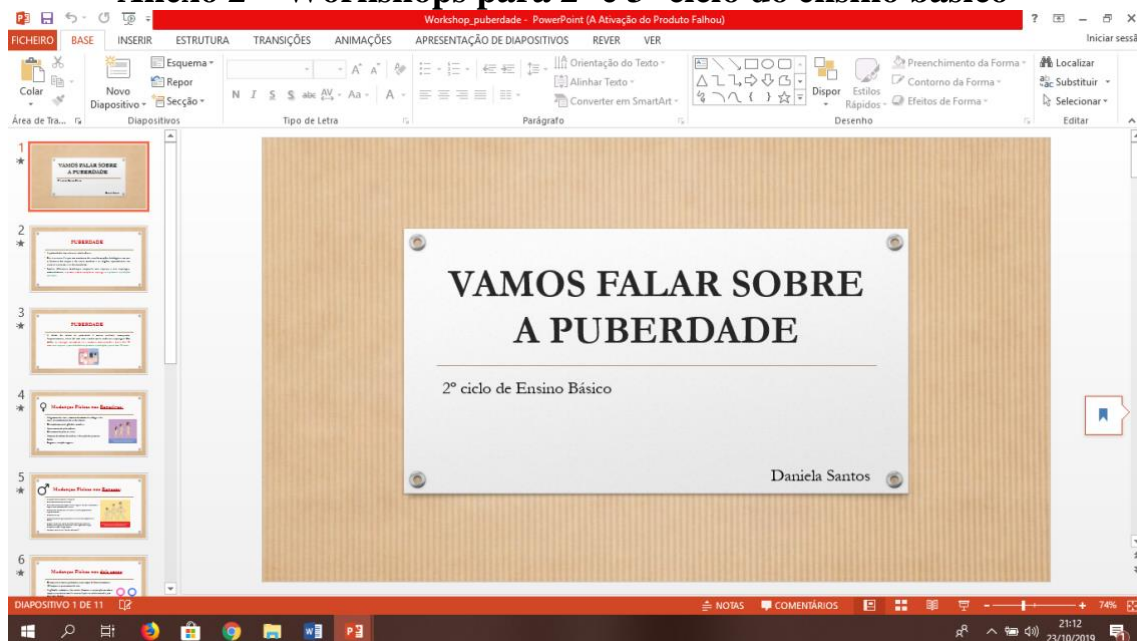
E. – Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa... Queria agradecer a sua disponibilidade porque já lhe roubei algum tempo.

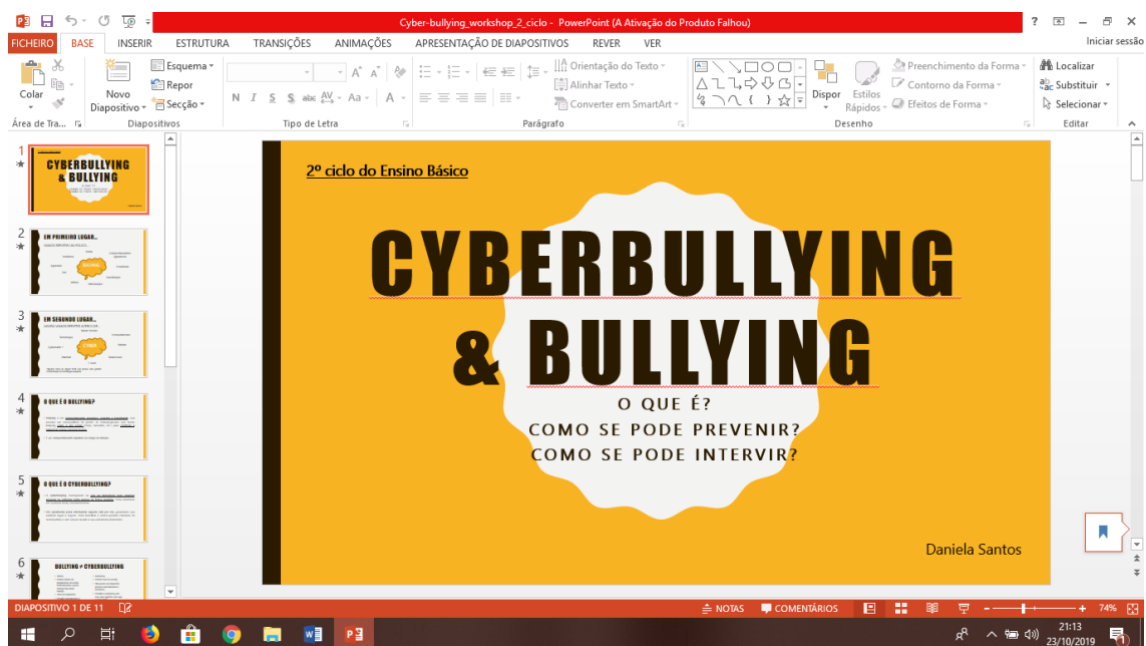
Anexos

Anexo 1 – Dinâmicas de Grupo – Reflexão Final



Anexo 2 – Workshops para 2º e 3º ciclo do ensino básico





Anexo 3 – Atividades finais de workshops realizadas por alunos/as



A violência é para
levar a peito
numa relação tem que
haver respeito

Workshop Violência no Namoro – 3º ciclo



Anexo 4 – Panfleto “Violência no Namoro”



**QUEM TE AMA
NÃO TE AGRIDE**

**VIOLÊNCIA NO
NAMORO**

A violência no namoro é um ato de violência, pontual ou contínua, cometida por um dos parceiros (ou por ambos) numa relação de namoro, com o objetivo de controlar, dominar e ter mais poder do que a outra pessoa envolvida na relação. Acontece quando o/a nosso/a parceiro nos magoa (física, emocional ou sexualmente) e controla-nos e a nossa relação. As relações em que existe violência não são todas iguais e não é obrigatório que incluam violência física. Na mesma relação podem ocorrer várias formas de violência.

LEMBRA-TE SEMPRE:

- ❖ A violência nunca é uma forma de expressar amor ou paixão por outra pessoa.
- ❖ Os ciúmes não servem de justificação para qualquer comportamento violento.

É fundamental procurar ajuda. Contar a um adulto em que confiamos o que se está a passar é a única forma de outra pessoa saber o que se passa connosco e poder apoiar-nos e proteger-nos.

VIOLÊNCIA FÍSICA
(Quando te seguram, te agredem, te atam objetos, te batem...)

—————

VIOLÊNCIA SEXUAL
(Quando te obrigam a praticar atos sexuais, te acataram sem te queres...)

—————

VIOLÊNCIA VERBAL
(Quando te chamam nomes, te grita, te humilha, te intimida e ameaça)

—————

VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA
(Quando te perturbam ou escondem objetos, controlam a tua maneira de vestir, te ligam constantemente ou enviam mensagens...)

—————

VIOLÊNCIA SOCIAL
(Quando te envergonham, mostram teu relacionamento sem o teu consentimento...)

DANIELA SANTOS
Workshop sobre Educação Sexual
Ano Letivo 2018/2019

